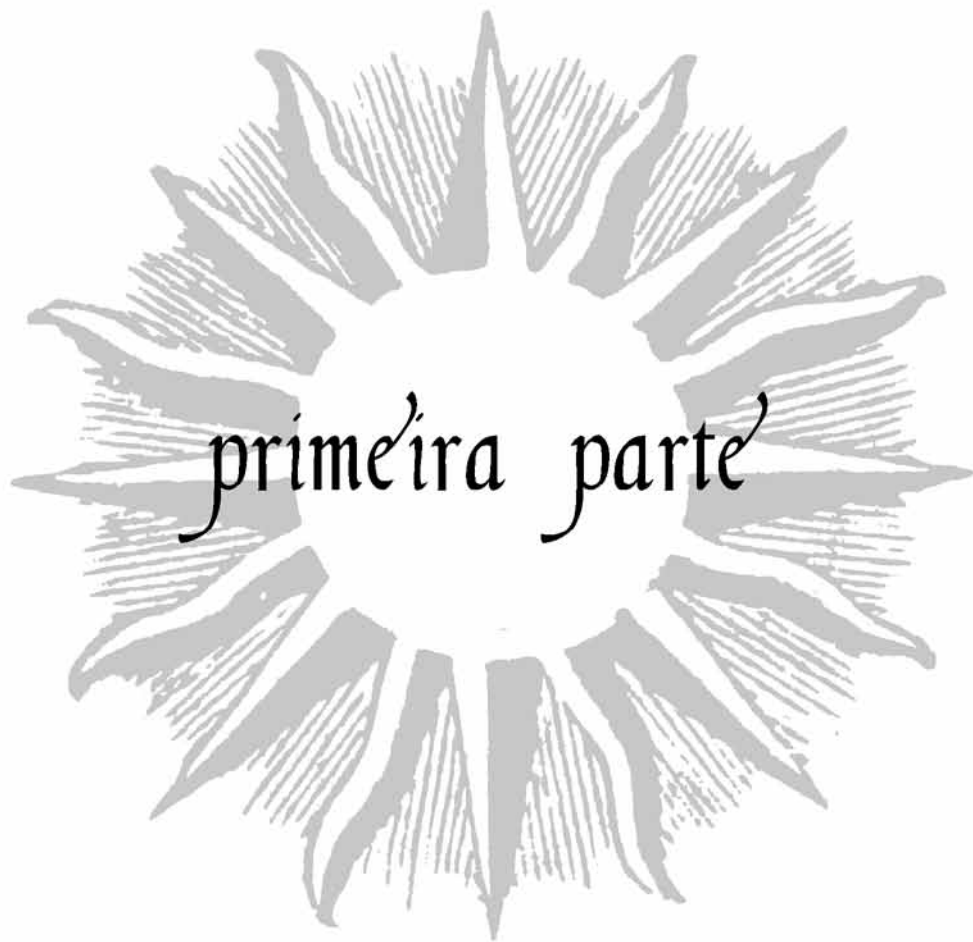
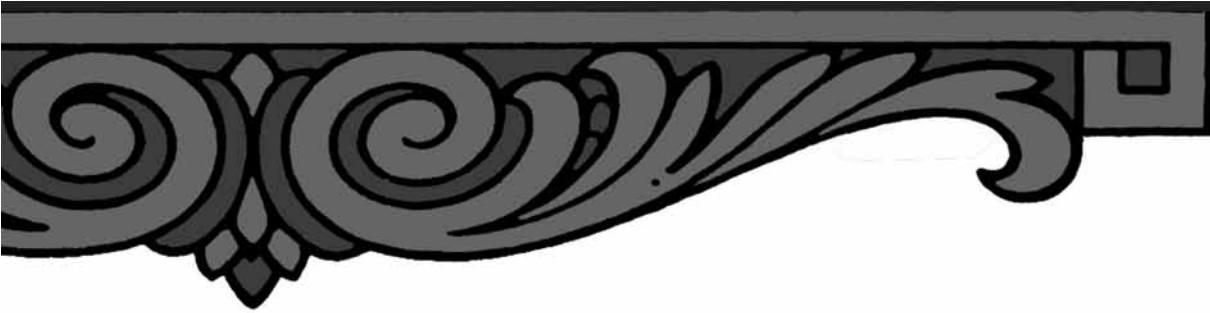


anne bishop  
RAINHA DAS  
TREVAS

Tradução de Cristina Correia







*primeira parte*



## CAPÍTULO UM

### 1 / Terreille

Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema do Território Hayll, subiu devagar os degraus até à plataforma em madeira. Era uma manhã soalheira no início do Outono e uma vez que Draega, a capital de Hayll, estava localizada mais a sul, os dias permaneciam a uma temperatura agradável. O pesado manto preto que envolvia o corpo de Dorothea fazia com que transpirasse. Sob o grande capuz, o cabelo estava húmido e sentia comichão no pescoço. Não importava. Dentro de breves minutos, poderia rasgá-lo em pedaços.

Ao chegar à plataforma, viu a lona grosseira estendida à frente, junto à multidão expectante, começando de imediato a respirar pela boca, a um ritmo rápido. Tola. Usara todos os feitiços que conhecia para manter em segredo aquilo que se encontrava debaixo da lona, até ao momento certo. Esforçando-se por respirar normalmente, atravessou a plataforma, detendo-se a alguns centímetros da lona.

A observá-la com circunspeção e ressentimento, estavam as Rainhas de todos os Territórios do Reino de Terreille. Exigira que todas as Rainhas de Territórios se fizessem acompanhar de duas das Rainhas de Província mais poderosas e dos Príncipes dos Senhores da Guerra que as servissem. Estava ciente de que muitas dessas Rainhas, em especial as que provinham dos Territórios mais a ocidente, aguardavam algum tipo de armadilha.

Bem, as cabras tinham razão. Contudo, se o engodo fosse apresentado de forma apropriada, iriam atirar-se para a armadilha sem pensar duas vezes.

Dorothea ergueu os braços. O rumorejo da multidão foi-se silencian-do. Usando a Arte para aumentar o volume da voz, permitindo assim que todos a ouvissem, iniciou a jogada seguinte no jogo mortal pelo poder.

— Minhas Irmãs e meus Irmãos, convoquei-os para vos prevenir em relação ao que descobri recentemente, algo que ameaça todos os membros dos Sangue em todo o Reino de Terreille.

“No passado, pratiquei acções horrivelmente cruéis. Fui responsável pela destruição de Rainhas e de alguns dos melhores machos do Reino. Difundi o medo nos Sangue para me tornar no poder dominante de Terreille. Eu. Uma Sacerdotisa Suprema que tem presente, melhor do que ninguém, que uma Sacerdotisa não pode substituir uma Rainha, mesmo que possua um grande domínio e um grande poder na Arte.

“Carregarei o remorso e o peso desses actos até ao fim dos meus dias. Mas agora vos digo: FUI USADA! Há algumas semanas, ao utilizar as minhas mestrias como Viúva Negra para tecer uma teia entrelaçada de sonhos e visões, rasguei inadvertidamente um véu mental que me envolvia ao longo dos séculos em que fui Sacerdotisa Suprema de Hayll. Abri caminho, a custo, através desse nevoeiro mental e observei, por fim, o que as minhas teias entrelaçadas me tentavam transmitir há muito.

“*Há* alguém que pretende dominar Terreille. *Há* alguém que tenciona subjugar todos os Sangue deste Reino. Mas não sou eu. Fui o instrumento de um ser maléfico e monstruoso que deseja esmagar-nos e reduzir-nos a cinzas, que brinca connosco da mesma forma que um gato brinca com um rato antes de desferir o golpe mortal. Esse monstro tem nome – um nome que foi temido durante milhares e milhares de anos e justificadamente. O nosso aniquilador é o Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno.

Da multidão, ergueu-se um burburinho apreensivo.

— Duvidam do que digo? — gritou Dorothea. Arrancou o manto, lançando-o para o lado. O cabelo branco e fino que fora espesso e preto até há algumas semanas, caía-lhe pelos ombros. O rosto abatido e vincado por rugas contorceu-se e os olhos dourados encheram-se de lágrimas ao mesmo tempo que o burburinho dava lugar a exclamações chocadas. — Vejam o que me aconteceu ao lutar para me libertar dos seus encantamentos ardilosos. *Olhem para mim*. Foi este o preço que paguei, para vos alertar do perigo.

Dorothea pôs a mão no peito, respirando com dificuldade.

O seu Administrador avançou e segurou-lhe o braço delicadamente, para a apoiar. — Tendes de parar, Sacerdotisa. É demasiado para vós.

— Não — arfou Dorothea, continuando a usar a Arte para amplificar o som da sua voz. — Tenho de lhes dizer tudo enquanto consigo. Posso não dispor de outra oportunidade. Logo que se aperceba de que me dei conta...

A multidão ficou em silêncio.

Baixando a mão, Dorothea endireitou-se o melhor que pôde, ignorando a dor na coluna. — Não fui o único instrumento do Senhor Supremo. Entre vós, há quem tenha sofrido a desdita de ter Daemon Sadi ou Lucivar Yaslana a servir nas vossas cortes. Que as Trevas me perdoem, eu enviei

esses monstros para Territórios frágeis e, por causa deles, Rainhas morreram. Alturas houve em que cortes inteiras foram destruídas. Tanto eu como Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, julgávamos que os estávamos a enviar para servirem noutras cortes obedecendo à nossa própria vontade, na esperança de que pudessem ser controlados. Contudo, fomos manipuladas para que fossem enviados para esses Territórios *pois são os filhos do Senhor Supremo!* São a descendência daquela criatura brutal e tornaram-se nas suas ferramentas de destruição. O controlo que julgávamos exercer sobre os dois não passava de uma mera ilusão, uma venda para esconder o verdadeiro propósito.

“Ambos desapareceram há muitos anos. A maioria de nós esperava que tivessem morrido. Não foi assim. Fui informada por alguns Irmãos e Irmãs que revelaram uma grande coragem e que vivem actualmente na Pequena Terreille, localizada no Território de Kaeleer, que tanto Yaslana como Sadi estão no Reino das Sombras, onde o Senhor Supremo tem vivido sob a capa de Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan. As crias da víbora regressaram ao ninho.

“Mas há mais. O Senhor Supremo exerce uma influência nefasta sobre a maioria das Rainhas de Territórios em Kaeleer e controla em absoluto uma jovem mulher que é a Rainha mais poderosa de todos os Reinos. Com a força dela a apoiá-lo, dominar-nos-á — a menos que ataquemos primeiro. Não temos escolha, meus Irmãos e minhas Irmãs. Se não destruímos o Senhor Supremo e todos os que o servem, as crueldades que pratiquei como seu instrumento parecerão brincadeiras de criança.

Dorothea fez uma breve pausa. — Muitos de vós têm amigos ou entes queridos que fugiram para Kaeleer como forma de escaparem à violência que tem vindo a sufocar Terreille. Vejam o que aconteceu a muitos dos que correram para os braços sedutores do Senhor Supremo.

Mediante a Arte, afastou abruptamente a lona que cobria a parte da frente da plataforma. De imediato, colocou a mão sobre a boca para não vomitar, enquanto as moscas esvoaçavam dos corpos mutilados.

Os gritos apoderaram-se do ambiente. Um guincho pungente de dor e de raiva sobrepôs-se às outras vozes. Depois outro e outro, à medida que as pessoas junto à plataforma reconheciam o que restava de um rosto ou reconheciam uma jóia.

Novamente utilizando a Arte, Dorothea voltou a colocar a lona sobre os corpos, com delicadeza. Aguardou vários minutos até os gritos se tornarem soluços abafados.

— Quero que saibam — disse. — Farei uso de tudo o que aprendi na Arte, de cada gota de forças que possua para derrotar este monstro. Todavia, sozinha certamente serei derrotada. Se nos mantivermos unidos e lutarmos

juntos, temos hipóteses de nos livrarmos do Senhor Supremo e daqueles que o servem. Muitos de nós não sobreviverão a esta batalha, mas os nossos filhos... — A voz embargou-se. Levou um momento a prosseguir. — Mas os nossos filhos conhecerão a liberdade que nos custou tanto a obter.

Voltando-se, tropeçou. O Administrador e o Guarda-Mor ajudaram-na a atravessar a plataforma e a descer os degraus. Enquanto instalavam Dorothea cuidadosamente na carruagem aberta para a curta viagem de regresso à mansão, tinham lágrimas nos olhos que denotavam um orgulho feroz. Quando tentaram acompanhá-la, abanou a cabeça.

— Têm obrigações a cumprir aqui — afirmou, debilmente.

— Mas, Sacerdotisa... — tentou protestar o Guarda-Mor.

— Por favor — disse Dorothea. — A vossa força irá servir-me melhor se ficarem aqui. — Invocando um pedaço de papel dobrado, entregou-o ao Administrador. — Se estas Rainhas pedirem para falar comigo, marca uma audiência para esta tarde. — Dorothea viu o protesto nos olhos do Administrador, que nada disse.

O cocheiro incitou os cavalos.

Dorothea recostou-se e fechou os olhos para esconder a satisfação. *Bem, grande filho da puta, aí está a minha primeira jogada. E agora, façam o que fizerem, tudo será usado contra ti.*

## 2 / Terreille

Alexandra Angelline sentiu arrepios de frio apesar do calor do sol matinal, enquanto aguardava que Philip Alexander regressasse da verificação dos corpos dilacerados que jaziam na plataforma em madeira. Lançou um feitiço de aquecimento no pesado xaile de lã, certa de que de nada serviria. Nenhuma fonte externa de calor aqueceria o frio no seu âmago.

*É prematuro, pensou, desesperada. Wilhelmina atravessou o Portão ontem de manhã. Não pode estar entre...*

Vania e Nyselle, as duas Rainhas de Província que a acompanharam, já tinham regressado à estalagem, juntamente com os acompanhantes. Não se tinham oferecido para aguardar com ela. Alguns anos atrás – algumas *semanas* atrás – ter-se-iam oferecido. Ainda acreditavam nela, apesar dos problemas no seio da sua família.

Contudo, algumas semanas atrás, alguém enviara mensagens misteriosas às trinta feiticeiras mais fortes de Chaillot – excluindo-a, bem como à filha, Leland –, convidando-as para uma visita a Briarwood e prometendo resolver o enigma sobre o que acontecera às jovens raparigas das suas famílias internadas no hospital e que desapareceram sem deixar rasto.



Briarwood, que fora edificado para acolher e tratar de crianças emocionalmente perturbadas, estava fechado havia vários anos, desde que aquela inexplicável enfermidade começara a afligir dúzias de homens das famílias aristocratas de Beldon Mor, a capital de Chaillot – uma enfermidade que parecia interligada àquele lugar.

As feiticeiras chegaram na noite indicada e foram-lhes revelados os segredos e os horrores de Briarwood. A guia, uma rapariga demónia-morta chamada Rose, foi implacável ao apresentar-lhes os fantasmas. Uma Sacerdotisa encontrou a prima emparedada, desaparecida desde criança. Uma Rainha de Província reconheceu o que restava da filha de uma amiga.

Viram as salas de jogos. Viram os cubículos que continham as camas estreitas. Viram a horta e a rapariga com a perna amputada.

Entorpecidas pelo que testemunhavam, seguiam Rose, que lhes sorria e lhes contava detalhadamente a razão pela qual cada criança morrera e o modo como morrera. Contou-lhes acerca das outras crianças demónias-mortas que passaram para o Reino das Trevas, indo viver com as restantes *cildru dyathe*. Recitou a lista dos “tios” de Briarwood, os homens que apoiaram e usaram aquele deturpado parque de diversões carnal. E recitou uma lista de feiticeiras quebradas provenientes das famílias aristocratas cuja instabilidade emocional fora “curada” – tendo também sido despojadas do poder interior – e que regressaram a casa.

Um dos homens que Rose citou foi Robert Benedict, o anterior marido de Leland e um membro importante do conselho de machos – um conselho que fora já dizimado por aquela enfermidade misteriosa.

Quando uma Curandeira do grupo inquiriu sobre a doença, Rose sorriu, uma vez mais, e disse: — Briarwood é o veneno embelezado. Não existe cura para Briarwood.

Alexandra fechou o xaile mas os arrepios continuaram.

A raiva que grassou teve como resultado a dilaceração de Chaillot. Beldon Mor tornou-se um campo de batalha. Os membros do conselho de machos que ainda não tinham morrido devido à enfermidade, foram cruelmente executados. Depois de vários homens das famílias aristocratas terem morrido por envenenamento, muitos outros fugiram para estalagens ou para um dos seus clubes visto terem um medo de morte de comerem ou beberem o que quer que tivesse passado pelas mãos das mulheres das respectivas famílias.

Passada a primeira vaga de raiva, as feiticeiras dirigiram a fúria para Alexandra. Não a responsabilizavam por Briarwood, uma vez que fora construído antes de se tornar Rainha de Chaillot, contudo culpavam-na, *isso sim*, e amargamente, pela cegueira. Estava tão obcecada em manter a influência de Hayll afastada de Chaillot e a tentar preservar algum poder

face ao conselho de machos, que não vira o perigo já existente. Disseram que era o mesmo do que discutir com um homem por lhe apalpar os seios já tendo a pila enfiada entre as pernas.

Culpavam-na por Robert Benedict ter vivido na sua casa durante tantos anos e ter dormido com a sua filha. Se não conseguia reconhecer o perigo quando se sentava à sua frente, dia após dia, como poderia proteger o seu povo contra qualquer outro tipo de ameaça?

Culpavam-na por Robert Benedict e por todas as jovens feiticeiras que morreram ou que foram quebradas em Briarwood.

Culpava-se a si própria pelo que acontecera a Jaenelle, a sua neta mais nova. Permitira que essa criança invulgar e complicada fosse fechada naquele lugar. Não tinha conhecimento dos segredos de Briarwood, porém, se não tivesse ignorado as histórias fantasiosas de Jaenelle, se as tivesse encarado como a súplica de uma criança por atenção ao invés de um problema social embaraçoso, Jaenelle nunca teria sido internada em Briarwood. E se não tivesse ignorado o ódio da rapariga pelo Dr. Carvay, teria sabido da verdade mais cedo?

Não sabia. E era tarde demais para encontrar as respostas.

Agora, o problema familiar era outro. Há onze anos, Wilhelmina Benedict, a filha do primeiro casamento de Robert, fugira depois de alegar que Robert a tentara assediar sexualmente. Philip Alexander, o meio-irmão bastardo de Robert, encontrara a sobrinha, recusando-se revelar o seu paradeiro. Na altura, Alexandra ficara enfurecida com Robert por manter em segredo a localização de Wilhelmina. Posteriormente, perguntou-se se Philip teria alguma ideia do que se encontrava sob a aparência zelosa de Briarwood, em especial por ter sido determinante para o empurrão final que viria a ditar o encerramento daquele sítio.

Há dois dias, recebera uma carta de Wilhelmina, informando-a de que a rapariga estava de partida para Kaeleer, o Reino das Sombras. Não – Wilhelmina tinha agora vinte e sete anos, já não era uma rapariga. Não importava. Não deixava de ser da família. Era ainda a sua neta.

Alexandra abanou a cabeça para quebrar a linha de pensamento e reparou que Philip caminhava na sua direcção. Sustendo a respiração, perscrutou-lhe os olhos cinzentos.

— Não está lá— disse Philip calmamente.

Alexandra soltou a respiração com um suspiro. — Graças às Trevas. — Contudo, compreendeu o que ficara por dizer: *ainda não*.

Philip ofereceu-lhe o braço. Aceitou, agradecida pelo apoio. Era um bom homem, o oposto do seu meio-irmão. Ficara satisfeita quando ele e Leland celebraram esponsais e a satisfação foi ainda maior quando decidiram casar, passado o ano de esponsais.

Alexandra olhou para trás, para a plataforma onde Dorothea proferira aquele horríbil discurso. — Acreditas nela? — perguntou baixinho.

Philip conduziu-a através de magotes de pessoas que se encontravam ainda em choque e que se agrupavam, reunindo coragem para examinarem os corpos mutilados. — Não sei. Mesmo que somente uma parte do que disse corresponda à verdade... se Sadi... — Faltou-lhe a voz.

Alexandra ainda tinha pesadelos com Daemon Sadi. Também Philip, por razões distintas. Sadi tinha ameaçado Alexandra quando Jaenelle foi internada em Briarwood pela última vez, proporcionando-lhe o sabor da tumba. Quando libertou o poder negro para quebrar o Anel de Obediência, destruíra metade dos Sangue com Jóias de Beldon Mor. Apanhado por essa explosão, a força de Philip fora quebrada, regredindo para a Jóia Verde de Direito por Progenitura.

— Podemos apanhar uma Carruagem esta noite — disse Philip. — Se adquirirmos passagem para uma que viaje pelos Ventos mais escuros, estaremos em casa pela manhã.

— Ainda não. Gostaria que falasses com o Administrador de Dorothea. Tenta marcar uma audiência.

— És Rainha — ripostou Philip. — Não devias ter de mendigar por uma audiência com uma Sacerdotisa, não importa quem...

— Philip. — Apertou-lhe o braço. — Agradeço a tua lealdade, porém, neste momento, *somos* mendigos. Não me posso dar ao luxo de mais suposições. Não estou convencida de que Dorothea não seja o monstro que sempre aparentou ser, mas *estou* plenamente convencida de que o Senhor Supremo *representa* uma ameaça maior. — Arrepiou-se. — Temos de ir a Kaeleer à procura de Wilhelmina. Não podemos ir sem ter todo o conhecimento possível sobre o inimigo, independentemente da fonte de informações.

— Está bem — disse Philip. — E Vania e Nyselle? Acompanham-nos?

— Ficarão ou irão, a escolha é delas. Com certeza não se importarão com o que faço. — Suspirou. — Quem diria, há um mês, que teria de considerar a ideia de ter Dorothea como aliada?

### 3 / Terreille

Kartane SaDiablo vagueava pelos jardins clássicos, esforçando-se por ignorar os olhares inquisitivos ou compadecidos das poucas pessoas que ainda não se tinham recolhido.

Aguardara até a carruagem de Dorothea desaparecer antes de se afas-

tar da plataforma. Os corpos mutilados que foram deixados para observação macabra não o incomodavam. Fogo do Inferno, Dorothea fizera o mesmo – ou pior – a tantas outras pessoas, quando se sentia com vontade de brincar. Contudo, parecia que ninguém se lembrava disso. Ou, porventura, nenhum dos imbecis aqui presentes alguma vez presenciara um dos acessos de fúria da Sacerdotisa.

Mas o Administrador e o Guarda-Mor... Idiotas de tomates mirrados. Tinham, verdadeiramente, *lágrimas* nos olhos ao ajudarem-na a subir para a carruagem. Como podiam acreditar que estava sob o efeito de um encantamento ao longo de todos estes séculos, de que não se tinha deleitado com o sofrimento das suas vítimas?

Oh, sem dúvida que parecera sincera e repesa. Kartane não acreditou nem por um momento. Qualquer homem que tivesse sido obrigado a proporcionar prazer a Dorothea na cama não teria acreditado. Daemon não teria, isso podia Kartane asseverar.

Daemon. O filho do Senhor Supremo. Isso explicava bastante sobre o seu “primo”. Durante os anos em que Daemon foi criado como bastardo na corte de Dorothea, saberia ela? Com certeza que sabia. O que significava que o Senhor Supremo do Inferno não nutriria qualquer afecto pela Sacerdotisa Suprema de Hayll.

O que o trazia de volta às suas próprias preocupações.

A misteriosa enfermidade que começara há quase treze anos, estava a debilitá-lo. Todos os outros homens que desfrutaram do pequeno parque de diversões secreto de Briarwood já estavam debaixo de terra. Por ser haylliano, uma das raças de longevidade prolongada, e por nunca mais ter regressado a Chaillot, era o único que restava. E sentia que o tempo estava a esgotar-se.

Depois de ter sido revelada a ligação entre a enfermidade e Briarwood, algumas semanas atrás, pôs-se a pensar – quando a sua mente não estava consumida por pesadelos, *permitindo* que pensasse – e chegava sempre à mesma conclusão: as únicas Curandeiras com poderes suficientes para curar esta enfermidade antes que o destruísse e as únicas que não tinham conhecimento da causa, encontravam-se em Kaeleer. Serviriam, com certeza, nas cortes das Rainhas de Territórios, que, se Dorothea não tivesse mentido sobre *esse* ponto, estavam sob o controlo do Senhor Supremo. O que significava que teria de encontrar algo que comprasse o auxílio do Senhor Supremo. Graças ao discurso de Dorothea, dispunha agora de informações que julgava serem do interesse do Príncipe das Trevas.

Satisfeito com a decisão tomada, Kartane sorriu. Passaria mais alguns dias a esquadrihar informações, para depois visitar o Reino das Sombras.

#### 4 / Terreille

Alexandra Angeline sentou-se delicadamente na cadeira, aliviada por Dorothea ter optado por uma sala de recepções privada em vez de uma sala de audiências oficial. Este encontro já iria ser bastante difícil sem ter que suportar uma corte repleta de hayllianos escarnekedores.

Todavia, estar sozinha com Dorothea também acarretava alguns inconvenientes. Ouvira dizer que a Sacerdotisa Suprema de Hayll tinha sido uma bela mulher. Oh, o espectro dessa beleza ainda estava presente, mas havia uma inclinação inegável nos ombros de Dorothea, uma curvatura na coluna. Manchas de idade salpicavam-lhe as costas das mãos morenas e o cabelo e o rosto...

*Acontece a todos, mais tarde ou mais cedo*, pensava Alexandra ao observar Dorothea a servir o chá em chávenas finas. Mas como seria deitar-se à noite como uma mulher no seu auge e acordar na manhã seguinte como uma velha de pele descaída?

— Agradeço-vos... por me terdes concedido uma audiência — disse Alexandra, tentando não se atrapalhar.

Os lábios de Dorothea curvaram-se num ligeiro sorriso ao passar a Alexandra a chávena de chá. — Fiquei surpreendida por terdes solicitado uma audiência. — O sorriso desvaneceu-se. — Não estivemos de acordo no passado. E, tendo em conta o que aconteceu à vossa família, tendes razões para me odiar. — Hesitou, bebeu um gole de chá e prosseguiu calmamente: — A ideia de enviar Sadi para Chaillot foi minha, mas não me consigo lembrar de quem partiu a sugestão ou a razão pela qual concordei. Sobre essas memórias existe um véu que ainda não consegui romper.

Alexandra levou a chávena aos lábios mas voltou a baixá-la, sem beber. — Achais que foi obra do Senhor Supremo?

— Sim, acho. Sadi é uma arma bela e cruel e o seu pai sabe usá-la convenientemente. E a verdade é que alcançaram os seus objectivos.

— Que objectivos? — inquiriu Alexandra, zangada. — Sadi dilacerou a minha família e matou a minha neta mais nova. Qual foi o desígnio de *tais* acções?

Dorothea recostou-se, bebeu um gole de chá e disse, calmamente: — Esqueceis-vos, Irmã. O corpo da rapariga nunca foi encontrado.

Alexandra sentiu arrepios perante o modo expectante como Dorothea a olhava. — Não tem qualquer significado. É um coveiro muito discreto. — Colocou a chávena e o pires na mesa, sem tocar no chá. — Não vim aqui para falar do passado. Quão perigoso é o Senhor Supremo?

— Daemon Sadi é o filho do seu pai. Isso responde à vossa pergunta?

Alexandra tentou sem êxito disfarçar um calafrio. — E julgais deveras que pretende destruir os Sangue em Terreille?

— Tenho a certeza. — Dorothea tocou no cabelo encanecido. — Paguei um preço elevado para ter essa certeza.

— A minha outra neta, Wilhelmina Benedict, viajou recentemente para Kaeleer — disse Alexandra, com delicadeza.

Dorothea ficou tensa. — Quando foi isso?

— Atravessou ontem o Portão.

— Mãe Noite — exclamou Dorothea, descaindo na cadeira. — Lamento imenso, Alexandra. Lamento imenso.

— Eu e o Príncipe Alexander pretendemos viajar para Kaeleer logo que a “feira de serviços” termine e voltem a permitir a entrada de visitantes. Com sorte, conseguiremos encontrá-la e convencer a Rainha com a qual tenha assinado contrato a libertá-la dessa obrigação.

— O perigo em que se encontra é muito maior — disse Dorothea, com um ar preocupado.

— Não há qualquer razão para que Wilhelmina atraia atenções — objectou Alexandra, com a voz estridente de medo — Não há qualquer razão para aceitar um contrato fora da Pequena Terreille.

— Existem duas razões: o Senhor Supremo e a feiticeira que controla. Se não a encontrarem rapidamente, Wilhelmina irá parar aos seus braços tenebrosos e nessa altura não restará a mínima esperança.

Embora a sala estivesse aquecida, Alexandra sentiu um arrepio de frio a percorrer-lhe a coluna.

Dorothea limitou-se a olhá-la por um longo momento. — Eu disse-vos – Sadi e o Senhor Supremo atingiram os seus objectivos. Ninguém procura um cadáver durante muito tempo quando é preciso tratar dos que ficaram. E o corpo da vossa neta nunca foi encontrado.

Alexandra olhava estupefacta para Dorothea. — Julgais que *Jaenelle* é a feiticeira poderosa controlada pelo Senhor Supremo? *Jaenelle*? — Riu-se amargamente. — Fogo do Inferno, Dorothea, *Jaenelle* nem conseguia realizar a Arte mais *básica*.

— Se soubermos ler entre as linhas de alguns dos registos mais... restritos... da história dos Sangue, descobriremos que existiram algumas mulheres – muito poucas, graças às Trevas – que possuíam enormes reservas de poder que não conseguiam extrair sozinhas. Necessitavam de uma... ligação... emocional com alguém que possuísse a capacidade de canalizar o poder para o usar. Contudo, nem sempre podiam escolher a forma *como* era usado. — Dorothea fez uma pausa. — Os rumores que têm chegado recentemente da Pequena Terreille sobre o bichinho de estimação do Senhor Supremo descrevem-na como “excêntrica”, “algo perturbada emocio-

nalmente”. Parece-vos familiar?

Alexandra não conseguia respirar. Não havia ar suficiente na sala. Por que razão não havia ar suficiente?

— Se decidirdes agir, dar-vos-ei a ajuda que estiver ao meu alcance.  
— Dorothea olhou-a tristemente. — Não o podeis ignorar, Alexandra. Independentemente do que queirais pensar ou daquilo em que queirais acreditar, não podeis ignorar o facto de a feiticeira de estimação do Senhor Supremo, a feiticeira que Daemon Sadi ajudou a conquistar, responder pelo nome de Jaenelle Angelline.

## 5 / Terreille

Dorothea afastou os cortinados pesados e escuros e fitou o jardim envolvido pela escuridão da noite. Sentia-se exaurida, física e emocionalmente. Oh, como tinha ansiado por enterrar as unhas e arrancar o olhar patético e esperançado dos olhos dos machos do seu Primeiro Círculo. Queriam agarrar-se a qualquer desculpa pelo seu comportamento ao longo dos séculos. Queriam acreditar que fora um *macho* que a tornara cruel, que fora um *macho* que a manipulara e que controlara os seus pensamentos, que fora um *macho* que tinha estado por detrás da sua ascensão ao poder e das atrocidades que se seguiram e que tornaram possível o enfraquecimento e o desbaste da maior parte dos outros Territórios de Terreille.

Não a queriam responsabilizar por nada. Queriam que tivesse sido uma vítima para que não se sentissem envergonhados por a servirem, para que pudessem fingir que a serviram por uma questão de honra e não pela mesquinhez e pelo temor.

Bom, logo que Kaeleer sucumbisse, faria alguns acertos na sua corte. Talvez até fizesse com que os idiotas morressem em batalha, sufocando na honra ensanguentada.

— Estiveste bem hoje, Irmã — disse uma voz rouca mas ainda amenizada. — Eu própria não teria feito melhor.

Dorothea não se virou. Ao olhar Hekatah, a Sacerdotisa das Trevas demónia-morta e autoproclamada Sacerdotisa Suprema do Inferno, ficava com o estômago às voltas. — As palavras eram as vossas, não as minhas, por isso não admira que estejais satisfeita.

— Ainda precisas de mim — ripostou Hekatah ao arrastar-se para uma cadeira junto à lareira. — Não te esqueças disso.

— Eu nunca me esqueço — respondeu Dorothea baixinho, não desviando o olhar do jardim.

Fora Hekatah que vira o seu potencial quando era ainda uma jovem

feiticeira a aprender os deveres de uma Sacerdotisa bem como a Arte de Viúva Negra. Fora Hekatah que lhe acalentara as ambições e os sonhos de poder, que lhe indicara as possíveis rivais que poderiam interferir com esses sonhos. E fora Hekatah que ajudara a eliminar essas rivais. A Sacerdotisa Suprema estivera presente, a cada passo, orientando, aconselhando.

Não se recordava do momento em que se apercebera que Hekatah precisava tanto dela como ela própria precisava de Hekatah. Essa necessidade fizera com que se desprezassem mutuamente, pese embora estivessem ligadas pelo sonho comum de dominarem todo um Reino.

— Credes verdadeiramente que, depois de tudo o que fizemos para controlar Terreille, aquelas Rainhas irão acreditar que foi tudo culpa do Senhor Supremo?

— Se tiveres lançado adequadamente os feitiços de persuasão, não há razão para não acreditarem — afirmou Hekatah, com um veneno adocicado.

— Não há nenhum problema com as minhas capacidades na Arte, Sacerdotisa — retorquiu Dorothea com igual veneno, virando-se para encarar a outra mulher.

— As tuas capacidades não serviram para eludir o encantamento com que Sadi te envolveu, pois não?

— Tal como as vossas capacidades não vos protegeram ou ajudaram a inverter os males.

Hekatah silvou, furiosa, e Dorothea voltou-se novamente para a janela, sentindo uma pequena satisfação pelo anzol bem lançado.

Sete anos atrás, Hekatah tentara controlar Jaenelle Angelline e eliminar Lucivar Yaslana. Algo correu mal com o seu plano e a repercussão desse confronto retirara-lhe a capacidade de passar por viva, tornara-a num cadáver ressequido e em decomposição. Nos primeiros dois anos, insistira que tudo o que precisava era ingerir grandes quantidades de sangue fresco para renovar o corpo. Contudo, os demónios-mortos eram, de certa forma, espíritos que ainda possuíam demasiada energia psíquica para regressarem às Trevas e que se encontravam retidos num corpo sem vida. Enquanto a energia subsistia, podendo ser renovada, o corpo podia ser mantido pela ingestão de sangue. Mas nada iria recuperar a aparência de Hekatah. O fluido tinha sido espremido da carne morta e nos últimos sete anos o corpo, morto há 50.000 anos, tinha vindo a deteriorar-se.

— Acreditarão que o Senhor Supremo é o responsável por todas as perverções em Terreille — afirmou Hekatah, surgindo por detrás de Dorothea, tão próxima que o seu reflexo podia ver-se no vidro da janela, obscurecido pela noite. — *Querem* acreditar. É um mito, uma história terrível sussurrada durante milhares de anos. E quem quer que tenha dúvidas em relação ao *Senhor Supremo*, não as terá em relação a Yaslana e a Sadi. A ideia de ver



os três unidos e a utilizarem uma feiticeira poderosa como ferramenta será suficiente para unir Terreille contra Kaeleer. No fim de contas, não importa a *razão* pela qual se juntam à luta, importa unicamente que lutem.

— Ganhámos uma aliada obstinada esta tarde – Alexandra Angelline, a Rainha de Chaillot. — Os lábios de Dorothea formaram um sorriso maldoso. — Ficou chocada ao descobrir que a neta mais nova tem estado sob o domínio do Senhor Supremo durante todos estes anos, graças a Daemon Sadi.

Hekatah franziu o sobrolho. — É uma tola, mas não é estúpida. Se convencer Jaenelle a ajudá-la a manter o controlo sobre Chaillot. . .

Dorothea abanou a cabeça. — Não acredita que Jaenelle tenha poderes. Pude ver nos seus olhos. Inventei uma historiazita sobre mulheres que são reservas de poder em bruto – também não acreditou. É capaz de aceitar o facto de que Sadi e o Senhor Supremo pretenderam chegar a Jaenelle por razões perversas, contudo, continuará a acreditar no que *quiser* acreditar sobre Jaenelle Angelline. Logo que chegue à Pequena Terreille, o Senhor Jorval estará a aguardá-la para oferecer ajuda. *Nunca* irá referir que Jaenelle é a Rainha de Ebon Askavi. E duvido que Alexandra acredite no que lhe for dito no Paço, *qualquer* que seja o seu interlocutor.

Hekatah deu uma gargalhada de satisfação.

— E imagino que logo que conheça efectivamente o Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, o Senhor Supremo do Inferno, terá o maior prazer em enviar-nos as informações que julgue serem úteis para nós.

— E se ele descobrir a sua traição. . . — Hekatah encolheu os ombros. — Bem, de qualquer forma teríamos de nos ver livres dela depois da guerra.

Dorothea olhou fixamente para os reflexos das duas no vidro. Em tempos, tinham sido mulheres encantadoras. Presentemente, Hekatah assemelhava-se a um cadáver devorado por vermes e ela própria. . .

Sadi criara uma espécie de encantamento para envelhecer e deformar o corpo de Dorothea, pese embora nada tivesse feito para lhe diminuir o desejo sexual. Os Sangue chamavam-lhe Sádico, mas ainda não tinha tido oportunidade de apreciar até onde ia a sua crueldade. Sadi conhecia os seus desejos – era óbvio que os conhecia dado que, na sua juventude, teve de os satisfazer. Sabia também a humilhação que Dorothea sentiria ao ver a repulsa nos olhos dos machos que montava ao invés da mistura excitante de luxúria e temor. Agora, depois da confissão chorosa, nem isso conseguiria obter.

— Informaste as tuas Rainhas de estimação que terão de se abster dos prazeres mais – imaginativos – por agora? — questionou Hekatah.

— Disse-lhes — respondeu Dorothea, irritada. — Se irão comedir-se ou não é difícil dizer.

— Aquelas que cederem terão de ser eliminadas.

— E como iremos explicar *isso*?

Hekatah emitiu um som de impaciência. — Como é óbvio, também elas têm vivido sob a influência do encantamento do Senhor Supremo. A tua heróica luta para te libertares também libertou algumas das tuas Irmãs mas, infelizmente, nem todas. Bastará matar uma ou duas para que as outras compreendam a mensagem e se portem como deve ser.

— E quando ganharmos?

— Quando ganharmos, poderemos fazer o que nos der na real gana. Dominaremos os Reinos, Dorothea. Não só Terreille, mas todos – Terreille, Kaeleer e o Inferno.

Deliciando-se com a possibilidade, Dorothea nada disse durante vários minutos. Por fim, relutantemente, perguntou: — Julgais deveras que o temor suscitado pelo Senhor Supremo será suficiente para iniciar uma guerra? Julgais mesmo que irá resultar?

O que restava dos lábios de Hekatah formou um sorriso pavoroso. — Da última vez resultou.

## 6 / Kaeleer

A Rainha de Arachna instalou-se junto ao ombro da mulher de cabelo louro, com ar cansado, que se apoiava num pedregulho plano.

“É mau?” perguntou a grande aranha dourada de voz suave.

Jaenelle Angeline afastou o cabelo do rosto e suspirou. Os seus perturbados olhos azul-safira semicerraram-se ligeiramente face à luz do sol da manhã, estudando outra vez os filamentos delicados da teia entrelaçada que tecera durante a noite. — Sim, é mau. Avizinha-se uma guerra. Uma guerra entre os Reinos.

“Pode evitar-se?”

Jaenelle abanou a cabeça devagar. — Não. Ninguém a poderá evitar.

A aranha mexeu-se com inquietação. O ar que rodeava a mulher tinha um sabor de tristeza – e a uma raiva gélida e crescente. “Os de duas pernas já lutaram antes. É pior desta vez?”

— Vê por ti.

Aceitando o convite formal, a Rainha arachniana abriu a mente aos sonhos e às visões da grande teia entrelaçada que Jaenelle tecera entre um pedregulho e uma árvore próxima.

Tanta mortandade. Tanto sofrimento e pesar. E uma contaminação gradual que maculava os sobreviventes.

Afastando-se dos sonhos e das visões, examinou a própria teia e reparou em dois elementos estranhos. Um era o delicado anel em prata com uma Jóia Ébano que fora colocado no centro da teia. Raramente se tecia uma lasca de Jóia numa teia entrelaçada visto que a magia que moldava essas teias era suficientemente poderosa – e perigosa – e esta Jóia em particular pertencia a Jaenelle, que era a Feiticeira, o mito vivo, os sonhos tornados realidade. O outro elemento estranho era o triângulo. Muitos dos fios estavam ligados ao anel, mas existiam três fios sobrepostos a todos os outros, que formavam um triângulo à volta do anel.

Intrigada, a aranha continuou a observar a teia. Já vira aquele triângulo. Força, paixão, coragem. Lealdade, honra, amor. Quase conseguia sentir o cheiro acre a macho naqueles fios.

— Se Kaeleer aceitar o repto de Terreille e entrar na guerra — disse Jaenelle baixinho, — os Sangue de ambos os Reinos serão aniquilados. Todos os Sangue. Mesmo os parentes.

“Alguns sobreviverão. Sempre assim foi.”

— Desta vez será diferente. Oh, alguns sobreviverão fisicamente à guerra, mas... — Jaenelle ficou com a voz embargada. Respirou fundo. — Todas as minhas Irmãs, todos os meus amigos desaparecerão. Todas as Rainhas desaparecerão. Todos os Príncipes dos Senhores da Guerra.

“*Todos?*”

— Não restarão Rainhas para sararem a terra, não restarão Rainhas para manterem os Sangue unidos. A carnificina prosseguirá até não restar ninguém para chacinar. As feiticeiras ficarão tão estéreis quanto a terra. O dom do poder que nos foi oferecido há tanto tempo será a derradeira arma que nos irá destruir. Se Kaeleer entrar na guerra contra Terreille.

“Ter de combater” disse a aranha. “Ter de parar contaminação gradual.”

Jaenelle sorriu amargamente. — A guerra não a deterá. Sei quem nutriu as sementes e se a eliminação de Dorothea e de Hekatah impedisse que tal acontecesse, eu própria as destruiria neste preciso momento. Todavia, não iria evitar o que quer que fosse, não nesta altura. Iria apenas adiá-la e isso seria mais grave. Este é o sítio certo e a altura certa para purificar os Sangue dessa contaminação.

“Falas de caminhos que não levam a lado nenhum” repreendeu a aranha. “Dizes não poder combater mas ter de combater. Baralhada? Talvez tenhas lido mal teia.”

Jaenelle virou a cabeça para a aranha, com um olhar divertido e frio. — E onde foi que aprendi a tecer uma teia entrelaçada? Se não a estou a interpretar correctamente talvez não tenha sido bem ensinada.

A aranha fez uso da Arte para produzir um zumbido irritante indi-

cador de uma séria desaprovação. “Não é culpa da aranha que ensina se a pequena aranha dá mais atenção a apanhar mosca do que à lição.”

O riso argentino e aveludado de Jaenelle espalhou-se pelo ar. — Nunca tentei apanhar moscas. E prestei *mesmo* atenção à aranha que ensinava. Afinal, na altura *era* a Rainha das Tecedeiras de Sonhos.

A Rainha arachniana voltou a acomodar-se, ligeiramente apaziguada.

A boa disposição de Jaenelle desvaneceu-se ao dirigir os olhos azul-safira de volta para a teia. — Terreille irá para a guerra.

“Assim sendo, Kaeleer irá pelejar.”

— Esta teia mostra dois caminhos — disse Jaenelle serenamente.

“Não” retorquiu a aranha com firmeza. “Uma teia, uma visão. É esse o costume.”

— Dois caminhos — insistiu Jaenelle. — Se seguir o segundo caminho, Kaeleer não entrará em guerra com Terreille e as Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra sobreviverão para cuidar do Reino das Sombras e protegê-lo.

“Então quem combaterá com Terreille?”

Jaenelle hesitou. — A Rainha das Trevas.

“Mas a Rainha *és tu!*”

Jaenelle exalou bruscamente. — Uma guerra que depure os Reinos, salde as dívidas, recupere o dom do poder que foi oferecido. Existe uma forma. *Tem* de existir uma forma, contudo a teia ainda não me mostra por causa disto. — O seu dedo indicava o triângulo. — Este não é o triângulo da Rainha. — Com o dedo, delineou o lado esquerdo do triângulo. — Este fio é o Senhor Supremo. — Delineou o fio da base. — E este fio é Lucivar. — O seu dedo hesitou no lado direito do triângulo. — Mas este fio não é Andulvar. Devia ser, uma vez que é o Guarda-Mor, mas é outro. Alguém que ainda não está aqui, alguém que me guiará às respostas de que necessito para caminhar pelo outro caminho.

“O fio não dizer o seu nome?”

— Diz que o espelho está a chegar. Que tipo de resposta é... — Ficando tensa, Jaenelle pôs-se de joelhos. — Daemon — sussurrou. — *Daemon*.

A aranha mexeu-se com inquietação. A Feiticeira saboreara o ar com um intenso prazer ao sussurrar aquele nome – porém, sob o prazer estava um ligeiro travo a medo.

— Tenho de ir — disse Jaenelle à pressa, pondo-se em pé de um salto. — Ainda tenho de parar nalguns Territórios dos parentes antes de regressar ao Paço. — Hesitou, olhou de relance para a aranha. — Com a tua permissão, gostaria de guardar esta durante uns tempos.

“As tuas teias ser bem-vindas entre as Tecedeiras de Sonhos.”

Erguendo a mão, Jaenelle usou a Arte para lançar um escudo protec-

tor nos fios da teia entrelaçada. Voltou-se para trás, olhando para a aranha. — Que as Trevas te protejam, Irmã.

“E a ti, Rainha Irmã” respondeu cerimoniosamente a aranha.

A Rainha arachniana aguardou até que Jaenelle apanhasse um dos Ventos, as estradas psíquicas que percorriam as Trevas, antes de usar a Arte para flutuar com delicadeza em direcção à teia entrelaçada.

Uma teia, uma visão. Era esse o costume. Contudo, quando a Feiticeira tecia uma teia...

Fazendo uso do instinto e de todos os seus ensinamentos, a aranha roçou levemente com uma das patas num dos pequenos fios que flutuavam soltos do anel Ébano. A teia entrelaçada desvendou-lhe o segundo caminho.

A aranha recuou bruscamente. “NÃO!” gritou, enviando um fio psíquico de comunicação tão longe quanto conseguia alcançar. “NÃO! Não pelo segundo caminho. Não é resposta! Tu não caminhar por esse caminho!”

Não obteve resposta. Nem um tremeluzir da mente poderosa da Feiticeira que indicasse que tinha ouvido.

“Tu não caminhar por esse caminho” voltou a dizer a aranha tristemente, vendo com nitidez onde esse caminho conduziria.

Talvez não. A Feiticeira conseguia tecer uma teia entrelaçada melhor do que qualquer outra Viúva Negra, mas nem a Feiticeira conseguia detectar todos os aromas nos fios.

A Rainha arachniana voltou para a teia e sentiu um leve puxão. Caminhando pelo ar, seguiu o puxão até um fio junto ao lado da teia que se encontrava apoiado na árvore. Com cautela, roçou uma pata no fio.

Cão. O cão castanho e branco que vira na primeira teia que tecera depois de passar a estação do frio. Pedira à Feiticeira que trouxesse o cão, Ladvarian, à ilha das Tecedeiras. Queria ver este Senhor da Guerra – e queria que ele a visse.

Puxou pelo fio de Ladvarian, sentindo as vibrações a percorrerem a teia. Muitos dos fios ligados ao anel Ébano – os fios dos parentes – começaram a brilhar. Também os fios humanos brilhavam, mas não com igual intensidade, não com igual perseverança. Tinha de se lembrar disso. E aquele triângulo...

Mantendo a pata apoiada no fio de Ladvarian, a aranha deixou a mente pairar até à gruta secreta, a gruta sagrada no centro da ilha. Era aí que as Rainhas arachnianas se dirigiam vezes sem conta para ouvirem os sonhos – e para tecerem, fio a fio, as teias especiais que ligavam os sonhos ao corpo, sendo o primeiro passo tangível na criação da Feiticeira.

Pequenas teias. Teias maiores. Por vezes, fora uma única raça, fora um único tipo de sonhadores, a dar corpo à Feiticeira. Outras vezes, os sonhadores eram originários de sítios diferentes, tendo necessidades diferentes

que, de alguma forma, se encaixavam, tornando-se num sonho único.

Quando o tempo desse sonho corpóreo terminava, cessando a sua viagem pelos Reinos, a Rainha arachniana cortava respeitosamente os fios de suporte que mantinham a teia presa às paredes da gruta, enrolava a seda de aranha numa bola e depositava-a num nicho para depois, mediante a Arte, fazer com que crescessem cristais sobre a abertura. Existiam muitos nichos fechados, mais do que os Sangue humanos poderiam pensar. A verdade é que os parentes sempre se revelaram sonhadores mais crentes.

Na gruta, existia uma teia que fora iniciada há muito, muito tempo. Geração após geração, as Rainhas arachnianas cardaram um dos fios de suporte dessa teia, escutaram os sonhos e adicionaram mais filamentos. Tantos sonhadores nesta teia, tantos sonhos que se conjugaram para se tornarem num só. Há vinte e cinco anos, pelo cálculo humano, esse sonho ganhara, enfim, corpo.

No centro dessa teia especial existia um triângulo. Três sonhadores poderosos. Três fios que foram reforçados tantas vezes que eram agora grossos e extraordinariamente poderosos.

E, enquanto devorava a carne da sua antecessora, oferecida de livre vontade, fora transmitida a mesma mensagem a cada Rainha: Lembra-te desta teia. Conhece esta teia. Compreende cada fio.

A aranha voltou a centrar a atenção na nova teia.

Sonhos tornados realidade. Um espírito sustentado nas Trevas, moldado pelos sonhos. E uma teia entrelaçada, igualmente sustentada e escondida numa gruta repleta de poder vetusto, que guiava esse espírito para o tipo corpóreo adequado.

Por vezes, surgiram momentos em que a aranha viu coisas terríveis nas suas teias oníricas e visionárias, momentos em que se perguntou se esse espírito específico teria, verdadeiramente, encontrado o corpo indicado; momentos em que se questionou se, porventura, alguns dos fios não seriam demasiado antigos. Não, existia uma razão para que este espírito tivesse sido moldado neste corpo. O sofrimento e as chagas não foram da responsabilidade do acto de sonhar – nem dos sonhadores.

A aranha extraiu seda do seu corpo, ligando-a cuidadosamente ao fio de Ladvarian.

Ora bem. A Feiticeira optaria pelo segundo caminho, não tendo consciência de que ao salvar Kaeleer e os seus entes queridos, iria provocar a destruição do Coração de Kaeleer.

*Tinha* de haver uma maneira de salvar o Coração de Kaeleer.

Tecendo um fio de suporte entre o tronco da árvore e um ramo robusto, a Rainha arachniana começou a tecer a sua própria teia entrelaçada.

## CAPÍTULO DOIS

### 1 / Kaeleer

Lucivar Yaslana folheou a lista de volta à primeira página de nomes ordenadamente escritos e afastou-se da mesa, subtilmente divertido perante os homens apanhados entre a vontade de consultar as listas na mesa e a vontade de *não* se chegarem muito perto *dele*.

Essa era uma das vantagens em relação aos outros homens que vagueavam de mesa em mesa para examinarem as listas da feira de serviços. Ninguém o acotovelava ou se queixava por levar muito tempo a perscrutar os nomes, pois ninguém queria intrometer-se com um Príncipe dos Senhores da Guerra que usava Jóias Ébano-Acinzentadas, que era um guerreiro eyrieno nascido e criado e que tinha um temperamento cruel e a reputação de soltar as rédeas a esse temperamento – e aos punhos – sem pensar duas vezes. Acrescia ainda o facto de pertencer a uma das famílias mais poderosas do Reino, bem como encontrar-se ao serviço da Corte das Trevas em Ebon Askavi, não sendo, pois, de admirar que outros homens rapidamente lhe dessem precedência.

Mas nem todos esses factores contribuíam para se sentir tranquilo na feira de serviços em Goth, a capital da Pequena Terreille. Fosse qual fosse o nome que lhe dessem, esta feira tinha o travo acentuado às feiras de escravos que ainda se realizavam no Reino de Terreille.

Dirigindo-se para a porta com lentidão, Lucivar respirou fundo e, de imediato, desejou não o ter feito. O enorme salão estava à cunha e, mesmo com as janelas abertas, o ar tresandava a suor e a cansaço – e ao medo e desespero que pareciam erguer-se dos milhares de nomes naquelas listas.

Logo que se encontrou no exterior do edifício, Lucivar abriu as asas escuras e com membranas em toda a sua envergadura. Não estava certo se seria por desafio devido a todas as vezes que esse movimento natural lhe valera o golpe de um chicote ou se queria unicamente sentir o sol e o vento nas asas por um momento, depois de ter estado no interior do edifício

durante várias horas – ou, ainda, se seria simplesmente uma forma de se lembrar de que agora era o comprador e não a mercadoria.

Fechando as asas, dirigiu-se ao canto mais distante do recinto reservado para o “acampamento” eyrieno.

Reparara em vários nomes eyrienos que lhe interessavam, mas não o único nome – o nome haylliano – que era a razão principal pela qual passara as últimas horas a pesquisar aquelas malditas listas. Contudo, nos últimos cinco anos viera sempre procurar o nome de Daemon nas listas, desde que os idiotas do Conselho das Trevas decidiram que estas “feiras de serviços” bianuais seriam a forma de encaminhar as centenas de pessoas que fugiam de Terreille e que tentavam encontrar algo a que se agarrar em Kaeleer. E questionou-se, como sempre acontecia, sobre a razão da ausência do nome de Daemon. E rejeitava, como sempre acontecia, todas as razões, excepto uma: não estava a procurar o nome correcto.

Mas tal não seria provável. Independentemente do nome que Daemon usasse para chegar a Kaeleer, uma vez na feira teria de usar o próprio nome. Aqui, muita gente o reconheceria e, dado que o castigo por mentir sobre as Jóias usadas era a expulsão imediata do Reino – seja de volta para Terreille ou a derradeira morte – alterar o nome mas continuar a admitir que usava as Jóias Negras só o faria parecer idiota visto que era o *único* macho, para além do Senhor Supremo, a usar as Negras em toda a história dos Sangue. As Trevas sabiam que Daemon era muitas coisas, mas não era idiota.

Afastando a punhalada da desilusão, Lucivar magicou sobre a forma como iria explicar isto a Ladvarian. O Senhor da Guerra sceltita fora tão insistente para que, desta vez, Lucivar verificasse as listas minuciosamente, parecera tão confiante. A maioria das pessoas acharia estranho este sentimento de apreensão por poder desapontar um cão que mal lhe chegava aos joelhos, contudo, tendo esse cão como melhor amigo mais de trezentos quilos de temperamento felino, um homem inteligente não ignoraria sentimentos caninos.

Lucivar afastou estes pensamentos ao chegar ao “acampamento” eyrieno: um grande cercado em terra batida, uma caserna em madeira deficientemente construída, uma bomba de água e uma enorme tina. Não era assim tão diferente dos redis de escravos em Terreille. Oh, existiam alojamentos melhores no recinto para aqueles que ainda dispunham dos marcos em ouro ou prata para pagar, com água quente e camas que não eram meros sacos-cama no chão. Mas para a maioria, resumia-se a isto: um grande esforço para ficar apresentável depois de dias de espera, a remoer, com esperanças. Mesmo aqui, entre uma raça em que a arrogância era tão natural como respirar, conseguia detectar os odores da fadiga extrema provocada pelos escassos víveres, pelo pouco tempo de sono e pelos nervos desgasta-



dos até ao ponto de ruptura. Quase conseguia saborear o desespero.

Abrindo o portão, Lucivar entrou. A maior parte das mulheres estava junto à caserna. A maior parte dos homens dividia-se em pequenos grupos, próximos do portão. Alguns olharam-no de relance e ignoraram-no. Outros ficaram tensos ao reconhecê-lo, desviando o olhar, ignorando-o da mesma forma que haviam ignorado o rapaz bastardo que acreditara ser.

Contudo, alguns dos machos começaram a dirigir-se a Lucivar. Cada traço do corpo a lançar um desafio.

Lucivar sorriu-lhes devagar e de modo arrogante, numa aceitação ostensiva do desafio, para logo a seguir lhes virar as costas e dirigir-se ao Senhor da Guerra cuja atenção estava centrada nos dois rapazes empenhados num exercício de treino com os bastões.

Um dos rapazes reparou em Lucivar, esquecendo-se do seu companheiro de treino. O outro rapaz usou essa vantagem e espicçou o primeiro com força na barriga.

— Fogo do Inferno, rapaz — disse o Senhor da Guerra com uma tal irritação que Lucivar fez um esgar. — Tens sorte por só ficares com a barriga dorida e não com uma amolgadela nessa tola bronca. Baixaste a guarda.

— Mas... — disse o rapaz, começando a erguer a mão e a apontar.

O Senhor da Guerra ficou tenso, mas não se virou. — Se comesças a preocupar-te com o homem que ainda não te alcançou, aquele com quem estás a lutar irá matar-te. — Foi nesse momento que se virou, devagar, arregalando os olhos.

O esgar de Lucivar acentuou-se. — Estás a amolecer, Hallevar. Costumavas pôr-me a barriga a doer e depois ainda levava um estalo por ter permitido que isso acontecesse.

— Baixas a guarda numa luta? — rezingou Hallevar.

Lucivar limitou-se a rir.

— Então por que estás para aí a lamuriar-te? Põe-te direito, rapaz, e deixa-me olhar bem para ti.

As bocas dos rapazes estavam escancaradas face ao desrespeito de Hallevar por um Príncipe dos Senhores da Guerra. Os machos que repararam nele e que decidiram falar – ou lutar – tinham formado um semicírculo do seu lado direito. Contudo, Lucivar manteve-se imóvel enquanto os olhos de Hallevar percorriam o seu corpo; nada disse em resposta aos sons de aprovação do homem mais velho e reprimiu uma gargalhada ao ver o olhar furioso de desaprovação pelo cabelo preto e espesso, que lhe dava pelos ombros.

A forma como usava o cabelo era uma quebra na tradição, uma vez que os guerreiros eyrienos usavam o cabelo curto para evitar que o inimigo o agarrasse. Contudo, depois de se evadir das minas de sal de Pruul, há oito

anos, e tendo vindo parar a Kaeleer em vez de morrer, menosprezara bastantes tradições – e, ao fazê-lo, encontrara outras ainda mais antigas.

— Bem — rosnou Hallevar, por fim, — desenvolveste-te bem e, embora não tenhas uma cara nem de longe tão bonitinha como a desse bastardo sádico a quem chamas de irmão, conseguirás enganar as Senhoras durante algum tempo, desde que mantinhas a fúria com rédea curta. — Massajou a nuca. — Mas este é o último dia da feira. Não resta muito tempo para atraíres a atenção de alguém.

— Nem a ti — retorquiu Lucivar — e a pôr esses cachorrinhos à prova não demonstrarás a ninguém aquilo de que és capaz.

— Quem quer carne rija quando podem ter carne fresca? — resmoneou Hallevar, desviando o olhar.

— Não comeces a cavar a tua própria sepultura — disse Lucivar bruscamente, não ficando satisfeito pelo alívio que sentiu ao ver a raiva a incendiar os olhos de Hallevar. — És um guerreiro experiente e um mestre de armas conhecedor com anos pela frente que permitirão ainda treinar mais uma ou duas gerações. Este é apenas outro tipo de campo de batalha, por isso, agarra na tua arma e mostra a tua coragem.

Hallevar sorriu com relutância.

Necessitando de um contrapeso, Lucivar virou-se para os outros homens. Pelo canto do olho, reparou que algumas mulheres se aproximavam. E reparou que algumas traziam com elas crianças muito pequenas.

Refreou as emoções que começavam a fervilhar demasiado próximas da superfície. Tinha de escolher com cuidado. Alguns conseguiriam adaptar-se ao modo de vida dos Sangue em Kaeleer e construiriam aqui uma vida agradável. Outros depressa morreriam de forma violenta por não conseguirem, ou não desejarem, adaptar-se. Tinha feito algumas escolhas erradas nas duas primeiras feiras, depositara confiança e não o devia ter feito. Por isso, carregava a culpa pelas vidas estilhaçadas de duas feiticeiras que foram violadas e espancadas – e carregava a memória da raiva doentia que sentira ao executar os machos eyrienos responsáveis por esses actos. Depois disso, encontrara uma forma de confirmar as suas escolhas. Nem sempre confiara no seu próprio discernimento, mas nunca duvidara do de Jaenelle.

— Lucivar.

Lucivar centrou a atenção no Príncipe dos Senhores da Guerra com Jóia Azul-Safira que avançara para a frente do grupo. — Falonar.

— *Príncipe* Falonar — ripostou Falonar.

Lucivar mostrou os dentes num sorriso feríssimo. — Julguei que estávamos a ser informais pois tenho a certeza que um macho da aristocracia como tu não esqueceria algo como cortesia elementar.

— Por que motivo deveria agraciar-te com cortesias?

— Porque eu uso a Ébano-Acinzentada — respondeu Lucivar com demasiada delicadeza ao reposicionar-se ligeiramente, deixando que o outro homem percebesse o desafio e tomasse uma opção.

— Parem lá com isso, os dois — disse Hallevar bruscamente. — Estamos todos a pisar areias movediças neste lugar. Não precisamos que nos retirem o chão debaixo dos pés só porque vocês continuam a querer provar qual dos dois tem a pila maior. Esmurrei ambos quando eram fedelhos presunçosos e ainda consigo fazê-lo.

Lucivar sentiu a tensão a fenecer e recuou um passo. Hallevar sabia tão bem quanto ele que poderia partir o homem mais velho em dois com as mãos ou com a mente, contudo Hallevar fora um dos poucos que vira o guerreiro latente, que não se importara com a linhagem – ou a inexistência de uma.

— Assim é melhor — disse Hallevar a Lucivar, acenando a cabeça em sinal de aprovação. — E tu, Falonar. Tiveste duas ofertas, que é mais do que a maioria de nós pode dizer. Talvez fosse melhor se atentasses nelas.

O rosto de Falonar ficou ainda mais tenso. Inspirou fundo e expirou. — Talvez fosse melhor. Não parece que o canalha vá aparecer.

— Que canalha é esse? — perguntou Lucivar serenamente. Mais mulheres e alguns dos homens que se recusaram a reconhecê-lo tinham-se aproximado devagar.

A resposta foi dada por um jovem Senhor da Guerra. — O Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Ouvimos...

— Ouviram...? — Lucivar incitou o Senhor da Guerra a terminar, reparando no movimento de um homem que se aproximou um pouco mais da feiticeira que segurava nos braços uma adorável menina. Os olhos dourados de Lucivar semicerraram-se enquanto abria os sentidos psíquicos mais um pouco. Uma pequena Rainha. Desviou o olhar para o rapaz que segurava com ambas as mãos a saia da mulher. Sentiu força, sentiu potencialidades. Sentiu algo a deslocar-se no seu interior, a intensificar-se. — O que ouviram?

O Senhor da Guerra engoliu em seco. — Ouvimos dizer que é um canalha severo, mas que é justo se o servirmos bem. E não...

Foi o medo nos olhos da mulher e a forma como a sua pele morena empalideceu que afilaram a fúria de Lucivar. — E não come uma mulher a não ser que ela o encoraje? — disse, com extrema delicadeza.

Detectou um acesso de raiva feminina nas proximidades. Antes de conseguir localizar a origem, lembrou-se das crianças que, provavelmente, já apresentariam demasiadas mazelas. — O que ouviram é correcto. Não o faz.

Falonar mexeu-se, chamando novamente a atenção de Lucivar – e da sua fúria – para alguém que a pudesse defrontar. Depois olhou de modo contundente para Hallevar e para dois outros homens que conhecera antes de séculos de escravidão o terem afastado das cortes e dos campos de caça eyrienos.

— É por isso que têm aguardado? — Embora com esforço, conseguiu manter a voz indiferente.

— Tu não esperarias? — retribuiu Hallevar. — Pode não ser o Território que conhecíamos em Terreille, mas também aqui lhe chamam Askavi e talvez não nos pareça tão... estranho.

Lucivar cerrou os dentes. A tarde estava a voar. Tinha de escolher e tinha de o fazer *neste momento*. Voltou-se para Falonar. — Irás vacilar sempre que receberes ordens minhas?

Falonar ficou tenso. — E por que deveria eu aceitar ordens vindas de ti?

— Porque eu *sou* o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih.

Choque. Quietude tensa. Alguns homens – muitos dos que se tinham aproximado – olharam-no com aversão e afastaram-se.

Falonar semicerrou os olhos. — Já tens contrato?

— De longa data. Pensa bem, Príncipe Falonar. Se servir sob as minhas ordens te ficar atravessado na garganta, é melhor aceites uma dessas ofertas uma vez que, se quebrares as regras que eu determinar, desfaço-te em bocadinhos. E tu – e todos os que aqui aguardavam – têm que pensar melhor no que é Ebon Rih.

— É o Território da Fortaleza — disse Hallevar. — Como o Vale Negro em Terreille. Nós sabemos.

Lucivar acenou com a cabeça, não desviando os olhos de Falonar. — Existe uma grande diferença. — Fez uma pausa e acrescentou: — Eu sirvo na Corte das Trevas em Ebon Askavi.

Várias pessoas arquejaram. Os olhos de Falonar arregalaram-se. Foi então que olhou para a Jóia Ébano-Acinzentada que pendia da corrente em ouro ao pescoço de Lucivar, mas não era um olhar insultuoso, era antes um olhar de deferência. — E lá existe mesmo uma Rainha? — perguntou devagar.

— Oh, claro — respondeu Lucivar afavelmente. — Existe lá uma Rainha. Também deves ter presente o seguinte: eu apresento-lhe as minhas escolhas relativamente a quem me serve em Ebon Rih, mas a decisão final é dela. Se ela disser ‘não’, tu desapareces. — Olhou para as pessoas nervosas e silenciosas que o observavam. — Não resta muito tempo para decidir. Eu aguardo junto ao portão. Quem estiver interessado pode ir ter comigo para falarmos.

Caminhou na direcção do portão, consciente dos olhares que o seguiam. Manteve-se de costas para eles, olhando para as cercas que serviam de áreas de espera para outras raças. Observou tudo e não viu nada.

Já não deveria ter importância. Aqui tinha um lugar, aqui tinha uma família, uma Rainha que amava e que se sentia honrado por servir. Era respeitado pela inteligência, pela perícia como guerreiro e pelas Jóias que usava. E era admirado e amado por ser quem era.

Porém, passara 1.700 anos na crença de que era um bastardo mestiço e os insultos e os golpes de que fora alvo, ainda rapaz, nos campos de caça, ajudaram a moldar o temperamento assombroso que herdara do pai. Depois disso, as cortes onde servira como escravo depositaram o possante remate cruel.

Já não deveria ter importância. Já *não tinha* importância. Não permitiria que isso o voltasse a magoar. Mas sabia também que, se Hallear decidisse voltar a Terreille ou aceitasse as migalhas que lhe eram oferecidas noutra corte ao invés de assinar contrato com Lucivar, passaria muito tempo até que o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih voltasse à feira de serviços.

— Príncipe Yaslana.

Lucivar quase sorriu face à relutância na voz de Falonar, contudo, manteve o rosto com uma expressão cuidadosamente neutra ao voltar-se para encarar o outro homem. — Já estás a sufocar? — Surpreendeu-se com a circunspecção cautelosa que viu nos olhos de Falonar.

— Nunca simpatizámos um com o outro, por diversas razões. Agora, não temos de simpatizar um com o outro para trabalharmos juntos. Juntos, combatemos os jhinkas. Sabes do que sou capaz.

— Nessa altura, éramos combatentes inexperientes, ambos recebíamos ordens de outrem — disse Lucivar, com cautela. — Agora é diferente.

Falonar acenou com a cabeça, solenemente. — Agora é diferente. Todavia, pela oportunidade de servir em Ebon Rih, estou disposto a pôr o passado de lado. E tu?

Tinham sido rivais, adversários, dois jovens Príncipes dos Senhores da Guerra a debaterem-se para provar a respectiva superioridade. Falonar partira para servir no Primeiro Círculo da Sacerdotisa Suprema de Askavi. Lucivar partira para a escravidão.

— Consegues cumprir ordens? — perguntou Lucivar. Não era uma pergunta despropositada. Os Príncipes dos Senhores da Guerra faziam as suas próprias leis. A menos que entregassem o coração, para além do corpo, a obediência a ordens não era fácil para nenhum deles. Nem naquela altura tinha sido fácil.

— Consigo cumprir ordens — disse Falonar, para depois acrescentar em voz baixa: — Quando as consigo tolerar.

— E estás disposto a seguir as regras que eu determinar, mesmo que signifique perder alguns dos privilégios que estarias à espera?

Falonar semicerrou os olhos dourados. — Não me digas que já não quebras algumas regras?

A pergunta fez com que Lucivar soltasse uma gargalhada surpresa. — Oh, ainda quebro algumas. E depois levo uns belos pontapés no rabo.

Falonar abriu a boca para, de imediato, a voltar a fechar.

— O Administrador e o Guarda-Mor — disse Lucivar friamente, em resposta à pergunta tácita.

— E essas Jóias não te dão uma margem de manobra? — questionou Falonar, inclinando a cabeça para indicar a Jóia Ébano-Acinzentada de Lucivar.

— Com aqueles dois, nem pensar.

Falonar pareceu surpreendido, depois ficou pensativo. — Estás aqui há quanto tempo?

— Oito anos.

— Então já cumpriste o teu contrato.

Lucivar sorriu sarcasticamente. — Dirige as tuas ambições para outro lado, Príncipe. O meu contrato é vitalício.

Falonar ficou tenso. — Julguei que os Príncipes dos Senhores da Guerra só necessitavam servir cinco anos numa corte.

Lucivar acenou com a cabeça em sinal afirmativo e reprimiu o prazer que o assaltou ao ver Hallevar a dirigir-se a ele. — É essa a exigência. — Sorriu maliciosamente. — A Senhora demorou apenas três anos a perceber que não foram essas as minhas condições.

Falonar hesitou. — Como é a Senhora?

— Maravilhosa. Bela. Espantosa. — Lucivar olhou para Falonar de forma apreciativa. — Vens para Ebon Rih?

— Vou para Ebon Rih. — Falonar acenou com a cabeça para Hallevar e afastou-se para deixar passar o homem mais velho.

— Gostaria de ir contigo — disse Hallevar repentinamente.

— Mas? — disse Lucivar.

Hallevar olhou por cima do ombro para os dois rapazes que pairavam fora do alcance do ouvido. Voltou-se para Lucivar. — Afirmei que me pertenciam.

— E pertencem?

Os olhos de Hallevar inflamaram-se. — Se fossem meus, tê-los-ia reconhecido, mesmo que as mães negassem a paternidade. Nos registos tem de constar um genitor para que uma criança não seja considerada bastarda, mesmo que o homem não tenha a possibilidade de ser pai.

As palavras dilaceravam-no. Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Aska-

vi em Terreille e Dorothea SaDiablo tinham tecido as suas teias de mentiras para o separar de Luthvian, a sua mãe, para além de terem alterado os documentos de nascimento pois não queriam que ninguém soubesse quem era, de facto, o seu pai. Ficara estarrecido quando soube que o ressentimento que carregava consigo devido a esse ludíbrio não era nada em comparação com a raiva de Saetan.

— A mãe de um deles é uma prostituta numa casa da Lua Vermelha — disse Hallevar. — Não admira que não soubesse quem a fecundou. A outra mulher era a conhecida amante de um Senhor da Guerra da aristocracia. A feiticeira com quem casara era estéril e era do conhecimento geral que se certificava de que a sua amante não convidava mais nenhum homem para a cama. Queria a criança, tê-la-ia reconhecido. Contudo, quando nasceu, a mãe indicou uma dúzia de homens na corte que declarava puderem ser os genitores. Fê-lo propositadamente e, por querer vingar-se do pai, condenou a criança.

Lucivar acenava simplesmente com a cabeça, debatendo-se com a ira que ardia no seu interior.

— Este é um lugar novo, Lucivar — suplicou Hallevar. — Uma nova oportunidade. Tu sabes como é. Deves compreender melhor do que ninguém. Não são fortes como tu. Nenhum dos dois irá usar Jóias escuras. Mas são bons rapazes e terão o seu valor. E são eyrienos puros — acrescentou.

— Por isso não carregam o estigma de serem mestiços — argumentou Lucivar, demonstrando um controlo implacável.

— Nunca usei essa palavra contigo — disse Hallevar calmamente.

— Não, não usaste. Mas é uma palavra que sai facilmente sem pensar. Por isso, dou-te um conselho, Senhor Hallevar. É uma palavra que será melhor esqueceres, pois nada poderei fazer para te salvar se a proferires na presença do meu pai.

Hallevar olhou espantado para Lucivar. — O teu pai está aqui? Conhece-lo?

— Conheço. E acredita, não sabes o que é a fúria até seres o receptor da ira do meu pai.

— Não me esquecerei. E os rapazes?

— Sem mentiras, Hallevar. Levá-los-ei por eles próprios e terão de se sujeitar à aprovação da Rainha, como qualquer outro macho.

Hallevar sorriu, claramente aliviado. — Vou-lhes dizer para reunirem os nossos pertences. — Um aceno curto com a mão e os rapazes correram para a caserna. Sem olhar para Lucivar, perguntou: — Tem orgulho de ti?

— Quando não me quer esganar ou dar um pontapé no rabo.

Hallevar tentou reprimir uma gargalhada e acabou por produzir uma pieira. — Gostaria de conhecê-lo.

— Assim será — prometeu Lucivar, friamente.

Quer fosse por ver os primeiros a ser aceites, quer fosse por precisarem de algum tempo para reunir coragem, outros foram-se aproximando.

Aproximou-se o jovem Senhor da Guerra, Endar e a mulher, Dorian, o filho deles, Alanar e a filha Orian, a pequena Rainha.

A mulher estava apavorada, o homem nervoso. Todavia, a menina sorriu ternamente para Lucivar, desencostou-se da mãe e estendeu-lhe os braços.

Lucivar pegou nela, apoiou-a na anca e sorriu abertamente. — Não venhas com ideias, olhos vivos. Já estou comprometido — disse-lhe, ao mesmo tempo que lhe fazia suaves cócegas, suscitando-lhe risadinhas. Quando a entregou de volta à mãe, Dorian fitava-o como se lhe tivesse nascido outra cabeça.

De seguida, aproximaram-se Nurian, uma Curandeira que ainda não completara a formação, com a irmã mais nova, Jillian, que estava prestes a fazer a passagem de rapariga para mulher.

Depois veio Kohlvar, um artesão de armas. Seguiram-se Rothvar e Zaranar, dois guerreiros que Lucivar recordava dos campos de caça.

Enquanto falava com eles, um pensamento importunava-o. Qual o motivo que os tinha trazido aqui? Kohlvar era um jovem homem, pelos padrões das raças de longevidade prolongada, quando Lucivar fora mandado embora de Askavi. Mesmo nessa altura, Kohlvar tinha acabado de terminar a sua aprendizagem e já era conhecido pela força e pelo equilíbrio das armas que fabricava. Poderia ter tido uma boa vida em Terreille e poderia ter-se mantido afastado das intrigas da corte, se assim o quisesse. Rothvar e Zaranar eram guerreiros experientes, que poderiam ter encontrado uma posição na maioria das cortes de Askavi ou poderiam ter aceitado qualquer tipo de trabalho independente, se assim o desejassem.

E por que razão um Príncipe dos Senhores da Guerra da aristocracia deixaria Terreille?

A circunspecção que sentia avolumou-se. Estaria a situação em Terreille muito pior do que suspeitavam ou estariam estes homens aqui por outra razão?

Lucivar afastou estes pensamentos. Não detectara nada nas pessoas que o procuraram que o levasse a rejeitá-las, por isso deixaria esta dúvida sossegada, por agora. E deixaria que Jaenelle as julgasse.

Quando o último homem partiu para ir buscar os seus pertences à caserna, Lucivar concordara levar consigo vinte machos e uma dúzia de fêmeas.

Quantos sobreviveriam até ao final dos contratos?, perguntou-se ao vê-los dirigirem-se apressadamente para ele, com os poucos pertences que tinham sido autorizados a trazer. Em Kaeleer, existiam outros perigos para



além dos que esperavam. Sem esquecer os demónios-mortos. Tendo em conta o lugar para onde os levava, depressa teriam de aceitar a realidade de ter demónios-mortos a caminhar entre eles.

Inspirou fundo e deixou sair o ar lentamente. — Prontos?

Achou divertido, embora não o tivesse surpreendido, ver Falonar a inspeccionar o grupo e responder-lhe como se Lucivar já o tivesse aprovado como o seu segundo-comandante.

— Estamos prontos.

## 2 / Kaeleer

Daemon Sadi cruzou as pernas, juntou os dedos e apoiou o queixo nas longas unhas tingidas a negro. — E as Rainhas nos outros Territórios? — perguntou com a sua voz profunda e culta.

O Senhor Jorval sorriu, enfadado. — Tal como expliquei anteriormente, Príncipe Sadi, as Rainhas que não são da Pequena Terreille não estão dispostas a aceitar de bom grado os Irmãos e Irmãs terreilleanos nas suas cortes e mesmo os imigrantes que conseguem contratos não se sentem desejados.

— Indagastes? — Os olhos dourados de Daemon ficaram momentaneamente vidrados. Um estranho ou um conhecimento de passagem poderiam pensar que parecia cansado ou entediado, contudo, aquele olhar letárgico teria apavorado quem realmente o conhecesse.

— Indaguei — disse Jorval, com alguma rispidez. — As Rainhas não responderam.

Daemon olhou de relance para as quatro folhas de papel espalhadas na secretária à sua frente. Nos últimos dois dias, ele e Jorval tinham-se sentado nesta sala por seis vezes. Aquelas folhas de papel, com as quatro Rainhas interessadas na obtenção dos seus serviços, tinham-lhe sido apresentadas na primeira reunião. Foram as únicas.

Jorval entrelaçou as mãos e suspirou. — Tendes de compreender. Um Príncipe dos Senhores da Guerra é considerado um elemento perigoso, mesmo quando usa uma Jóia mais clara e serve no seio do seu próprio povo. Um homem com o vosso vigor e reputação... — Encolheu os ombros. — Tenho consciência de que as vossas expectativas pudessem ser diferentes. As Trevas bem sabem, são muitos os que possuem uma ideia irrealista da vida em Kaeleer. Mas posso afiançar-vos, Príncipe, que o facto de termos quatro Rainhas dispostas a aceitar o desafio de vos ter ao serviço nas suas cortes durante os próximos cinco anos é insólito – e não é uma oportunidade que se deva ignorar.

Daemon não deu qualquer indicação de que a advertência fora sentida com a intensidade de uma estocada. Não, não podia ignorar as opções limitadas se quisesse permanecer em Kaeleer. Mas não sabia se conseguiria suportar qualquer uma daquelas mulheres durante o tempo suficiente para fazer aquilo que aqui o trouxera. E não conseguia deixar de imaginar qual seria a dimensão da oferenda que Jorval receberia da Rainha que escolhesse.

De repente, era demasiado: a privação de sono, a pressão para fazer uma escolha incómoda, os nervos à flor da pele devido ao que planeava – e as questões que se tinham levantado das conversas que escutara ao passear pela feira de serviços.

— Vou considerá-las e depois informo-vos — disse Daemon, dirigindo-se para a porta com a agilidade graciosa que levava os observadores a imaginar um predador felino.

— Príncipe Sadi — chamou Jorval bruscamente.

Daemon parou à porta e voltou-se.

— O último sino soará em menos de uma hora. Se até lá não tiverdes escolhido, não restará qualquer opção. Tereis de aceitar qualquer tipo de oferta que vos for proposta ou abandonar Kaeleer.

— Estou ciente da situação, Senhor Jorval — disse Daemon, com demasiada delicadeza.

Saiu do edifício, enfiou as mãos nos bolsos das calças e começou a caminhar sem destino.

Desprezava o Senhor Jorval. Havia algo no odor psíquico do homem, algo infectado. E, por detrás daqueles olhos sombrios e inexpressivos, muito havia escondido. Desde o primeiro encontro, vira-se forçado a combater o desejo instintivo de ascender à orla assassina e de enfiar o mirrado Senhor da Guerra numa cova funda e secreta.

Que motivo teria levado o Senhor Magstrom a encaminhá-lo para Jorval? Ao chegar a Goth, falara sucintamente com o ancião, a uma hora tardia no terceiro dia da feira e estava cautelosamente disposto a confiar na opinião do homem. Ao exprimir o desejo de servir numa corte fora da Pequena Terreille, os olhos azuis de Magstrom cintilaram de regozijo.

*As Rainhas para além das fronteiras da Pequena Terreille são bastante selectivas quanto às escolhas que fazem*, dissera Magstrom. *Contudo, dispõem de uma vantagem relativamente a um homem como vós – sabem lidar com machos de Jóias escuras.*

Magstrom prometera recolher informações e combinaram encontrar-se no dia seguinte, de manhã cedo. Mas quando Daemon chegou, quem o aguardava era o Senhor Jorval com os nomes de quatro Rainhas que pretendiam controlar a sua vida durante os cinco anos subsequentes.

Os odores a comida duvidosa que detectava ao passar afilaram-lhe o

temperamento já bastante aguçado, lembrando-lhe que quase não comera nos últimos dois dias. O choque de aromas intensos misturados com odores corporais de igual intensidade, ajudaram-no a recordar a razão que o levou a não comer.

Mais do que isso, a incapacidade de dormir e a falta de apetite deviam-se a questões para as quais não encontrava respostas. Não neste local.

Após sair do Reino Distorcido demorara cinco anos a chegar a Kaeleer. Não havia pressa. Jaenelle não estava a aguardá-lo, tal como prometera quando marcou o trilho que indicava a saída da loucura. *Ainda* não sabia o que efectivamente acontecera quando tentara trazer Jaenelle do abismo para que salvasse o corpo. As memórias dessa noite, passados treze anos, estavam ainda baralhadas, ainda lhe faltavam partes. Tinha a vaga memória de que alguém lhe dissera que Jaenelle estava morta – que o Senhor Supremo convencera outro macho a tornar-se o instrumento de destruição de uma criança extraordinária.

Por isso, quando *não* encontrou Jaenelle na ilha onde Surreal e Manny o mantiveram a salvo e escondido, e quando Surreal lhe contou acerca da sombra que Jaenelle criara para o trazer para fora do Reino Distorcido...

Passara os últimos cinco anos na crença de que ele assassinara a criança que era a sua Rainha; passara os últimos cinco anos na crença de que ela usara todas as derradeiras forças no esforço de o tirar da loucura para que saldasse a dívida que lhe era devida; passara os últimos cinco anos a aprimorar as competências na Arte, permitindo que a mente sarasse tanto quanto possível com um único objectivo: vir para Kaeleer e aniquilar o homem que o usara como instrumento – o seu pai, o Senhor Supremo do Inferno.

Contudo, estando agora aqui...

Falatório e especulação sobre as feiticeiras no Reino das Sombras circulavam neste local, correntes de pensamentos facilmente apanhadas no ar. As correntes que o enervaram ao passear pela feira no dia anterior foram as especulações sobre uma estranha e terrível feiticeira que conseguia ver a alma de um homem só com um olhar. De acordo com o falatório, quem quer que assinasse um contrato fora da Pequena Terreille era levado à presença dessa feiticeira e quem quer que fosse considerado inaceitável não sobrevivia para ver a luz de um novo dia.

Podia ter ignorado esse falatório, não fosse ter-lhe finalmente ocorrido que, porventura, Jaenelle *estivera* à sua espera, mas não em Terreille. Deixara a mágoa toldar-lhe os pensamentos, bloqueando todas as memórias, à excepção das melhores que correspondiam aos poucos meses que privara com ela. Por conseguinte, esquecera-se dos laços que já ligavam Jaenelle a Kaeleer.

Se *estivesse*, de facto, no Reino das Sombras, já perdera cinco anos que poderia ter passado junto a ela. Não iria passar os cinco anos seguintes noutra corte, almejando à distância.

Isto é, se ela *estivesse* viva.

Uma alteração nos odores psíquicos à sua volta fê-lo abandonar os pensamentos. Olhou à volta e praguejou baixinho.

Estava na extremidade mais afastada do recinto da feira. A julgar pelo firmamento, teria de correr para regressar ao edifício administrativo e fazer a sua escolha antes de soar o sino que indicava o término do último dia da feira. Mesmo assim, poderia não chegar a fazer uma escolha se Jorval não estivesse a aguardá-lo.

Ao voltar-se para regressar, reparou num dos estandarte vermelhos indicativos de um posto onde eram preenchidos os contratos das cortes. De um lado, estavam alguns eyrienos e, aguardando a vez, estava uma fila deles. Contudo, foi o guerreiro eyrieno que observava os procedimentos que imobilizou Daemon.

O homem usava um colete em cabedal e as calças pretas e justas que os eyrienos apreciavam. O cabelo preto caía-lhe pelos ombros, o que era invulgar num macho eyrieno. Porém, foi a forma de estar, a forma como se movia que lhe pareceu tão penosamente familiar.

Daemon foi invadido por uma alegria desvairada, ficando com o coração na boca e os olhos a arder cheios de lágrimas. *Lucivar*.

Mas é óbvio que não podia ser. *Lucivar* morrera há oito anos, ao fugir das minas de sal de Pruul.

Foi nessa altura que o homem se virou. Por um momento, Daemon pensou vislumbrar a mesma alegria desvairada nos olhos de *Lucivar* antes de a ver perdida numa fúria fulminante.

Testemunhando a fúria e lembrando-se que os assuntos inacabados entres os dois só poderiam terminar em derramamento de sangue, Daemon refugiou-se por detrás da máscara gélida com a qual vivera a maior parte da vida e começou a afastar-se.

Tinha dado apenas alguns passos quando sentiu uma mão a agarrar-lhe o braço direito e a virá-lo.

— Há quanto tempo estás aqui? — questionou *Lucivar*.

Daemon tentou livrar-se da mão, mas os dedos de *Lucivar* estavam cravados com tanta força que deixariam marcas. — Há dois dias — respondeu Daemon com uma delicadeza fria. Sentiu que a máscara lhe estava a escapar por isso tinha de sair dali antes que as emoções transbordassem. Neste preciso momento, não estava certo se iria enfrentar a ira de *Lucivar* com lágrimas ou com raiva.

— Já assinaste algum contrato? — *Lucivar* abanou-o. — Já?

— Não, e resta-me pouco tempo para o fazer. Se tu me permitires.

Lucivar rosnou, apertou com mais força e quase levantou Daemon do chão. — Não constavas das listas — resmoneou enquanto arrastava Daemon em direcção à mesa sob o estandarte vermelho. — Eu verifiquei. Não constavas de nenhuma das abomináveis listas.

— Peço perdão pelo inconveniente...

— Cala-te, Daemon.

Daemon cerrou os dentes e caminhou com passos mais largos para acompanhar o irmão. Não sabia qual era a jogada de Lucivar, mas maldito fosse se iria permitir ser arrastado como um cachorro avesso.

— Olha, Bastardinho — disse Daemon, tentando contrabalançar o temperamento volúvel de Lucivar com a razoabilidade, — tenho de...

— Vais assinar contrato com o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih.

Daemon bufou, arreliado. — Não achas melhor discutir antecipadamente o assunto com ele?

Lucivar olhou-o de modo incisivo. — Não costumo discutir os assuntos comigo próprio, Bastardolas. Fica aqui.

Daemon sentiu o chão a girar e decidiu que era um bom conselho. — Há quanto tempo estás em Kaeleer? — perguntou, sentindo-se enfraquecido.

— Há oito anos. — Lucivar silvou enquanto um ancião Senhor da Guerra eyrieno assinava um contrato e se desviava da mesa. — Fogo do Inferno. Por que demora aquela larva tanto tempo a escrever uma linha? — Avançou um passo para a mesa. Depois virou-se e disse afavelmente: — Não tentes sair daqui. Se o fizeres, parto-te as pernas em tantos sítios que nem conseguirás rastejar.

Daemon nem sequer se deu ao trabalho de responder. Lucivar não fazia ameaças vãs e, num confronto físico, Daemon sabia que não conseguiria derrotar o seu meio-irmão eyrieno. Além disso, o chão sob os seus pés não parava de rodopiar de formas inesperadas que ameaçavam o seu próprio equilíbrio.

O Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Lucivar era o Príncipe dos Senhores da Guerra do território que pertencia a Ebon Askavi, a Montanha Negra a que também chamavam Fortaleza – e que era também o Santuário da Feiticeira.

Tal poderia não significar nada. Fosse ou não vigiada por Príncipe dos Senhores da Guerra – e fosse ou não governada por uma Rainha – a terra não deixaria de existir.

Todavia, o facto de Lucivar estar aqui, vivo, acalentava em Daemon a esperança de se ter também enganado em relação à morte de Jaenelle. Teria

ela enviado Lucivar à feira de serviços à sua procura? Teria um dos inquiridos do Senhor Magstrom chegado às suas mãos? Estaria ela...

Daemon abanou a cabeça. Demasiadas perguntas – e este não era o local nem a altura para obter respostas. Mas, oh, como começava a acalantar esperanças.

Quando Lucivar se aproximou da mesa, alguém chamou: — Príncipe Yaslana. Estão aqui mais duas para juntar ao contrato.

Virando-se na direcção da voz, Daemon sentiu o chão a escapar-lhe ainda mais. Dois homens, um Senhor da Guerra de Jóia Azul-Safira e um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha, arrastavam duas mulheres até à mesa. Um homem de cabelo castanho com uma pala preta no olho e a coxear vincadamente seguia-os, furioso.

A mulher assustada tinha cabelos negros, pele clara e olhos azuis. Já lá iam treze anos desde que estivera com Wilhelmina Benedict, a meia-irmã de Jaenelle. Tornara-se numa bela mulher, mas não abandonara o receio delicado que a caracterizava como adolescente. Arregalou os olhos ao vê-lo, mas nada disse.

A mulher que resmoneava, de longos cabelos pretos, pele morena de tons dourados, orelhas delicadamente pontiagudas e ardentes olhos verde-dourados, era Surreal. Deixara a ilha há quatro meses, não dando qualquer explicação para além de que tinha um assunto a tratar.

De início, não reconheceu o homem que mancava. Ao ver o lampejo de reconhecimento nos olhos azuis do homem, sentiu uma pontada no coração. Andrew, o moço da cavalaria que o ajudara a escapar aos guardas hayllianos, depois de levarem Jaenelle de novo para Briarwood.

— Senhor Khardeen. Príncipe Aaron — disse Lucivar, cumprimentando formalmente o Senhor da Guerra de Jóia Azul-Safira e o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha.

— Príncipe Yaslana, estas Senhoras devem fazer parte do contrato — pronunciou o Príncipe Aaron, de modo respeitoso.

Lucivar olhou para ambas as mulheres com um olhar que poderia esfolá-las vivas. De seguida, olhou para Khardeen e Aaron. — Aceites.

Wilhelmina tremia manifestamente, mas Surreal prendeu o cabelo atrás das orelhas pontiagudas e semicerrou os olhos, dirigindo-se a Lucivar. — Olha, docinho...

— Surreal — Daemon chamou baixinho. Abanou a cabeça. O que não vinha nada a calhar era que Surreal e Lucivar se desentendessem.

Surreal silvou. Quando tentou libertar-se da mão do Príncipe Aaron, o homem soltou-a, posicionando-se de forma a bloquear qualquer tentativa de fuga. Fitando Lucivar com um desagrado profundo, deslocou-se até ficar ao lado de Daemon. — É o teu irmão? — perguntou em voz baixa.

— Aquele que estava presumivelmente morto?

Daemon acenou afirmativamente com a cabeça.

Surreal observou Lucivar durante um minuto. — E *está* morto?

Pela primeira vez desde que chegara a Kaeleer, Daemon sorriu. — Os demónios-mortos não suportam a luz do dia – pelo menos, é que o rezam as histórias – por isso, eu diria que Lucivar *está* bem vivo.

— E então, não consegues dissuadi-lo? Tenho um marco de travessia segura e um passe de visitante válido por três meses. Não vim aqui assinar contratos para servir em cortes e no dia em que tiver de saltar quando aquele cabrão estalar os dedos é o dia em que o sol brilhará no Inferno.

— Não apostes nisso — segredou Daemon, observando Lucivar a examinar o membro do Conselho das Trevas que estava a preencher o contrato.

Antes de Surreal ter oportunidade de responder, Wilhelmina aproximou-se furtivamente. — Príncipe Sadi — disse com uma voz à beira do pânico. — Senhora.

— Senhora Benedict — respondeu Daemon formalmente, enquanto Surreal acenava com a cabeça, em reconhecimento.

Wilhelmina olhava atemorizada para Lucivar, que falava agora com o ancião Senhor da Guerra eyrieno. — É assustador — sussurrou.

Surreal sorriu maliciosamente e falou em voz alta. — Se um homem usa as calças assim tão justas, é normal que lhe apertem os tomates, o que o deixa enfurecido.

Aaron, que estava junto a eles, começou a tossir com violência, tentando abafar as gargalhadas.

Ao ver Lucivar a interromper a conversa, dirigindo-se a eles, Daemon suspirou e desejou saber um feitiço que silenciasse Surreal durante as próximas horas.

Lucivar deteve-se à distância de um braço, ignorando a forma como Wilhelmina se encolhia e centrando a atenção em Surreal. O sorriso letárgico e arrogante que exibia era, habitualmente, o único aviso que precedia um confronto.

Surreal baixou a mão direita, deixando o braço estendido ao longo do corpo.

Reconhecendo o gesto como o sinal de aviso de *Surreal*, Daemon tirou as mãos dos bolsos das calças e mexeu-se ligeiramente, preparando-se para a deter antes que cometesse a insensatez de ameaçar Lucivar com uma faca.

— És filha de Titian, não és? — perguntou Lucivar.

— O que te interessa isso? — ripostou Surreal.

Lucivar examinou-a por um momento. Depois, abanou a cabeça e resmungou entre dentes: — Vais ser difícil de aturar.

— Sendo assim, talvez fosse melhor se me deixasses ir embora — disse Surreal com um veneno adocicado.

Lucivar riu-se baixinho e com maldade. — Se achas que vou explicar à Rainha das Harpias a razão pela qual a sua filha serve noutra corte quando estive defronte dela, é melhor pensares duas vezes, feiticeirazita.

Surreal cerrou os dentes. — A minha mãe *não* é uma harpia. E eu não sou uma feiticeirazita. E não vou assinar uma porcaria de um contrato que te dê controlo sobre mim.

— Pensa melhor — disse Lucivar.

A mão de Daemon fechou-se no braço direito de Surreal. Aaron agarrou-lhe o braço esquerdo.

O sino que indicava o término da feira de serviços soou três vezes.

Surreal praguejou violentamente. Lucivar limitou-se a sorrir.

De repente, ouviu-se a voz de um homem a protestar, subindo de tom, e todos centraram as atenções na mesa.

Daemon viu de relance o homem espalhafatosamente vestido que endireitava papéis diligentemente e que ignorava o jovem Senhor da Guerra eyrieno.

Resmoneando, Lucivar dirigiu-se a passos largos para a mesa, passou pela fila de eyrienos confusos e perturbados e parou ao lado do homem que continuava a fingir não reparar em nenhum deles.

— Há algum problema, Senhor Friall? — perguntou Lucivar serenamente.

Friall afastou os folhos dos pulsos e continuou a reunir a papelada. — Já soou o sino que indica o término da feira. Se estas pessoas ainda estiverem disponíveis quando chegardes amanhã para o dia da reclamação, podeis fazer-lhes um contrato de acordo com a regra da primeira oferta.

Daemon ficou tenso. O Senhor Jorval explicara várias vezes a regra da primeira oferta da feira de serviços. Durante a feira, era permitido aos imigrantes recusarem uma oferta de serviço numa corte ou aguardarem por outra oferta proveniente de uma corte diferente, ou ainda, tentarem negociar uma posição melhor. Contudo, o dia que se seguia à feira era o dia da reclamação. Restava uma única opção. O imigrante poderia aceitar qualquer tipo de oferta que fosse feita pela primeira corte que preenchesse uma pretensão relativamente à sua pessoa – e Jorval insinuara que qualquer posição oferecida na reclamação era, geralmente, degradante – ou poderia regressar a Terreille, voltando a tentar a sorte na feira seguinte. Gastara em subornos dois milhões de marcos em ouro, só para poder ser incluído nas listas de imigração desta feira de serviços. Tinha meios para o voltar a fazer caso se atrevesse a regressar a Terreille. Todavia, a maioria gastara tudo o que possuía nesta oportunidade única por uma vida que, assim se esperava,



fosse melhor. Assinariam um contrato pelo privilégio de rastejar, se essa fosse a única forma de permanecerem em Kaeleer.

— Ora bem, Senhor Friall — disse Lucivar, ainda com um tom de voz sereno, — sabeis tão bem como eu que um indivíduo tem de ser aceite antes das badaladas finais, mas depois disso, temos uma hora para preencher e assinar contratos.

— Se pretendeis assinar o contrato para os que já se encontram na lista, podeis levá-los convosco de imediato. Os outros terão de aguardar até amanhã — insistiu Friall.

Lucivar ergueu a mão direita e coçou o queixo.

O que se seguiu foi tão rápido que Daemon nem se apercebeu do movimento. Num momento, Lucivar estava a coçar o queixo. No momento seguinte, a sua espada de guerra eyriena repousava delicadamente no pulso esquerdo de Friall.

— Ora bem — disse Lucivar de modo agradável, — podeis terminar de preencher esse contrato ou decepo-vos a mão esquerda. A escolha é vossa.

— Merda — murmurou Surreal, aproximando-se mais de Daemon.

— Não podeis fazer isto — lamuriou-se Friall.

A mão de Lucivar não pareceu mover-se pese embora tenha surgido um fino fio de sangue no pulso de Friall.

— Informarei o Conselho — gemeu Friall. — Arranjareis um belo sarilho.

— É possível — respondeu Lucivar. — Mas isso não vos trará de volta a mão esquerda. Com sorte, será tudo o que ireis perder. Se não...

Um movimento apressado desviou o olhar de Daemon para a esquerda. O Senhor Magstrom, o membro do Conselho das Trevas com quem tinha falado em primeiro lugar, parou no lado oposto da mesa.

— Quiçá possa ajudar-vos, Príncipe Yaslana? — perguntou o ancião, esbaforido.

Lucivar levantou os olhos e Magstrom ficou petrificado, não lhe restando pinga de sangue no rosto.

— Mãe Noite — murmurou Aaron. — Elevou-se até à orla assassina.

Daemon não se mexeu. Nem os outros. Um Príncipe dos Senhores da Guerra na orla assassina era um homem violento e incontrolável. Usava a Negra, a única Jóia mais escura do que a Ébano-Acinzentada de Lucivar, mas qualquer tentativa para controlar o seu irmão só iria arruinar o escasso autocontrolo que ainda lhe restava. No mínimo, Friall morreria. Na pior das hipóteses, seria uma carnificina.

— O Senhor Friall afirma que os contratos não podem ser preenchidos após a badalada final — disse Lucivar com uma serenidade falaciosa.

— Com certeza que se equivocou — respondeu Magstrom, de imediato. — Existe um período de tolerância após a badalada final, permitindo que os papéis sejam preenchidos. — Vendo que Lucivar não respondia, respirou com cautela. — O Senhor Friall parece estar indisposto. Com a vossa permissão, eu próprio terminarei de preencher os contratos.

Nesta altura, o folho branco à volta do pulso de Friall era de um vermelho húmido e vivo. Do nariz do homem corria ranho e choramingava em silêncio.

Lucivar anuiu com um aceno de cabeça e Magstrom puxou os papéis da pequena poça de sangue na mesa, pegando na caneta que estava junto aos papéis. Dirigindo-se à extremidade oposta da mesa, Magstrom sentou-se.

Lucivar ergueu a mão esquerda e apontou para Daemon. — Primeiro, ele.

Magstrom completou o topo do contrato e depois olhou para Daemon, à espera. A sua testa estava salpicada por gotas de suor.

*Mexe-te, maldito sejas, mexe-te.* Durante um momento de tensão, o corpo de Daemon recusou-se a obedecer-lhe. Quando, por fim, as pernas começaram a funcionar, teve a sensação arrepiante de estar a caminhar sobre gelo fino e rachado e um passo em falso seria desastroso.

— Daemon Sadi — disse Magstrom calmamente, escrevendo o nome com uma caligrafia simples. — De Hayll, não é verdade?

— Sim — respondeu Daemon. Aos seus próprios ouvidos, a sua voz soava-lhe enrouquecida, cavernosa. Magstrom não deu qualquer indicação de ter reparado.

— Quando nos conhecemos, lembro-me que me dissestes que usais uma Jóia escura, mas não me lembro qual.

Na reunião com Magstrom, dissera que a Vermelha era a sua Jóia de Direito por Progenitura, contudo, evitara mencionar a categoria actual da sua Jóia. Agora já não era possível continuar a evitar. — A Negra.

Magstrom olhou para cima, com os olhos arregalados pelo choque. De seguida, preencheu o espaço no papel. — E trouxestes convosco dois criados?

— Manny é uma feiticeira de Jóia Branca. Jazen é um Senhor da Guerra de Jóia Violácea.

Magstrom anotou as informações e depois virou o contrato para Daemon. — Assinai aqui, pondo depois as vossas iniciais nos espaços para as outras duas assinaturas, indicando que aceitais a responsabilidade pelos vossos criados. — Quando Daemon se inclinou para assinar o contrato, Magstrom sussurrou: — Esta corte teria sido a minha escolha para vós. Pertenceis-lhe.

Mantendo-se em silêncio, Daemon afastou-se da mesa para deixar

passar Surreal. Olhou de relance para Lucivar, cujos olhos dourados e vítreos simplesmente o olhavam fixamente.

— Nome? — perguntou Magstrom.

— Surreal.

Percebendo que não acrescentaria mais nada, Magstrom disse docilmente: — Embora não sejam muito usados em Kaeleer, é usual registrar formalmente um nome de família.

Surreal olhou-o fixamente para logo sorrir maliciosamente. — SaDiablo.

Magstrom arquejou. Khardeen e Aaron olharam por momentos para ela, boquiabertos, antes de se afastarem da mesa.

Daemon fechou os olhos e deixou de ouvir as restantes respostas. Uma vez que era a filha bastarda de Kartane SaDiablo, provavelmente disse-o como uma bofetada à mãe do seu pai, Dorothea. Não havia forma de saber que o nome era carregado de significado em Kaeleer.

— Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas — exclamaram duas vozes em uníssono.

Daemon abriu os olhos. Aaron e Khardeen estavam à sua frente, observando Surreal a afastar-se da mesa.

Aaron olhou para Daemon. — É deveras o seu nome de família?

Daemon hesitou. Não sabia a que tipo de estigma era sujeito um bastardo em Kaeleer e devia bastante a Surreal para revelar um ponto potencialmente fraco. — O homem que a gerou responde por esse nome — respondeu, com cautela.

— O que achas que devemos fazer? — perguntou Aaron a Khardeen.

— Vender bilhetes — respondeu Khardeen, de imediato. — E depois, temos de encontrar um lugar seguro para ver a explosão.

A diversão à conta de Surreal inflamou a fúria de Daemon. — Representará algum problema?

— Podemos dizer que sim — disse Khardeen jovialmente para logo ficar com uma expressão séria. — Vede bem, o que a Senhora Surreal ainda não percebeu é que, ao declarar formalmente ser membro da família SaDiablo, acaba de adquirir Lucivar como primo.

— E se achais que Lucivar tem uma personalidade dominante relativamente aos outros machos, devíeis vê-lo com as mulheres da família — acrescentou Aaron.

*E com Jaenelle?*

A pergunta não foi expressa de viva voz pois não queria testemunhar a expressão desorientada nos seus rostos ao ouvirem o nome – e também por não ter a certeza sobre a sua própria reacção se detectasse reconhecimento. Seria melhor perguntar a Lucivar – em privado. E as perguntas que agora

lhe surgiam sobre mulheres e família... Também essas teriam de ficar para mais tarde.

— E nem sequer iremos tentar imaginar o que acontecerá quando se meter com os machos do lado Dea al Mon da sua família — disse Khardeen.

— E que motivo teriam para se imiscuir? — perguntou Daemon.

— É filha de Titian, que chegou, finalmente, a casa — disse Aaron. Depois, sorriu abertamente. — A Senhora Surreal estás prestes a descobrir que agora tem parentes machos de ambas as descendências que irão meter-se na sua vida — e vários desses machos são Príncipes dos Senhores da Guerra.

Mãe Noite! — Nunca irá tolerar — disse Daemon.

— Bem, não terá muito por onde escolher — respondeu Khardeen.

— Os Sangue são matriarcais. Não é assim em Kaeleer?

— Claro que sim — disse Aaron, animadamente. — Contudo, os machos têm direitos e privilégios e tiramos deles o máximo partido. — Examinou Daemon por um momento. — Poderíeis tentar mantê-la calma enquanto nós ficamos de olho em Lucivar? Se ninguém o pressionar, é provável que consiga controlar a fúria.

— Conhecei-lo assim tão bem? — perguntou Daemon.

Percebeu nos seus olhares que sabiam, mas que tinham mantido cuidadosamente camuflado até agora. Sabiam que era irmão de Lucivar. E sabiam...

— Todos servimos na mesma corte, Príncipe Sadi — disse Aaron, serenamente. — Todos servimos no Primeiro Círculo da Senhora.

Afastaram-se dele.

Poderiam até ter gritado dos telhados. *Está viva!*

Júbilo e ansiedade guerrearam dentro de si, provocando batimentos desenfreados do coração, levando o sangue a zurzir nas veias a grande velocidade. *Está viva!*

Mas o que pensaria dele? O que *sentiria* por ele?

Não tinha respostas. Aqui não. Por enquanto.

Com um cuidado exagerado, Daemon dirigiu-se a Surreal. No momento em que parou, sentiu que balançava como um salgueiro sob rajadas de vento.

Surreal passou os braços à volta do braço esquerdo de Daemon e firmou os pés.

— O que se passa? — perguntou baixinho, com urgência. — Estás doente?

Melhor do que ninguém, Surreal seria capaz de adivinhar exactamente o que se passava, mas Daemon não estava disposto a admiti-lo. Não neste momento. — Quase não dormi nem comi nos últimos dias — disse.

Surreal semicerrou os olhos e acabou por aceitar a verdade que era também uma mentira. — Compreendo. Este sítio arrepiou-me.

Daemon abriu o reservatório de poder armazenado na Jóia Negra. Fluiu pelo corpo e, pela primeira vez desde que vira Lucivar, sentiu-se estável.

Surreal detectou a alteração. Soltou um braço, deixando o outro entrelaçado com o de Daemon, de modo afectuoso. — Porque achas que o Senhor da Guerra ancião que está a elaborar os contratos ficou tão chocado quando lhe disse que o meu nome de família era SaDiablo? A cabra da Dorthea é assim tão conhecida por estes lados?

— Não sei — disse Daemon, ponderadamente. — Mas já ouvi que o nome do Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan é S. D. SaDiablo. — Esta não era a altura adequada para lhe contar que o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan era também o Senhor Supremo do Inferno — bem como o seu pai e o de Lucivar.

— Merda — resmoneou Surreal para logo encolher os ombros. — Bom, não me parece que o venha a conhecer e, se alguém perguntar, posso dizer que *talvez* sejamos parentes distantes. Muito distantes.

Recordando os comentários de Khardeen e de Aaron, Daemon emitiu um ruído que se assemelhava a um gemido.

— Tens a certeza que estás bem? — perguntou Surreal, examinando-o.

— Estou bem. — Muito bem. Mais do que isso. Acreditaria, insistiria, até se tornar autêntico. — Faz-me um favor. Pergunta a Khardeen ou a Aaron se vamos viajar nas Carruagens da Teia e depois entra em contacto com a Manny para que ela e Jazen possam ir ter connosco.

Não perguntou qual o motivo para ele próprio não o fazer, e Daemon sentiu-se grato.

Por fim, chegou a vez do último eyrieno assinar o contrato e afastar-se da mesa. Lucivar, que não se mexera nem proferira uma palavra desde que o Senhor Magstrom começara a preencher os contratos, invocou um pano limpo, limpou o sangue da espada, fez com que ambos desaparecessem e contornou a mesa para assinar os contratos.

Segurando o pulso que sangrava contra o peito, Friall limpou o nariz na manga limpa e disse, com uma voz amuada: — Tendes de fazer cópias. Não pode levar o contrato sem fazerdes cópias.

Lucivar endireitou-se lentamente e virou-se para Friall.

Uma voz masculina praguejou baixinho.

Olhando de modo contundente para Friall, Magstrom disse apressadamente: — Providenciarei contratos em branco ao Príncipe Yaslana. O Administrador da Corte poderá produzir as cópias, devolvendo-as depois ao Conselho das Trevas para que os funcionários os registem. — Vendo que Friall estava prestes a protestar e, decerto, a provocar a própria morte, Ma-

Magstrom acrescentou: — Já vi o Senhor Jorval proceder deste modo muitas vezes. Explicou que podíamos confiar nos Administradores para que produzissem cópias exactas e que era a única forma de tornar mais expedito o processo de instalação dos imigrantes nas suas novas casas.

Invocando uma pasta fina em pele, Lucivar arquivou os contratos e fê-la desaparecer. Acenou educadamente a Magstrom com a cabeça, virou-se para os imigrantes que aguardavam e disse rispidamente: — Vamos.

Daemon voltou-se graciosamente quando Lucivar se aproximou e acompanhou a passada larga do eyrieno.

Já tinham caminhado desta forma, lado a lado. Não muitas vezes, pois os Sangue de Terreille, que os temiam como indivíduos, tinham pavor de os ver juntos. Nem o Anel de Obediência fora suficiente para impedir a destruição que provocaram em cortes terreilleanas.

Ao dirigirem-se às Carruagens concebidas para viajar nos Ventos, Daemon perguntou-se durante quanto tempo poderiam adiar os assuntos pendentes.

Era quase noite quando chegaram às duas enormes Carruagens, protegidas pela Ébano-Acinzentada, na extremidade mais distante da área de desembarque.

Lucivar retirou os escudos Ébano-Acinzentados, abriu a porta da primeira Carruagem, olhou para Daemon e disse: — Entra.

Daemon olhou à volta. — Os meus criados ainda não chegaram.

— Eu procuro-os. Entra.

Olhando para os olhos ainda vítreos de Lucivar e detectando uma premeência tensa no odor psíquico do irmão, Daemon obedeceu.

Surreal, Wilhelmina e Andrew entraram logo a seguir, seguidos por vários eyrienos. Passado um minuto, Daemon respirou de alívio ao ver Jazen a ajudar Manny a subir os degraus para a Carruagem. Entraram mais alguns eyrienos e, nessa altura, a Carruagem foi envolvida por um escudo Ébano-Acinzentado, encerrando todos no seu interior; à excepção de Daemon, visto que era o único que usava uma Jóia mais escura do que Lucivar.

Uma Carruagem da Teia deste tamanho podia transportar normalmente trinta pessoas, mas os eyrienos precisavam de mais espaço por causa das asas. Reparando na falta de assentos, Daemon conjecturou se a Carruagem seria normalmente usada para transportar outros seres ou se Lucivar, com a intenção de trazer eyrienos, retirara os assentos habituais. Os únicos objectos que poderiam ser usados como assentos eram algumas caixas robustas em madeira, encostadas às paredes, com almofadas em cima e a parte da frente aberta para arrumação de bagagem.

Depois de examinar as pessoas que estavam encostadas às paredes, deixando uma passagem estreita ao centro, Daemon voltou as atenções

para a Carruagem. À frente, havia uma porta que levava ao compartimento do condutor. Talvez nesse compartimento pudesse sentar-se outra pessoa, permitindo aos restantes um pouco mais de espaço para respirarem. Movendo-se com cuidado, Daemon dirigiu-se ao pequeno e estreito corredor na retaguarda da Carruagem. À esquerda, existia uma pequena divisão privada que continha uma secretária estreita e uma cadeira de costas direitas, uma poltrona e um descanso para pés e ainda uma cama individual. A divisão à direita tinha um lavatório e uma sanita.

Daemon estava prestes a recuar para o compartimento principal quando ouviu a voz de Lucivar pela porta aberta da Carruagem.

— Não me interessa o que diz aquela larva ranhosa — resmoneou Lucivar.

— O comportamento do Senhor Friall não está em causa — disse uma voz que Daemon reconheceu como pertencendo ao Senhor Jorval. — Este assunto será levado ao Conselho das Trevas e posso assegurar-vos que não nos deixaremos intimidar de modo a ignorar o vosso comportamento imoral.

— Se tendes algum problema comigo, podeis apresentá-lo ao Administrador, ao Guarda-Mor ou à minha Rainha.

— A vossa Rainha teme-vos — escarneceu Jorval. — É do conhecimento geral. Não vos consegue controlar e o Administrador e o Guarda-Mor não irão exigir restrições ao vosso comportamento uma vez que se adequa aos seus objectivos.

Lucivar baixou a voz, tornando-a num silvo malévolos: — Não vos esqueceis, Senhor Jorval, que enquanto vós e o Senhor Friall estiverem a fazer queixinhas ao Conselho, eu certificar-me-ei de que as Rainhas dos Territórios tomam conhecimento da existência de certos membros do Conselho que ignoram ostensivamente as próprias regras da feira de serviços.

— Mas é uma completa mentira!

— Assim sendo, Friall é incompetente e não lhe deveria ter sido atribuída aquela tarefa.

— Friall é um dos melhores membros do Conselho!

— Nesse caso, estaria apenas lixado por contar com uma percentagem dos subornos daquela mesa, não se apercebendo que já estavam no vosso bolso?

— Como vos atreveis? — Seguiu-se uma pausa prolongada. — É possível que o Senhor Friall seja responsável, em parte, por este lamentável incidente, porém, o Conselho irá manter-se firme em relação a este outro assunto.

— E que assunto é esse? — trauteou Lucivar.

— Não podemos permitir que tenhais ao vosso serviço um macho que usa Jóias mais escuras que as vossas.

— As Rainhas da Pequena Terreille fazem-no constantemente.

— São Rainhas. Sabem controlar machos.

— Eu também.

— O Conselho proíbe esta situação.

— O Conselho pode ir para as entranhas do Inferno.

Lucivar ocupou, de súbito, a porta da Carruagem.

— Não podeis fazê-lo! — gritou Jorval atrás de Lucivar.

Lucivar voltou-se e sorriu para Jorval de modo indolente e arrogante.

— Sou um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Ébano-Acinzentada. Posso fazer aquilo que me der na gana. — Fechou a porta na cara de Jorval e olhou de relance para o compartimento do condutor na dianteira da Carruagem, enviando uma ordem num fio psíquico. A Carruagem elevou-se de imediato.

Ao dar um passo para voltar a entrar no compartimento principal, Lucivar posicionou-se à frente de Daemon, bloqueando-lhe totalmente a entrada no corredor. Aceitando a ordem implícita, Daemon enfiou as mãos nos bolsos das calças e encostou-se à parede.

Quando teve a certeza de que Lucivar terminara de transmitir as instruções silenciosas a quem quer que estivesse a conduzir as Carruagens, usou um fio masculino Ébano-Acinzentado para perguntar: “Isto vai trazer-te problemas?”

“Não” respondeu Lucivar. Passou os olhos pelos imigrantes. Todos desviaram repentinamente o olhar, evitando olhá-lo nos olhos.

“Este Conselho não enviará uma mensagem, exigindo algum tipo de castigo?”

“Assim será. O Administrador irá lê-la, provavelmente irá mostrá-la ao Guarda-Mor e, depois, irão ignorá-la.”

Daemon apercebeu-se de que estava a respirar demasiado rapidamente, demasiado superficialmente, não conseguindo controlar-se ao forçar-se a fazer a questão subsequente: “Mostrá-la-ão à tua Rainha?”

“Não” disse Lucivar, devagar. “Se puderem evitar, não irão mencionar nada disto à Rainha. E se não puderem, tentarão minimizar o assunto sem mentirem abertamente.”

“Porquê?”

“Porque o Conselho das Trevas já a pressionou noutras ocasiões e resultou num grande cagaço para todos.” Lucivar moveu-se. — Já estamos longe de Goth — disse, subindo ligeiramente o tom de voz. — Tentem acomodar-se o melhor que puderem. Ainda demoraremos cerca de duas horas a chegar ao local onde nos dirigimos.

— Não vamos para Ebon Rih? — alguém perguntou.

— Ainda não. — Lucivar avançou para o pequeno corredor, forçando



Daemon a afastar-se. Deslizou a porta do compartimento privado e disse: — Lá para dentro —, entrando de lado para passar as asas.

Daemon seguiu com relutância e deslizou a porta, fechando-a.

Lucivar ficou numa das extremidades da divisão. Daemon ficou à porta.

Lucivar inspirou fundo e expirou lentamente. — Perdoa-me por te ter atacado. Não estava zangado *contigo*. Eu... Caramba, Daemon verifiquei todas as listas de que me lembrei e o teu nome deve ter-me escapado. Se não fosse um golpe de sorte, terias acabado noutra corte e talvez não houvesse forma de te livrar desse contrato.

Daemon sentiu uma camada de tensão a aliviar-se. Forçou os lábios a curvarem-se num sorriso. — Bem, desta vez a sorte esteve do nosso lado. — Depois olhou, olhou verdadeiramente para Lucivar e o sorriso tornou-se genuíno. — Estás vivo.

Lucivar devolveu o sorriso. — E tu estás são de espírito.

Daemon sentiu um frémito a percorrer-lhe o corpo e reforçou o auto-controlo. Sentiu os olhos a arder, com lágrimas. — Lucivar — sussurrou.

Não foi possível perceber qual dos dois se moveu primeiro. Num momento, estavam tão distantes quanto conseguiam na ínfima divisão e, no momento seguinte, estavam nos braços um do outro, abraçando-se como se as suas vidas dependessem desse abraço.

— Lucivar — Daemon voltou a sussurrar, com o rosto junto ao pescoço do irmão. — Julguei-te morto.

— Fogo do Inferno, Daemon — disse Lucivar ternamente, com a voz rouca, — não te conseguimos encontrar. Não sabíamos o que se passara contigo. Procurámos. Juro-te, procurámos por ti.

— Não faz mal — Daemon afagou a cabeça de Lucivar. — Não faz mal.

Os braços de Lucivar apertavam Daemon com tanta força que lhe magoavam as costelas.

A mão de Daemon entrelaçou-se nos cabelos de Lucivar. — Lucivar... Bem sei que existem assuntos entre nós que têm de ser resolvidos. Mas, poderemos esquecê-los, só por algum tempo?

— Podemos esquecê-los — disse Lucivar, baixinho.

Daemon recuou. Com os polegares, limpou com delicadeza as lágrimas do rosto de Lucivar. — É melhor juntarmo-nos aos outros. — Virou-se e estendeu a mão para a porta.

Atrás dele, Lucivar agarrou o braço esquerdo do irmão com a mão esquerda e Daemon pousou sobre ela a mão direita, por um momento. Ao deslizar os dedos da mão de Lucivar, olhou para baixo e compreendeu por fim o significado do que vira, mas que não *vira* verdadeiramente.

— Daemon — disse Lucivar, rapidamente. — Tenho algo a dizer-te. Julgo que já deves saber, mas tens de ouvir.

*Está viva!* Sentiu um novo estremecimento a percorrer-lhe o corpo. — Não — disse. — Agora não. — Abriu a porta e saiu aos tropeções para o corredor. Mal mantendo o equilíbrio, entrou na casa de banho, trancando-a com a Negra. O corpo tremia com violência. O estômago dava voltas. Debruçando-se na sanita, combateu a necessidade de vomitar.

Demasiado tarde.

Se tivesse tentado encontrá-la há cinco anos, quando regressara pela primeira vez do Reino Distorcido, talvez tivesse sido diferente. Se tivesse procurado o Senhor Supremo e se tivesse tentado, no mínimo, entender o que efectivamente se passara naquela noite no Altar de Cassandra...

Demasiado tarde.

Conseguia aguentar. *Iria* aguentar. A sua mente estava bastante mais fragilizada do que dava a entender aos outros. Oh, estava intacta. Perdera algumas memórias, escassos e ínfimos fragmentos do cálice de cristal, mas estava completo e sadio. Contudo, a cura nunca ficaria completa visto que perdera a única pessoa necessária para a completar. Não importara na altura em que queria manter-se íntegro somente o tempo necessário para aniquilar o Senhor Supremo. Agora, já não tinha grande importância. Poderia sobreviver o tempo suficiente para a ver, uma única vez.

Nada mais havia a fazer. Tratando-se de outro homem qualquer, teria aplicado todo o seu ser e toda a sua sapiência para se tornar seu amante. Tratando-se de outro homem. Mas não de Lucivar. Não se tornaria rival do seu irmão.

Logo, não poderia permitir que Lucivar lhe dissesse o que precisava de ouvir, desesperadamente. E não era por não querer saber que Jaenelle estava viva, sem sombra de dúvida; era por não estar preparado para ser informado sobre a aliança de ouro na mão esquerda de Lucivar.

### 3 / Kaeleer

Surreal empurrou a última das caixas almofadadas para junto das outras, formando um banco encostado à parede. — Senta-te, Manny — disse para a mulher mais velha.

— Não seria correcto — disse Manny. — Uma criada não se deveria sentar.

Surreal olhou-a de modo contundente. — Não sejas imbecil. És 'criada' simplesmente por ser a única forma de Sadi te trazer com ele.

Manny comprimiu os lábios, em sinal de desaprovação. — Não é ne-

cessário esse tipo de linguagem, especialmente com crianças por perto. Além disso, fui criada durante muitos anos. Era uma forma honesta de ganhar a vida e da qual não me envergonho.

*Ao contrário de mim?* Surreal perguntou-se. Nunca negara que, durante séculos, fora uma prostituta muito bem-sucedida até se retirar há treze anos, não mais conseguindo tolerar os jogos de alcova. Aquela noite no Altar de Cassandra deixara marcas em todos.

Os sentimentos de Manny em relação às mulheres que trabalhavam nas casas da Lua Vermelha eram ambivalentes. O que pensaria se tivesse conhecimento da outra profissão de Surreal? Como conseguiria lidar a mulher mais velha com o conhecimento de que Surreal fora – e ainda era – uma assassina com bastante êxito?

Não importava. Tornaram-se amigas durante os dois anos em que Daemon estivera a caminhar para fora do Reino Distorcido, contudo, assim que recuperou a sanidade mental, Manny sofrera uma viragem mental, tratando-os ambos com o afecto caseiro existente entre uma criada especial e uma criança da aristocracia. Daemon não notara nada de estranho neste comportamento; era provável que Manny sempre assim o tivesse tratado. Mas o facto é que aborrecera Surreal, que crescera depressa e a custo nas ruas. Também lhe proporcionara bastante experiência a lidar com as opiniões inflexíveis de Manny.

— Olha — disse, com extrema delicadeza. — O criado da Senhora Benedict tem ar de que não irá aguentar duas horas em pé sem sofrimento. Se te sentares, pode ser que se convença também.

Passados poucos minutos, Manny, Andrew, Wilhelmina Benedict e Surreal estavam sentados no banco improvisado.

Surreal olhou para o espaço à sua direita. Em nome do Inferno, onde estaria Sadi? Não estava estabilizado mentalmente como demonstrava e o encontro com Lucivar devia tê-lo abalado. E o que teria pensado o *eyrieno* ao voltar a ver o meio-irmão? Depois de Jaenelle desaparecer, há treze anos, Daemon dirigira-se a Pruul, com o objectivo de resgatar Lucivar das minas de sal. Por alguma razão, Lucivar recusara-se a acompanhá-lo. Sempre suspeitara, pelo que Daemon não lhe dizia, que se tinha dado uma colisão violenta de temperamentos e que se abrira uma fenda entre ambos. E sempre desconfiara que o motivo dessa fenda tinha tido início, como tantas outras coisas, no Altar de Cassandra.

A porta do compartimento do condutor abriu-se, deslizando. O Senhor Khardeen saiu e olhou de relance para os *eyrienos*, que ficaram nervosos quando o viram surgir. Em silêncio, caminhou até à ponta do banco improvisado e sentou-se ao lado de Surreal.

No lado oposto, à frente deles, encontrava-se a mulher com as duas

criancinhas. Tinham a pele morena, os olhos dourados e o cabelo preto típico nas três raças de longevidade prolongada, embora o cabelo da menina fosse naturalmente ondulado, ainda que ligeiramente. Surreal conjecturou se o cabelo da menina seria uma indicação de que uma das linhagens dos pais não era completamente eyriena, se aquele ondulado teria traído um segredo e se seria essa a razão pela qual estas pessoas deixaram o seu Território de origem.

O rapaz mais velho mantinha-se junto à mãe, mas a menina sorriu para Khardeen e deu dois passos na sua direcção.

— Béu-béu — disse alegremente, estendendo um animal de peluche gasto.

Khardeen inclinou-se para a frente e sorriu. — Pois é o que faz. Como se chama?

— Béu-béu. — Deu um abraço forte ao boneco. — Meu.

— Pois é.

Com um olhar receoso, a mulher puxou a menina. — Orian, não aborreças o Senhor da Guerra.

— Não me está a aborrecer — disse Khardeen, de maneira agradável.

A mulher puxou a menina para junto de si e tentou sorrir. — Gosta de animais. A mãe do meu marido fez-lhe uma boneca antes de partirmos, mas Orian preferiu trazer este.

*E onde estava a tua própria mãe enquanto essa cabra te atacava verbalmente?* Perguntou-se Surreal enquanto observava as sombras que se aglomeravam nos olhos da mulher, detectando um tremeluzir de vergonha no odor psíquico. Bom, aí estava a resposta relativamente ao lado do legado da menina que estava em questão.

O Senhor da Guerra que protestara quando Friall se recusara a terminar o contrato desviou a atenção da conversa que mantinha com dois machos eyrienos, passou um olhar contundente sobre Khardeen para logo se aproximar, de modo protector, da mulher e das crianças.

Khardeen recostou-se, devolvendo o olhar contundente com um olhar plácido.

Estando sentada a seu lado, com o braço a tocar o dele, Surreal sentiu a tensão – e a irritação? – mas Khardeen não deu qualquer sinal exterior. Ao olhar para ela, a sua expressão era séria mas os olhos azuis revelavam divertimento.

— Imagino a reacção da mãe da pequena Rainha quando vir os “béu-béus” que a filha abraçará — disse, ternamente.

— E mordem? — perguntou Surreal.

— Se vão morder a menina? Não. A mãe? — Khardeen encolheu os ombros.

Entendendo a advertência sob o ar divertido, Surreal sentiu um calafrio. Nesse momento, Daemon aproximou-se e Surreal expirou ruidosamente.

Deslocava-se cuidadosamente, como um homem que acabara de ser mortalmente ferido e que sangrava em silêncio até à morte.

Khardeen levantou-se e gesticulou para o lugar vazio. — Por que não vos sentais? Tenho de tratar de alguns assuntos.

Logo que se sentou, Daemon envolveu-se com os braços.

Surreal já vira aquele gesto protector noutras ocasiões, nos momentos em que se esforçara demasiado nos estudos de Arte, quando os sonhos lhe ensombravam o sono.

Khardeen olhou para Surreal com um olhar interrogativo e ela abanou a cabeça. Ficava reconhecida pela preocupação, mas não havia nada a fazer por Daemon nestes momentos, a não ser deixá-lo retirar-se até se sentir fortalecido para voltar a enfrentar o mundo.

Um minuto mais tarde, Lucivar saiu da divisão privada, com uma expressão escrupulosamente neutra.

Durante toda a viagem, Daemon ficou sentado ao lado de Surreal, de olhos fechados e Lucivar ficou de pé, na retaguarda da Carruagem, a conversar calmamente com os machos eyrienos que se aproximaram dele, à cautela.

Durante toda a viagem, Surreal conjecturou sobre o que se passara naquela pequena divisão. E ficou desassossegada.

#### 4 / Kaeleer

O Senhor Jorval estava encolhido na cadeira, observando a Sacerdotisa das Trevas a percorrer enfurecidamente a sala da suíte que alugara para este encontro.

As casas da Lua Vermelha tinham surgido em Kaeleer há quatro anos – e *ainda* não existiam em qualquer outro local a não ser na Pequena Terreille. Todavia, alguns membros influentes do Conselho das Trevas, nos quais se incluía, defenderam que os imigrantes machos mais fortes, cujas hipóteses de virem a ter uma amante nascida em Kaeleer eram escassas, precisavam de alguma forma de aliviar a tensão sexual. As Rainhas da Pequena Terreille transigiram, não sem um protesto simbólico, pois rapidamente reconheceram a utilidade de semelhantes locais. Presentemente, uma visita a uma casa da Lua Vermelha tornara-se uma forma de premiar os machos por bom comportamento nas cortes das Rainhas. Podiam descarregar as frustrações e as agressões em mulheres que não as podiam re-

cusar, que não podiam exigir delicadeza e obediência. E ninguém reparava – e se reparassem, não se importavam – que todas as mulheres nessas casas eram imigrantes reclamadas no dia posterior à feira de serviços.

E alguns machos de Kaeleer, nos quais se incluía, descobriram o prazer retirado da obediência adúladora de uma mulher.

Optara por esta casa da Lua Vermelha, na orla dos bairros degradados que se multiplicaram junto ao recinto da feira, pois os proprietários não levantariam questões. Os dois homens que detinham o estabelecimento não se importavam se uma mulher sofria de danos físicos ou mentais, desde que fossem convenientemente recompensados. Do mesmo modo, não se importavam com o jovem que estava preso e amordaçado no quarto adjacente – a dádiva que trouxera na esperança de mitigar a ira da Sacerdotisa Suprema.

Hekatah despiu à pressa o manto que lhe envolvia o rosto e o corpo.

Jorval engoliu em seco. Numa ocasião, não se conseguira controlar e ficara agoniado ao ver aquele corpo demónio-morto em decomposição. O castigo que lhe fora aplicado por tal descontrolo proporcionara-lhe pesadelos durante meses a fio.

Alturas havia em que desejava desesperadamente nunca a ter conhecido ou nunca se ter deixado envolver nos seus esquemas. Não obstante, fora ela que estivera por detrás da sua ascensão ao poder no Conselho das Trevas, descobrindo que lhe pertencia antes de sequer se ter apercebido que aceitara servi-la.

— Tínhamos quatro Rainhas que se adequavam aos nossos propósitos — remordeu Hekatah. — *Quatro*. E mesmo assim não conseguiste escondê-lo até encontrarmos uma forma de o usar.

— Tentei, Sacerdotisa — disse Jorval, com a voz trémula. — Impedi a indagação de Sadi sobre o serviço para lá da Pequena Terreille. Aqueles foram os únicos nomes que lhe apresentei.

— Assim sendo, qual o motivo para não estar com uma delas?

— Saiu a meio da última reunião — exclamou Jorval. — Só soube que tinha assinado outro contrato quando Friall me informou.

— Assinou outro contrato — trauteou Hekatah. — *Com o irmão!*

O peito de Jorval estremecia com o esforço para respirar. — Tentei impedir! Tentei... — A voz perdeu-se enquanto Hekatah se aproximava.

— Não lidaste com ele da melhor forma — disse, o tom ameninado a tornar-se perigosamente dócil. — Por essa razão, está agora ligado à corte que não queríamos que tivesse conhecimento da sua presença em Kaeleer e não temos forma de usar todo aquele poder das Jóias Negras em nosso benefício.

Jorval tentou levantar-se. Sentiu um aperto na garganta ao perceber que Hekatah o mantinha pregado à cadeira, mediante a Arte.

Hekatah sentou-se com graciosidade no colo do homem envolvendo-lhe o pescoço com um braço. Ao sentir as unhas longas a deslizarem pelo rosto, Jorval perguntou-se se iria perder um olho. Talvez fosse preferível. Cego, não a poderia ver. Pensando melhor, não. Hekatah usava Jóias mais escuras do que ele. Poderia forçá-lo a abrir a mente e a imprimir-lhe uma imagem cem vezes pior do que o seu aspecto real.

Lamuriou-se ao sentir o estômago às voltas numa antecipação funesta.

— Tal como são dadas recompensas pelos êxitos, são aplicados castigos pelos falhanços — disse Hekatah enquanto acariciava o rosto de Jorval.

Tendo plena consciência do que lhe era exigido, murmurou: — Sim, Sacerdotisa.

— E falhaste, não foi, querido?

— S-sim, Sacerdotisa.

Formou um sorriso com o que lhe restava dos lábios. Pela Arte, invocou uma garrafa em cristal com uma rolha e uma pequena taça em prata. Flutuaram no ar enquanto removia a rolha e deitava o líquido escuro e espesso na taça. Voltou a colocar a rolha na garrafa e fê-la desaparecer, pondo a taça, de seguida, junto aos lábios de Jorval.

— Trouxe-vos uma oferenda fresca — disse Jorval, debilmente.

— Eu vi. Que rapaz tão bonitinho, repleto do vinho cáldo e adocicado. — Premiu a taça contra o lábio inferior do homem. — Já tratarei dele.

Não lhe restando outra alternativa, Jorval abriu a boca. O líquido deslizou pela língua como uma lesma quente e comprida. Engasgou-se, mas conseguiu engolir.

— É veneno? — perguntou.

Hekatah fez desaparecer a taça e inclinou-se para trás, com os olhos arregalados de espanto. — Achas realmente que eu envenenaria um homem que me é leal? E és-me leal, não és, querido? — Abanou a cabeça, com tristeza. — Não, querido, é apenas uma infusãozinha afrodisíaca.

— *S-safframate?* — Teria preferido veneno.

— Só o suficiente para tornar a noite interessante — respondeu Hekatah.

Ficou prostrado, indefeso, enquanto Hekatah acariciava a pele que começava a estremecer ao mais ligeiro toque. Gemendo, envolveu-a com os braços, já sem reparar no cheiro a decomposição, já sem se importar com quem ou com o que ela era, já sem se importar com mais nada a não ser usar aquele corpo feminino sentado no seu colo.

Quando tentou enfiar-lhe a língua na boca, Hekatah recuou com uma gargalhada de satisfação.

— Pois agora, querido — disse, ao mesmo tempo que o acariciava, — vai buscar uma daquelas prostitutas.

O nevoeiro da lascívia dissipou-se ligeiramente. — Para aqui?

— Ainda temos de tratar do teu castigo — disse Hekatah docilmente, maldosamente. — Vai buscar uma com cabelo louro e olhos azuis.

A lascívia tornou-se violenta, quase penosa. — Como Jaenelle Angelline.

— Exactamente. Encara isto como um pequeno ensaio para o dia em que aquela cabra pálida tenha de se sujeitar a mim. — Beijou-o na têmpora, lambeu a pulsação que latejava. — Será excitante para ti se eu beber um pouco de sangue quando estiveres dentro dela?

Jorval olhou-a, descontroladamente excitado e apavorado.

— Também beberei dela. Nessa altura não te importarás se estiveres a montar um cadáver, mas não te farei isso, meu querido. Afinal de contas, é apenas um ensaio, para a noite em que tiveres Jaenelle debaixo de vós.

— Sim — sussurrou Jorval. — Sim.

— Sim — ecoou Hekatah, satisfeita. Levantou-se e caminhou devagar para a porta do quarto. — Não te preocupes com a possibilidade de o nosso joguinho ser exposto pela prostituta. Confundirei a mente da vaca de forma a nunca mais ter a certeza de nada, a não ser que foi bem usada.

Levantando-se, Jorval deslocou-se titubeando, para a porta exterior, penosamente consciente do olhar de Hekatah.

— O rapazinho jeitoso será o aperitivo e a sobremesa — disse Hekatah. — O medo confere ao sangue um gosto agradavelmente apimentado e, no final da noite, estará no ponto. Por isso, não demores muito a escolher, querido. Um aperitivo come-se num instante e, se ficar impaciente, é provável que tenhamos de rectificar o teu castigo. E não queres isso, pois não?

Aguardou até a porta se fechar atrás dela para então sussurrar: — Não, não quero.

## 5 / Kaeleer

Uma mão cálida apertou-lhe delicadamente o ombro.

— Daemon — disse Lucivar baixinho. — Anda, meu velho. Chegámos.

Daemon abriu os olhos com relutância. Queria afastar-se do mundo, queria afundar-se no abismo e, simplesmente, desaparecer. Em breve, prometeu a si mesmo. Em breve. — Estou bem, Bastardinho — disse com lassidão. Estava a mentir e ambos sabiam.

Pondo-se de pé com rigidez, Daemon rodou os ombros. Os músculos zuniram devido à tensão e, ao mesmo tempo, estava a instalar-se uma violenta dor de cabeça por detrás dos olhos. — Onde estamos?

Sem responder, Lucivar conduziu-o para fora da Carruagem.



Surreal estava no lado de fora da Carruagem, olhando espantada para o gigantesco edifício em pedra cinzenta. — Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. Que lugar é este?

O Príncipe Aaron sorriu abertamente. — O Paço dos SaDiablo.  
— Merda.

O chão começou a girar sob os pés de Daemon. Estendeu um braço, que Lucivar agarrou, equilibrando-o. — Não consigo — murmurou. — Lucivar, não consigo.

— É claro que consegues. — Segurando-lhe no braço, Lucivar levou-o até às portas duplas da entrada principal. — Será mais fácil do que pensas. Além disso, Ladvarian tem estado à espera para te conhecer.

Daemon não tinha energias para conjecturar, quanto mais para se importar, qual o motivo para este Ladvarian o querer conhecer, não no momento em que o próximo passo poderia colocá-lo frente-a-frente, de novo, com o Senhor Supremo – ou com Jaenelle.

Lucivar empurrou as portas, abrindo-as. Daemon seguiu-o para o salão principal, com os outros imigrantes agrupados atrás dele. Tinham avançado apenas alguns passos quando Lucivar se deteve inesperadamente, praguejando baixinho.

Daemon olhou à volta, tentando perceber o rasgo de prudência que detectara em Lucivar. No lado mais distante do salão, uma criada estava ajoelhada por baixo de um dos lustres de cristal, a lavar o chão. A alguns passos deles encontrava-se um enorme Senhor da Guerra de Jóia Vermelha, vestido com um uniforme de mordomo. A expressão que apresentava era mais gélida do que estóica.

Olhando para o mordomo, Lucivar disse cautelosamente: — Beale.

— Príncipe Yaslana — respondeu Beale com uma formalidade rígida.

Lucivar crispou-se. — O que...

Ouviram-se umas risadinhas. Olharam todos para cima.

Muito acima das suas cabeças, um rapaz eyrieno desnudado, que devia ter começado a andar há pouco tempo, balançava-se precariamente no lustre mais próximo.

Lucivar olhou de relance para Beale e avançou dois passos. — O que estás a fazer aí, rapazola?

— A voa' — disse o rapazinho.

— Adivinhem lá — rezingou a criada, atirando o pano para um balde e levantando-se.

— Escapaste-te de quem estava a tomar conta de ti, não foi? — resmoneou Lucivar.

A criança voltou a dar umas risadinhas e, logo de seguida, produziu um som tosco.

— Desce daí, Daemonar — disse Lucivar, rispidamente.

— Não!

Daemon sentiu os olhos a arder com lágrimas ao olhar para o rapaz. Engoliu em seco para que o coração não lhe saísse pela boca.

Lucivar avançou mais um passo e abriu lentamente as asas escuras e com membranas. — Se não desceres, eu vou aí buscar-te.

Daemonar abriu as pequenas asas. — Não!

Lucivar lançou-se pelo ar. Ao passar pelo lustre, tentou agarrar Daemonar que se esquivou, mergulhando a pique. O rapaz voava como um zangão embriagado a tentar fugir a um falcão, mas não se deixou apanhar.

— O rapaz mexe-se bem — disse Hallevar num tom aprovador, passando para a frente do grupo.

Surreal olhou de soslaio para o Senhor da Guerra eyrieno mais velho. — Parece que foi buscar o melhor de Yaslana.

Hallevar resfolegou quando Lucivar passou velozmente por Daemonar e lhe fez cócegas no pé, provocando guinchos no rapaz, que se esquivou. — Podia tê-lo agarrado à primeira. O pequenito terá de dar-se por vencido mas na sua mente ficará gravado que deu luta. Não, Lucivar sabe bem como treinar um guerreiro eyrieno.

Daemon quase nem os ouvia. Fogo do Inferno! Será que Lucivar não se apercebia que a criança estava a ficar cansada? Iria insistir até que o bebé caísse ao chão?

Quando a criança voou na sua direcção, Daemon avançou, ergueu o braço e agarrou uma perna roliça.

Daemonar berrou e bateu as asinhas com toda a força.

Puxando-o com delicadeza, Daemon envolveu Daemonar com o outro braço, encostando-o ao peito.

Um pequeno punho acertou-lhe no queixo. Com a outra mãozinha, agarrou-lhe os cabelos e puxou, provocando-lhe lágrimas nos olhos. Um guincho de indignação atravessou-lhe o tímpano e vibrou-lhe na cabeça.

Lucivar pousou e esfregou a boca com a parte de trás da mão. Mesmo assim, o sorriso não desapareceu. Passando o braço esquerdo à volta da cintura do rapaz, forçou a pequena mão a abrir-se. — Deixa o tio Daemon. A intenção é que goste de ti. — Afastou-se rapidamente, prendeu os pés do rapaz com uma mão e rugiu: — Não é o sítio indicado para pontapeares o teu pai.

Daemonar produziu um som tosco e sorriu abertamente.

Lucivar olhou para o rapaz que se contorcia e disse pesarosamente: — Naquela altura, parecia ser uma boa ideia conceber-te.

— Sim! — Foi então que Daemonar reparou na mulher e na menina ao seu colo. — Bebé! — gritou, contorcendo-se para se libertar. — Minha!

— Mãe Noite — resmungou Lucivar entre dentes, virando-se para tapar a vista a Daemonar.

Duas mulheres molhadas e em desalinho entraram no salão. Uma delas segurava um toalhão de banho. — Nós tratamos dele, Príncipe Yaslana.

— Graças às Trevas. — Com algum esforço, Lucivar e as duas mulheres conseguiram embrulhar Daemonar no toalhão e levá-lo do salão.

Seguindo-os com o olhar, o coração de Daemon ficou apertado. O rapaz parecia-se com Lucivar. Não sabia se deveria sentir-se desconsolado ou aliviado por não ver qualquer indício de azul-safira nos olhos dourados da criança, pela inexistência de um tom mais claro no cabelo preto ou na pele morena, por não detectar qualquer traço da beleza exótica da mãe.

Lucivar regressou prontamente.

— Logo que os convidados se instalem nos respectivos aposentos, o jantar será servido na sala de jantar formal — informou o mordomo.

— Obrigado, Beale — respondeu Lucivar, com alguma humildade.

— O pessoal deverá ser informado de alguns preparativos em especial?

Lucivar gesticulou para que o jovem Senhor da Guerra, que se mantivera protectoramente junto à mulher com as duas pequenas crianças, se aproximasse. — Este é o Senhor Endar, o marido da Senhora Dorian.

Endar crispou-se diante do olhar atento de Beale.

O Príncipe Aaron passou a mão à volta do braço de Surreal e puxou-a para a frente. — Eu acompanho a Senhora SaDiablo e a Senhora Benedict aos seus aposentos.

— A Senhora SaDiablo? — perguntou Beale, surpreso.

Aaron sorriu de orelha a orelha.

Surreal silvou.

— Tenho a certeza que o Senhor Supremo ficará satisfeito por receber a Senhora — disse Beale, com um brilho suspeito nos olhos.

Antes que Surreal o pudesse impedir, Aaron afastou-lhe o cabelo, revelando uma orelha delicadamente pontiaguda. — E também o Príncipe Chaosti.

Os lábios de Beale estremeeceram. De seguida, recuperou o comportamento estóico, dirigindo-se aos imigrantes. — Os que aqui estão como criados, sigam o Holt — disse, indicando o lacaio que aguardava. — Os restantes, façam o favor de me acompanhar.

Logo que todos os eyrienos saíram do salão, à excepção do Príncipe Falonar, bem como Manny, Jazen e Andrew, Surreal dirigiu-se a Lucivar. — Não lhe deverias ter dito que deixasse que as crianças ficassem com os pais? Duvido que se sintam à vontade, num sítio que lhes é estranho.

O Príncipe Aaron pigarreou ruidosamente.

O Senhor Khardeen inclinou a cabeça e começou a estudar o tecto.

Lucivar limitou-se a olhá-la fixamente por um momento antes de dizer, devagar: — Se queres ensinar a Beale e a Helene como devem gerir este lugar, não faças cerimónia. Mas antes, deixa que me afaste da linha de fogo.

— Vinde, Senhora Surreal — disse Aaron. — Vamos instalar-vos antes que comeceis a desmoronar tudo à nossa volta.

Lucivar aguardou que Aaron e Khardeen acompanhassem Surreal e Wilhelmina para fora do salão, antes de se voltar para Falonar. — O que foi?

Falonar encolheu os ombros. — Porque escolheste Endar?

— Desde que o pessoal da casa saiba que Endar é marido de Dorian, ninguém contestará o facto de partilhar a cama dela. E acredita no que te digo, há machos aqui que não hesitariam em despedaçá-lo se não soubessem que essa partilha é consentida por ela. — Inspirou fundo e expirou devagar. — Amanhã explicarei as regras. Por hoje, informa os homens que se mantenham afastados de todas as mulheres. — Fez uma pausa e acrescentou: — O melhor é que te vás instalar. Permaneceremos aqui alguns dias.

Depois de Falonar sair, Lucivar virou-se para Daemon. — Anda. Vamos lá terminar isto para que possamos comer e descansar.

Daemon seguiu Lucivar pela escadaria da sala de recepções informal e pelo labirinto de corredores. Decorridos alguns minutos de silêncio, disse: — Chamaste-lhe Daemonar.

— Foi o mais parecido que consegui, mantendo o nome eyrieno — disse Lucivar baixinho, com a voz ligeiramente enrouquecida.

— Estou lisonjeado.

Lucivar resfolegou. — Poderias estar quando era ainda um bebé. Logo que se pôs em pé, transformou-se num monstrinho. — Passou os dedos pelo cabelo que lhe batia nos ombros. — E a culpa *não* é só minha. Não o fiz sozinho. Mas parece que ninguém se lembra disso.

— Não imagino porque será — disse Daemon friamente, observando Lucivar a inchar de indignação.

— Quando faz algo encantador, é o filho da sua mamã. Quando faz algo inteligente, é o neto do Senhor Supremo. Contudo, quando se porta como um monstrinho ordinário, é o *meu* filho. — Lucivar massajou o peito. — Às vezes, parece que faz certas coisas só para ver se o meu coração pára.

— Como há pouco?

Lucivar acenou a mão com indiferença. — Não, aquilo era apenas... apenas... merda. O que queres que te diga? É um monstrinho.

Ao virarem uma esquina quase chocaram com uma bela mulher eyriena. Usava uma camisa de noite comprida e prática e segurava um livro espesso.

— O teu filho — disse, espaçando as palavras, — não é um monstro.

— Deixa lá — disse Lucivar, semicerrando os olhos. — Marian, porque não estás na cama? Hoje devias estar a descansar.

Marian bufou irritada. — Dormitei a maior parte da manhã. Brinquei um pouco com Daemonar esta tarde e depois dormimos ambos uma sesta. Acabei de me levantar para ir buscar um livro. Vou voltar para a cama antes de Beale me trazer uma caneca de chocolate quente e um pires com biscoitos.

Lucivar semicerrou os olhos um pouco mais. — Não comeste nada hoje?

Daemon olhou atónito para Lucivar. Até um idiota – ou um macho eyrieno – conseguia ver que esta mulher estava a crepitar em silêncio.

— O tio Andulvar veio verificar se eu tinha comido um bom pequeno-almoço. Prothvar trouxe-me um lanchinho a meio da manhã. Almocei com Daemonar. Certo de que estaria esfomeada, Mephis trouxe um lanchinho a meio da tarde. E o teu pai já andou a indagar o que foi o meu jantar. Já fui bastante massacrada por hoje.

— Não te estou a massacrar — resmungou Lucivar – para logo acrescentar, baixinho: — Ainda não tive oportunidade de o fazer.

Marian olhou intencionalmente para Daemon. — Não deverias estar a tratar dos teus hóspedes?

— Não é um hóspede. É o meu irmão.

Sorrindo calorosamente, Marian estendeu a mão. — Deves ser o Daemon. Oh, estou tão feliz por finalmente teres chegado. Agora tenho mais um irmão.

Irmão? Pegando-lhe na mão, Daemon olhou para Lucivar com um ar perplexo.

Passando uma mão possessiva pelo cabelo de Marian que caía até à cintura, Lucivar disse afectuosamente: — A Marian faz-me a honra de ser minha mulher.

*E a mãe de Daemonar.* O chão desapareceu debaixo dos pés de Daemon para reaparecer de supetão.

Marian apertou-lhe a mão, com os olhos repletos de preocupação. O olhar de Lucivar tornou-se mais contundente.

As emoções colidiam dentro de si, de encontro à frágil sanidade. Sem poder oferecer-lhes qualquer tipo de alento, recuou e reiniciou o esforço para recuperar o controlo dos seus sentimentos.

Porventura percebendo que Daemon precisava de tempo, Lucivar puxou o livro que Marian segurava, tentando ler o título.

Marian agarrou-o com força e afastou-se de Lucivar.

— É um livro de fungadelas? — perguntou Lucivar, desconfiado.

Marian abriu e fechou as asas com um estalido. — Um quê?

— Tu sabes. Um desses livros que as mulheres gostam de ler e ficam todas chorosas. Da última vez que leste um desses, ficaste abalada quando fui ver o que se passava. Atiraste-me com o livro.

A crepitação de Marian deixara de ser silenciosa. — Não fiquei abalada com o *livro*. Entraste de rompante no quarto com as armas em riste e assustaste-me.

— Estavas a chorar. Pensei que te tivesses magoado. Ouve, só quero tomar conhecimento antecipadamente se te vais pôr a choramingar.

— Quando Jaenelle o leu, aposto que não a surpreendeste quando ela se pôs a choramingar.

Lucivar olhou para o livro como se lhe tivessem acabado de nascer presas. — Oh. *Esse* livro. — Protegeu a barriga com o braço. — Na verdade, eu surpreendi-a. Mas a pontaria dela é melhor que a tua.

A resmunguice de Marian deu lugar a uma gargalhada. — Pobre Lucivar. Tentas proteger as mulheres da família com tanto afinco e nós não mostramos o nosso apreço, pois não?

Lucivar fez um trejeito. — Bem, se essa história tiver cenas de amor interessantes, marca as páginas e poderás avaliar-me dentro de alguns dias.

Marian olhou de soslaio para Daemon e corou.

Lucivar beijou-a delicadamente e afastou-se para a deixar passar. — Agora vai para a cama.

— Até amanhã, Daemon — disse Marian, com alguma timidez.

— Boa noite, Senhora Marian — respondeu Daemon. Foi tudo o que conseguiu expressar.

Ficaram a observá-la até entrar nos seus aposentos, que eram também de Lucivar, e, nesse momento, Lucivar estendeu a mão. Daemon crispou-se, rejeitando o toque.

Deixando cair a mão, Lucivar disse: — Os aposentos do Senhor Supremo são ao fundo do corredor. Com certeza que desejará ver-te.

Daemon não se conseguia mexer. — Pensei que tivesses casado com Jaenelle.

— E o que te levou a pensar que tinha casado com Jaenelle?

O espanto na voz de Lucivar despertou a fúria de Daemon. — Estavas aqui — rosnou. — Por que não haverias de querer casar com ela?

Lucivar manteve-se em silêncio durante um longo minuto. Depois, calmamente, respondeu: — Esse foi sempre o teu sonho, Daemon. Não o meu. — Virando-se, começou a caminhar pelo corredor. — Anda.

Daemon seguiu-o devagar. Quando Lucivar parou e bateu a uma porta, continuou a caminhar, atraído pelo forte e obscuro odor psíquico feminino proveniente de um quarto do lado oposto do corredor.

— Daemon?

A voz de Lucivar dissipou-se, calada por uma poderosa vaga de emoções.

Daemon abriu uma porta e entrou numa sala de estar. Numa das paredes podiam ver-se estantes encastradas por cima de armários em madeira fechados e que lhe davam pela cintura. Um sofá, duas mesas triangulares de apoio e duas cadeiras constituíam a mobília à volta de uma mesa baixa e comprida. Nas mesas de apoio podia ver-se um par de candeeiros curvados e patinados. Ao lado de uma das cadeiras estava um grande cesto repleto de meadas de lã e de fios de seda e um bordado praticamente acabado. À frente das portas em vidro encontrava-se uma secretária, e essas portas abriam para a varanda. Num dos cantos estava um suporte com degraus carregado de plantas.

O odor psíquico inundava-o, arrastava-o. Oh, recordava-se perfeitamente do odor obscuro. Contudo, havia agora algo de diferente, um toque delicado e agradável a almíscar.

O corpo de Daemon ficou tenso, depois inchado de interesse masculino até a sua mente compreender o significado dessa diferença. Foi então que reparou nos chinelos azul-safira junto a uma cadeira. Chinelos de mulher.

Contra toda a sensatez, apesar do anseio, mesmo quando julgara que Lucivar tinha casado com ela, não absorvera inteiramente o facto de que Jaenelle já não era a criança que conhecera. Crescera.

As paredes do quarto começaram a ficar acinzentadas, para depois escurecerem e começarem a fechar-se, formando um túnel à sua volta.

— Daemon.

Também se recordava daquela voz profunda. Ouvira-a com um ar divertido. Ouvira-a repleta de raiva e de poder feríssimo. Ouvira-a enrouquecida e extenuada. Ouvira-a a suplicar-lhe que ascendesse, que aceitasse a ajuda e a força que lhe era oferecida.

Virando-se com lentidão, deparou-se com Saetan. O Príncipe das Trevas. O Senhor Supremo do Inferno. O seu pai.

Saetan estendeu a mão, de dedos esguios e unhas longas e tingidas a negro. — Daemon... Jaenelle está viva — disse, docilmente.

O quarto contraiu-se. O túnel continuava a fechar-se. A mão aguardava-o, oferecendo força, segurança, conforto – tudo o que rejeitara no Reino Distorcido.

— Daemon.

Deu um passo em frente. Levantou a mão, de dedos esguios e unhas longas e tingidas a negro. Desta vez, era a sua própria fragilidade que temia. Desta vez, aceitaria as promessas de Saetan.

Deu mais um passo, na direcção da mão que espelhava a sua.

Imediatamente antes de tocar com os dedos nos dedos de Saetan, o quarto esvaiu-se.

— Mantém a cabeça baixa, rapazola. Respira devagar. Isso mesmo. Serenidade força e calor fluíam da mão que lhe afagava o cabelo, o pescoço, as costas.

O esforço deixou-o nauseado, mas, passado um momento, Daemon conseguiu que o cérebro e a mente funcionassem em conjunto e abriu os olhos. Viu o tapete entre os pés – tons terra, com espirais verde-claro e vermelho velho. Obviamente, o tapete não conseguia decidir-se se representava a Primavera ou o Outono.

— Queres um copo de conhaque ou uma bacia? — perguntou Lucivar.

Por que haveria de querer uma bacia?

Sentiu o estômago às voltas. Engoliu com cuidado. — Conhaque — disse, cerrando os dentes na esperança de não ter feito a escolha errada.

Quando Lucivar regressou, pôs-lhe na mão um copo de balão generosamente servido e enfiou-lhe uma bacia entre os pés.

A mão que massajava as costas de Daemon parou de se mover. — Lucivar — disse Saetan, num tom de voz divertido e aborrecido em medidas iguais.

— A Helene não ficará nada contente se vomitar no tapete.

Daemon não reconheceu a palavra que Saetan usou, embora lhe tivesse soado desagradável. Era insignificante, mas sentiu uma satisfação infantil pois o seu pai tomara o seu partido.

— Vai para o Inferno — disse Daemon, endireitando-se para beber um gole do conhaque.

— Não sou eu que ainda há um minuto ia batendo com o nariz no chão — resmoneou Lucivar, farfalhando as asas.

— Crianças — avisou Saetan.

Visto que o estômago não rejeitou de imediato o conhaque, Daemon bebeu outro gole – acercando-se gradualmente das perguntas que necessitavam de respostas. — Está mesmo viva?

— Está mesmo viva — respondeu Saetan, com afabilidade.

— Viveu aqui desde... — Não conseguiu exprimir.

— Sim.

Daemon virou a cabeça, precisando de ver a resposta nos olhos de Saetan, assim como ouvi-la. — E conseguiu curar-se?

— Sim.

Todavia, detectou um tremeluzir de hesitação nos olhos dourados.

Bebendo mais um gole de conhaque, apercebeu-se finalmente que, embora o odor psíquico de Jaenelle ocupasse o quarto, não era recente. — Onde está?



— Está a fazer o périplo de Outono aos Territórios dos parentes — disse Saetan. — Fazemos o possível por não interromper, mas eu podia...

— Não. — Daemon fechou os olhos. Precisava de algum tempo para se recompor antes de voltar a encontrá-la. — Posso esperar. — Esperara treze anos. Mais alguns dias não seriam relevantes.

Saetan hesitou, olhando de relance para Lucivar que acenou afirmativamente com a cabeça. — Tens algo em que pensar antes de Jaenelle regressar. — Invocou um pequeno estojo de jóias e abriu-o com o polegar.

Daemon olhou abismado para o rubi lapidado no anel de ouro. Um anel de Consorte. Já vira aquele anel no Reino Distorcido, à volta do pé de um cálice de cristal que fora estilhaçado e cuidadosamente reunido. O cálice de Jaenelle. A promessa de Jaenelle.

— Não é a ti que te cabe oferecê-lo — disse Daemon. Apertou com força o copo de conhaque para escapar à tentação de pegar no anel.

— A oferta não é minha, Príncipe. Como Administrador da Corte das Trevas, foi-me confiada a sua guarda.

Daemon humedeceu os lábios. — Já foi usado alguma vez? — Jaenelle tinha agora vinte e cinco anos. Não havia motivo para crer — para ter esperança — que nunca tivesse sido usado no dedo de outro homem.

Os olhos de Saetan continham uma mistura de alívio e de tristeza. — Não. — Fechou o estojo e ofereceu-o a Daemon.

Daemon agarrou-o bruscamente, fechando-a na mão com força.

— Anda, rapazola — disse Saetan, entregando o copo de conhaque a Lucivar e ajudando Daemon a levantar-se. — Eu levo-te ao teu quarto. Beale irá trazer um tabuleiro dentro de alguns minutos. Tenta comer e dormir um pouco. De manhã, voltaremos a falar.

Abrindo a porta em vidro, Daemon saiu para a varanda. O roupão em seda era demasiado fino e não impedia que a brisa nocturna dispersasse o calor que adquirira num banho prolongado, todavia, precisava de estar ao ar livre por um momento. Precisava de ouvir a água a cantar nas pedras da fonte de aspecto natural no centro do jardim, lá em baixo. Nos quartos que rodeavam o jardim, só dois deles exibiam uma ténue luz. Quartos de hóspedes? Ou esses quartos seriam ocupados por Khardeen e Aaron?

Saetan dissera que nenhum homem usara o anel de Consorte, mas...

Daemon inspirou fundo e expirou devagar. Era Rainha e uma Rainha tinha direito a qualquer prazer que os machos da sua corte lhe pudessem proporcionar.

E agora estava aqui.

A tiritar, voltou para o quarto, trancou a porta em vidro e puxou os cortinados. Despiu o roupão, deitou-se e puxou os cobertores sobre o corpo

desnudado. Virando-se de lado, fitou demoradamente o estojo que pusera na mesinha de cabeceira.

Estava aqui. Agora, a escolha era sua.

Tirou o anel de Consorte do estojo e enfiou-o no dedo anelar da mão esquerda.

## 6 / Kaeleer

Depois de dispor o último dos seus produtos de higiene pessoal no armário da casa de banho, Surreal deteve-se por um instante, à escuta. Sim, entrara alguém no seu quarto. Teria a criada regressado para outra educada contenda verbal? *Dissera* à mulher que não precisava de ajuda para desfazer as malas – e ficara a pensar no comentário entre dentes da criada. *Não haja dúvidas, é uma SaDiablo.*

Talvez se tivesse precipitado um pouco. Afinal, não queria ter de tratar da roupa enquanto aqui permanecesse.

Dirigindo-se à porta da casa de banho, Surreal enviou uma prudente sonda psíquica na direcção do quarto. Nos seus lábios formou-se um rosado. Não era a criada que estava de volta, era um macho a pôr-se à vontade no seu quarto. Surreal hesitou. O odor psíquico era de um *macho*, não tinha dúvidas – mas havia algo que era um pouco diferente.

Invocando o seu punhal preferido, usou a Arte para o ocultar mediante um escudo de visão. Com os braços ao lado do corpo e a mão direita ligeiramente dobrada a segurar no punho, ninguém suspeitaria que tinha uma arma a postos – a não ser que soubessem que era uma assassina. Muito provavelmente, seria um macho que tomara conhecimento da sua profissão anterior e imaginara que ficaria agradada por o acolher – como os canalhas ordinários da feira de serviços que não paravam de insistir para que assinasse um contrato numa casa da Lua Vermelha “aristocrática”.

Bom, se este macho esperava uma pândega, teria de informá-lo que, em primeiro lugar, teria de falar com o Administrador relativamente a contrapartidas. A menos que fosse o próprio Administrador. Esperaria comprá-la para que desistisse de um contrato que não tinha desejado assinar desde logo?

Com o temperamento a ferver, Surreal entrou de rompante no quarto – e parou abruptamente, não sabendo se deveria gritar ou rir.

Um grande cão cinzento tinha a cabeça enfiada no baú aberto de Surreal. A ponta da cauda abanava como um metrónomo acelerado ao mesmo tempo que farejava as roupas.

— Encontrei alguma coisa interessante? — perguntou Surreal.

O cão saltou do baú, dirigindo-se para a porta. Foi então que parou e o seu corpo foi percorrido por um tremor nervoso enquanto olhava para Surreal com os seus olhos castanhos. A cauda abanou por duas vezes, com um *toc-toc* esperançoso, para depois a enfiar entre as pernas.

Surreal fez o punhal desaparecer. Não tirando os olhos do cão, verificou o baú. Se tivesse feito algo nojento às suas roupas... Vendo que nada mais fizera do que farejar, relaxou e virou-se de frente para o cão.

— És enorme — disse, num tom agradável. — Tens permissão para estar dentro de casa?

— Rrrf.

— Tens razão. Tendo em conta a dimensão deste lugar, foi uma pergunta parva. — Estendeu a mão ligeiramente fechada.

Aceitando o convite, o cão farejou-lhe avidamente a mão, os pés, os joelhos, a...

— Não me metas o focinho entre as pernas — resmoneou Surreal.

O cão recuou dois passos e espirrou.

— Bem, essa é a tua opinião.

Abriu a boca numa careta canina. — Rrrf.

Rindo, Surreal guardou as roupas no guarda-fatos e no toucador. Depois de pendurar a última peça, fechou o baú.

Percebendo que tinha de novo a atenção da mulher, o cão sentou-se e ofereceu-lhe uma pata.

Bem, parecia amigável.

Depois de lhe apertar a pata, passou-lhe as mãos pelo pêlo, coçou atrás das orelhas e massajou-lhe a cabeça até que os olhos do cão começaram a fechar-se de satisfação. — És um lindo menino, não és? Um menino enorme e peludo.

Deu-lhe dois beijos entusiastas, embora ensopados, no queixo.

Surreal levantou-se, espreguiçando-se. — Agora tenho de ir, rapazola. O meu jantar está algures neste lugar e tenciono encontrá-lo.

— Rrrf. — O cão saltitou para a porta, com a cauda a abanar.

Surreal fitou-o. — Bem, acho que *deves* saber onde encontrar comida. Deixa-me despachar e depois partiremos à caça do jantar arredio.

— Rrrf.

*Fogo do Inferno*, pensava Surreal ao lavar as mãos e pentear o cabelo. Devia estar mais cansada do que pensava uma vez que estava a imaginar inflexões de tons nos sons emitidos pelo cão que faziam com que parecesse que estava mesmo a responder-lhe. E podia jurar que aquele último “Rrrf” estava carregado de divertimento. Tal como podia jurar que alguém estava a tentar alcançá-la num fio psíquico de comunicações e que era *ela* que se estava a atrapalhar com a ligação.

Quando regressou, o estado de espírito do cão tinha-se alterado. Ao abrir a porta do quarto, olhou para ela com um ar triste e esgueirou-se para o corredor.

O Príncipe Aaron estava encostado à parede oposta.

Era um homem bonito de cabelo preto, olhos cinzentos e apresentava uma altura e uma constituição que as mulheres considerariam atraente. Ao lado de Sadi, ficaria num distante segundo lugar – bem, o mesmo aconteceria com qualquer outro homem – mas decerto que nunca lhe faltariam convites para a cama.

Porventura fosse essa a explicação para a prudência sob a confiança arrogante.

— Visto que não conheceis o lugar, passei aqui para vos acompanhar e à Senhora Benedict até à sala de jantar — disse Aaron, parecendo estar a esforçar-se para não sorrir. — Contudo, vejo que já tendes companhia.

As orelhas do cão arrebitaram-se. Começou a abanar a cauda.

O corredor encheu-se de correntes masculinas incomodativas. Surreal considerou por breves instantes dar uma bofetada a um deles, quebrando o que quer que se estivesse a passar, mas perder os acompanhantes significava ter de dar sozinha com a sala de jantar.

Felizmente, Wilhelmina Benedict escolheu esse preciso momento para sair do quarto, que era ao lado do quarto de Surreal. Depois de Aaron explicar que as acompanharia, ofereceu um braço a cada mulher e os três, com o cão a segui-los de perto, iniciaram a longa caminhada pelo Paço.

— Os criados devem ficar exaustos ao final do dia — disse Surreal ao virarem para mais outro corredor.

— Nem por isso — respondeu Aaron. — O pessoal trabalha por turnos e é-lhes atribuída uma das alas do Paço. Dessa forma, todos acabam por trabalhar na ala da família e na ala onde reside a corte, quando aqui permanece.

— Isso quer dizer que vou voltar à mesma discussão com *outra* criada? — Surreal queixou-se.

Aaron lançou-lhe um olhar divertido. — Quer dizer que preparastes o vosso próprio banho?

— Nem me dei ao trabalho de tomar banho — ripostou Surreal. — Sentai-vos contra o vento.

*Convencida.*

Não tinha de dizê-lo em voz alta. A sua expressão era suficiente.

Surreal olhou para trás para o acompanhante peludo. Bem, os animais deveriam ser um assunto seguro para conversa de circunstância. — Tem autorização para estar dentro de casa?

— Oh, claro — disse Aaron. — Embora ficasse surpreendido por vê-lo

aqui. A alcateia fica normalmente nos bosques a norte quando há estranhos por estes lados.

— A alcateia? — Qual é a raça deste cão?

— Não é um cão. É um lobo. E é parente.

Wilhelmina sobressaltou-se e olhou para o lobo com um ar assustado. — Mas... os lobos não são animais selvagens?

— É também Senhor da Guerra — disse Aaron, ignorando a pergunta de Wilhelmina.

Surreal sentiu-se ligeiramente nauseada. Já ouvira falar dos parentes, que teriam algum tipo de magia animal. Mas chamar-lhe Senhor da Guerra... — Quereis dizer que é Sangue?

— Mas é claro.

— Qual o motivo para estar no Paço?

— Bem, assim de repente, diria que está a travar amizades.

*Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas*, pensou Surreal. O que significava *aquilo*? — Assim sendo, parece que não é verdadeiramente selvagem. Se está dentro de casa, deve estar domesticado.

Aaron olhou-a com um ar feroz. — Se com “domesticado” quereis dizer que não mija nos tapetes, então é domesticado. Porém, por esses padrões, também eu sou domesticado.

Surreal cerrou os dentes. Que se dane a conversa de circunstância. Neste local, transformava-se em areias movediças verbais.

Fez eco do suspiro de alívio de Wilhelmina quando chegaram a uma escadaria. Felizmente, a sala de jantar não estava muito distante e pôde afastar-se um pouco do seu acompanhante. Acompanhantes. Seja o que for.

Merda.

Talvez Khardeen estivesse na sala de jantar. Era Senhor da Guerra, seu semelhante em casta e as Jóias Cinzentas de Surreal eram superiores às Azul-Safira, o que lhe proporcionava uma vantagem. Neste momento, desejava uma vantagem pois tinha a impressão vincada de que, dos dois acompanhantes, o que possuía a dentadura mais impressionante era, na verdade, o que representava menor perigo.

Surreal olhava fixamente para a porta em madeira fechada, desejando tê-lo feito antes de comer. O bife alto e a caçarola de vegetais estavam deliciosos, tal como o pão, o queijo e as maçãs ligeiramente ácidas, que deglutira com entusiasmo. Agora o estômago comprimido estava a moldar toda aquela comida numa bola rígida.

Resmoneando baixinho, ergueu o punho para bater à porta. Fogo do Inferno, não passava de uma reunião necessária com o Administrador da corte... que detinha agora a autoridade para controlar a sua vida... que

era também o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan... que era também o Senhor Supremo do Inferno... cujo nome era Saetan Daemon SaDiablo.

— Rrrf?

Surreal olhou por cima do ombro. O lobo inclinou a cabeça.

— Acho que é melhor ficares aqui — disse, batendo uma única e enérgica vez na porta. Ao ouvir uma voz grave dizer: — Entre —, deslizou para a divisão, fechando a porta antes que o lobo a conseguisse seguir.

A divisão tinha a forma de um L invertido. A parte mais alongada era composta por uma área de estar confortável, com mesas, cadeiras e um sofá em pele preta. Nas paredes podia ver-se uma variedade de quadros, desde pinturas comoventes a óleo a bizarros rascunhos a carvão. Intrigada pelas escolhas, virou-se na direcção do recanto.

As paredes estavam forradas a veludo vermelho escuro. A parede ao fundo era composta por prateleiras de livros do chão ao tecto. Uma secretária em madeira escura preenchia o centro do espaço. Dois candeeiros iluminavam o tampo da secretária, bem como o homem sentado atrás dela.

À primeira vista, julgou que Daemon lhe estava a pregar alguma partida. Depois, olhou com mais atenção.

O rosto parecia-se com o de Daemon, sendo gracioso, mais do que belo. Era, sem dúvida, mais velho, e o espesso cabelo negro estava a ficar grisalho nas têmporas. Usava óculos em meia-lua, dando-lhe um ar de escritor benévolo. Porém, as mãos elegantes possuíam unhas longas, tingidas a negro, tal como as de Daemon. Na mão esquerda, usava um anel de Administrador. Na mão direita, um anel com uma Jóia Negra.

— Senta-te, por favor — disse, continuando a tomar notas no papel à sua frente. — É só um minuto.

Surreal deslocou-se de lado para a cadeira à frente da secretária, sentando-se com delicadeza. Aquela voz tinha o mesmo timbre profundo da voz de Daemon, estava dotada com a mesma capacidade de tocar nos ossos de uma mulher, deixando-a ansiosa. Pelo menos, o calor que jorrava de Daemon mesmo quando tentava mantê-lo firmemente controlado, não se fazia ouvir no Senhor Supremo. Quicá devido à idade.

Nessa altura, pôs a tampa na caneta, pousou os óculos na secretária, recostou-se na cadeira e juntou os dedos de ambas as mãos, pousando o queixo sobre eles.

Sentiu um aperto na garganta. Presenciara Daemon sentar-se exactamente naquela posição sempre que a conversa era de tom “formal”. Fogo do Inferno, qual *era* a ligação entre Sadi e o Senhor Supremo?

— Então — disse, calmamente. — És Surreal. A filha de Titian.

Surreal sentiu um calafrio a percorrê-la. — Conhecestes a minha mãe?

Sorriu friamente. — Ainda conheço. E uma vez que sou família da sua família, considera-me um amigo tolerável, apesar de ser macho.

As palavras que a tinham vindo a atormentar, durante todo o percurso até este local, saíram precipitadamente. — A minha mãe *não* é uma Harpia.

Saetan olhou-a de modo pensativo. — Uma Harpia é uma feiticeira que morreu de forma violenta às mãos de um macho. Diria que essa descrição assenta a Titian, não concordas? Além disso — acrescentou, — não creio que ser Rainha das Harpias possa ser considerado insultuoso.

— Oh. — Surreal prendeu o cabelo atrás das orelhas. Disse-o com um ar tão prosaico e não restavam dúvidas quanto ao respeito presente na sua voz.

— Gostarias de a ver? — perguntou Saetan.

— Mas... se é demónia-morta...

— Podíamos combinar um encontro aqui no Paço. Posso perguntar-lhe se é essa a sua vontade.

— Visto que sois o Senhor Supremo, fico surpreendida por não lhe ordenares simplesmente que venha — disse Surreal, com algum azedume.

Saetan deu uma gargalhada abafada. — Minha querida, posso ser o Senhor Supremo, mas também sou macho. Não vou dar ordens a uma Rainha Viúva Negra sem uma boa razão.

Surreal semicerrou os olhos. — Não vos imagino submisso.

— Não sou submisso, mas a verdade é que sirvo. Será sensato que não confundas estes dois aspectos ao conviveres com os machos desta corte.

Oh, maravilhoso.

— Especialmente tendo declarado formalmente que fazes parte da família — acrescentou Saetan.

Mãe Noite. — Vede — disse Surreal, inclinando-se para a frente, — não sabia que havia quem usasse este nome por estas bandas. — *E com certeza que não esperava encontrá-los.*

— Se pensarmos bem, tens tanto direito a esse nome como Kartane SaDiablo — disse, enigmaticamente. — E, visto que o registaste *de facto*, tens de aceitar as consequências.

— E quais são? — questionou Surreal, desconfiada.

Saetan sorriu. — A versão mais curta é que, como patriarca da família, sou agora responsável por ti e é a mim que tens de prestar contas.

— Quando o sol brilhar no Inferno — ripostou Surreal.

— Cuidado com as condições que estabelececes, feiticeirazita — disse, docilmente. — Jaenelle tem formas sinistras – e, por vezes, inquietantes – de corresponder às condições impostas.

Surreal engoliu em seco. — Está mesmo em Kaeleer?

Saetan pegou no marco de travessia segura que repousava na secretária. — Não foi por isso que vieste?

Anuiu. — Queria descobrir o que lhe tinha acontecido.

— Podes fazer essas perguntas directamente a Jaenelle. Regressará a casa dentro de alguns dias.

— Mora *aquí*?

— Não é a sua única casa, mas, sim, mora aqui.

— E Daemon sabe disso? — perguntou. — Não foi jantar.

— Sabe — respondeu Saetan, com afabilidade. — Está um pouco transtornado.

— Isso é um eufemismo — murmurou entre dentes. De seguida, pensou em algo diferente, algo que lhe acirrara a curiosidade durante treze anos. Se existia alguém nos Reinos capaz de responder, era com certeza o Senhor Supremo. — Alguma vez ouvistes falar do Sacerdote Supremo da Ampulheta?

O sorriso de Saetan ganhou um ar sarcástico. — Eu *sou* o Sacerdote Supremo.

— Oh, merda.

A gargalhada de Saetan era calorosa e robusta. — Estavas disposta a defrontar-me como Senhor Supremo, como Administrador e como patriarca da família, mas ao saberes que sou o Sacerdote ficas sem chão de baixo dos pés?

Surreal olhou-o furiosamente. Colocado dessa forma, era *realmente* uma tolice. Mas não deixava de ser desconcertante descobrir que o macho perigoso cujo odor detectara naquela noite no Altar de Cassandra era o mesmo homem com ar divertido, sentado do outro lado da secretária. — Assim sendo, podereis contar a Daemon o que aconteceu naquela noite. Podereis contar-lhe aquilo de que não se lembra.

Saetan abanou a cabeça. — Não, não posso. Posso confirmar o que aconteceu enquanto estávamos ligados e posso contar-lhe o que se passou posteriormente. Contudo, só uma pessoa lhe poderá narrar o que se passou no abismo.

Surreal suspirou. — Temo o que possa descobrir.

— Não me preocuparia demasiadamente. Quando Jaenelle formou oficialmente a sua corte, o anel de Consorte foi guardado para ele, por sua imposição. Por isso, o que quer que tenha acontecido entre ambos, não poderá ter sido assim tão inquietante. Pelo menos para ela — acrescentou com solenidade. Levantando-se, contornou a secretária. — Ainda tenho de receber vários eyrienos esta noite bem como ouvir os relatos de Aaron, Khardeen e Lucivar. Se necessitares de ajuda para compreender os Sangue deste sítio, vem ter comigo e falaremos.

Aceitando a dispensa, Surreal levantou-se e olhou de relance para a porta. — Só mais uma coisa.



Saetan examinou a porta fechada. — Vejo que travaste conhecimento com o Senhor Colmilho Cinzento.

Surreal reprimiu uma gargalhada.

— Bem sei. Os nomes deles soam-nos tão estranhos como os nossos a eles. Embora tenham mais motivos para assim julgarem. Quando as crias dos parentes nascem, uma Viúva Negra realiza o passo ao lado mental, entrando nos sonhos e nas visões. Por vezes, nada vê. Outras vezes, apelida uma das crias consoante as visões.

— Bem — disse Surreal, sorrindo, — é cinzento e tem presas. O Aaron disse que estava no Paço para fazer amigos.

Saetan olhou-a de modo estranho. — Diria que é correcto. Os cães e cavalos parentes dão-se bem com os humanos dos Sangue uma vez que viveram entre eles durante tanto tempo, embora em segredo, até há oito anos. Os restantes parentes costumam manter-se afastados da maioria dos humanos. Contudo, quando se deparam com um humano que consideram compatível, tentam estabelecer um vínculo, para melhor nos compreenderem.

— E porquê eu? — perguntou Surreal, intrigada.

— Aqui, as Rainhas possuem cortes poderosas e os machos do Primeiro Círculo têm direito ao quinhão principal do seu tempo e das suas atenções. Um jovem como o Colmilho Cinzento tem de esperar a sua vez, mas depois terá ainda de partilhar esse tempo com outros jovens machos na mesma posição. Mas tu és uma feiticeira de Jóia Cinzenta que não possui, por enquanto, outras pretensões de machos.

— À excepção dos machos da família — disse Surreal, amargamente.

— À excepção dos machos da família — concordou Saetan. — De ambos os lados.

Surreal bufou.

— Mas essa pretensão não é exactamente da mesma natureza. Não és Rainha, cujas cortes são formadas por um Protocolo diferente. Por isso, se aceites o Colmilho Cinzento antes de os outros machos se aperceberem da tua presença, ele irá manter a posição dominante em relação a todos os outros machos, exceptuando o teu parceiro, mesmo que os outros usem Jóias mais escuras. Uma vez que não chegou ainda à idade de realizar a Dádiva às Trevas e ainda usa a Jóia Violácea de Direito por Progenitura, as probabilidades de um macho de Jóia mais escura se vir a interessar por ti são elevadas.

— Mas isso não explica o motivo do interesse em mim.

Saetan estendeu o braço lentamente. Com o indicador da mão esquerda segurou na corrente em ouro à volta do pescoço de Surreal, retirando-a para fora da blusa até a Jóia Cinzenta ficar pendurada entre ambos.

No início, Surreal julgou que a carícia que acompanhava o movimento era um tipo de sedução subtil. Depois apercebeu-se que Saetan, não preten-

dia seduzir. Era um gesto tão natural para ele como respirar.

Mas que não estava a ter um efeito benéfico na respiração de *Surreal*.

— Pensa nisto — disse Saetan. — O nome pode não lhe ter sido atribuído por ser pardo e por ter presas mas sim por ser o colmilho da Cinzenta.

— Mãe Noite — disse *Surreal*, olhando para a sua Jóia.

Saetan baixou a Jóia até ficar pousada sobre o peito de *Surreal*. — A decisão é tua e eu apoiarei qualquer decisão que tomes. Contudo, pondera bem, *Surreal*. As visões de uma Viúva Negra não devem ser rejeitadas de uma penada.

Acenando com a cabeça, apreciou a sensação da mão de Saetan nas suas costas ao conduzi-la até à porta. Quando pegou na maçaneta, *Surreal* pôs a mão na porta para não deixar que a abrisse. — Qual é a natureza da vossa ligação a *Daemon*?

— Ele e *Lucivar* são meus filhos.

Era de esperar.

— *Daemon* herdou o vosso bom aspecto — disse *Surreal*.

— E também o meu temperamento.

Entendendo a advertência na voz de Saetan, reconheceu, no fundo daqueles olhos dourados, a mesma prudência que vira nos olhos de *Aaron*. Fogo do Inferno, teria de encontrar depressa alguém que lhe pudesse explicar as regras machos-fêmeas em *Kaeleer*. A desconfiança por ser uma assassina era uma coisa. A desconfiança por ser mulher... Não gostava. Não vindo dele. Não gostava mesmo nada.

— Gostaria de me encontrar com a minha mãe — disse, bruscamente.

Saetan acenou afirmativamente com a cabeça. — A corte chega esta noite e não posso sair até a Rainha aprovar os recém-chegados, mas farei com que a mensagem chegue a *Titian*.

— Obrigada. — *Maldição, pára de empatar. Sai daqui*. Saiu rapidamente do gabinete logo que Saetan abriu a porta.

Com o Colmilho Cinzento a saltitar a seu lado, *Surreal* continuava a sentir aquele estranho toque psíquico nas suas barreiras interiores.

Sem ele, ter-se-ia perdido por duas vezes, embora tivesse reparado na presença de lacaios em todos os corredores principais. Cada um dos homens erguia-se da sua cadeira, olhava de relance para o Colmilho Cinzento, sorria para *Surreal* e permanecia em silêncio. Assim, seguiu o lobo até se encontrar de volta à segurança do seu quarto.

Quando a deixou, para tratar dos seus próprios afazeres noctívagos, *Surreal* despiu-se rapidamente e vestiu um pijama de mangas compridas. A maior parte das vezes ainda preferia camisas de noite em seda, mas noutras ocasiões – como esta noite – apetecia-lhe vestir algo que parecesse e que lhe transmitisse a sensação de ser assexuado.

Jogando a roupa suja para um cesto na casa de banho, apressou o seu ritual nocturno, enfiou-se na cama e desligou o candeeiro da mesinha da cabeceira.

Alguém colocara um ténue feitiço de aquecimento nos lençóis. Provavelmente, fora a criada. Agradecendo silenciosamente à mulher, Surreal aconchegou-se sob os cobertores.

Estava já a adormecer quando se apercebeu da passagem de uma sombra na porta de vidro. Crispou-se, expectante, até sentir um corpo a subir para a cama, a dar três voltas e a aconchegar-se a seu lado, com um suspiro de satisfação.

Virando ligeiramente o tronco, olhou para o Colmilho Cinzento. Sentindo uma vez mais aquele estranho toque psíquico, deixou-se levar, demasiado cansada para pensar no que estava a fazer e mais preocupada em saber se iria acordar com pulgas na manhã seguinte.

“Pulgas não” disse uma voz masculina ensonada através de um fio psíquico. “Os parentes sabem feitiços contra pulgas e outras sarnas.”

Com um berro, Surreal sentou-se de um pulo.

O Colmilho Cinzento levantou-se, com os dentes cerrados e os pêlos eriçados. “Onde está o perigo?” questionou. “Não farejo perigo.”

— *Tu falas!*

Lentamente, os pêlos do Colmilho Cinzento assentaram. Escondeu os dentes. “Sou parente. Nem sempre queremos falar com os humanos, mas sabemos falar.”

Mãe Noite, Mãe Noite, Mãe Noite.

Com a cauda a abanar, chegou-se à frente e lambeu a bochecha de Surreal. “Ouviste-me!” disse, feliz. “Ainda nem sequer foste treinada e consegues ouvir os parentes!” Levantou a cabeça e uivou.

Surreal agarrou-o pelo focinho. — Cala-te. Vais acordar toda a gente.

“Ladvarian vai ficar contente.”

— Óptimo. Fico feliz. — *Em nome no Inferno, quem é Ladvarian?*  
— Agora vamos dormir, está bem? — E dado que não fazia ideia como tinha conseguido estabelecer esta ligação, como iria cortá-la para que os seus pensamentos voltassem a ser privados?

Sentiu uma ligeira pressão mental e, de seguida, novamente aquele toque estranho.

— Rrrf.

— Obrigada — disse Surreal debilmente. Pela manhã, pensava enquanto se aconchegava de novo sob os cobertores, sentindo o Colmilho Cinzento a encostar-se às suas costas. Pensaria nisto pela manhã...

## CAPÍTULO TRÊS

### 1 / Kaeleer

Daemon compôs cuidadosamente os punhos da camisa e do casaco. Sentia-se mais seguro esta manhã, embora não sentisse que tivesse repousado. O sono tinha sido interrompido por sonhos vagos e rasgos de memórias, pela consciência de que apenas uma porta o separava do quarto de Jaenelle e por um corpo excitado e desassossegado, que sabia com ferocidade aquilo que desejava.

Ao enfiar as mãos nos bolsos das calças apercebeu-se do anel de Consorte na mão esquerda. Como se não tivesse consciência da sua existência desde que despertara. Não era unicamente a sensação estranha de um anel naquela mão; eram os deveres e as responsabilidades que o anel acarretava que o faziam sentir-se apreensivo. Oh, o corpo executaria os deveres avidamente. Pelo menos, assim julgava que seria. E era essa a intenção, não era? Não sabia como iria reagir quando voltasse a encontrar Jaenelle. Da mesma forma, não sabia como ela iria reagir.

Dando-se conta, por fim, que Jazen, o seu criado particular, cumpria vagarosamente as tarefas matinais, Daemon observou o homem.

— Instalaste-te comodamente ontem à noite? — perguntou Daemon.

Jazen esforçou-se por sorrir mas não o olhou directamente. — As instalações dos serviços são bastante espaçosas.

— E os serviços?

— São... educados.

Daemon sentiu o calafrio preambular à fúria e dominou-a, com afincado. Jazen já sofrera bastante. Se tivesse de abanar o Paço até aos alicerces, certificar-se-ia de que a vida do homem não seria ainda mais dificultada por criados que não faziam ideia da brutalidade que os homens enfrentavam nos Territórios terreilleanos sob o jugo de Dorothea.

— Não sei bem o que é esperado de mim para hoje.

Jazen acenou com a cabeça. — Os outros criados particulares indica-

ram-me que o vestuário hoje seria informal uma vez que o Primeiro Círculo irá avaliar os recém-chegados. Aqueles que se sentam à mesa do Senhor Supremo terão de se vestir adequadamente. Mas não é necessário fato de cerimónia — acrescentou quando Daemon ergueu uma sobranceira. — Contudo, consegui apurar que as Senhoras vestem de forma descontraída durante o dia.

Daemon removeu aquelas informações ao caminhar pelos corredores para a sala de jantar. Com base na sua experiência em cortes terreilleanas, a roupa informal significava vestuário prático elaborado com tecidos ligeiramente menos faustosos dos que aqueles que se usavam durante o jantar.

Ao virar a uma esquina, reparou na feiticeira de pele clara e cabelo ruivo que caminhava na sua direcção. Usava calças coçadas de um tom castanho-escuro e uma camisola de lã comprida, larga, verde-urze e com remendos decorativos. Pôde ver a aprovação na avaliação rápida que os seus olhos verdes realizaram ao seu corpo, mas não detectou qualquer interesse activo. — Príncipe — disse, educadamente, ao passar por ele.

— Senhora — respondeu com igual delicadeza, imaginando como é que um picuinhas como suspeitava que Beale era, permitia que um serviçal se vestisse daquela forma. Quando sentiu uma lufada do odor psíquico da mulher, girou sobre si próprio e ficou a olhar boquiaberto para ela, até virar numa esquina e desaparecer.

Rainha. Aquela mulher era *Rainha*.

Sentiu o estômago a dar horas, o que o levou a retomar o caminho.

Uma Rainha. Bem, se *aquele* era o conceito que as Senhoras tinham relativamente a roupa informal, apoiava veementemente a insistência do Senhor Supremo sobre as regras de vestuário para o jantar – um sentimento que, tinha fortes suspeitas, deveria guardar para si.

Estava perto da sala de jantar quando se encontrou com Saetan.

— Príncipe Sadi, precisamos discutir um assunto — disse Saetan serenamente, embora com uma expressão carregada.

A utilização do título formal por Saetan provocou-lhe um arrepio pelas costas abaixo.

— Então vamos lá despachar isso — respondeu Daemon, seguindo Saetan até ao gabinete oficial do Senhor Supremo. Sentiu uma camada de tensão a aliviar-se ao ver que Saetan a encostar-se à parte da frente da secretária em madeira escura, em vez de se sentar atrás dela.

— Tens consciência de que o teu criado particular foi totalmente rapado? — perguntou Saetan delicadamente, sinistramente.

— Sei disso — respondeu Daemon com igual delicadeza.

— Entre nós, são escassas as leis que justificam esses castigos, quando quebradas. Todas são de carácter sexual.

— Jazen nada fez a não ser estar no sítio errado na altura errada — re-darguiu Daemon. — Dorothea fez-lhe aquilo para diversão da sua assembleia.

— Tens a certeza?

— Eu estava presente, Senhor Supremo. Nada pude fazer por ele a não ser iludir as drogas que lhe deram para o manter consciente e fazê-lo perder os sentidos. A sua família tratou-o durante uns tempos mas muitos encontram-se a servir a tempo inteiro. Logo que a notícia se espalhasse – e Dorothea garante sempre que assim seja – Jazen seria considerado impuro porque, *claro está*, tal não teria acontecido se não o merecesse. Se tivesse ficado junto à sua família, também eles perderiam os seus postos. É um bom homem e é leal. Merecia muito mais do que aquilo que lhe aconteceu.

— Compreendo — disse Saetan, calmamente. Endireitou-se. — Expliquei a situação a Beale. Tomará conta do assunto.

— Até que ponto terás de o informar? — perguntou Daemon, preocupado.

— Direi apenas que a mutilação foi injustificada.

Daemon sorriu amargamente. — Crês realmente que isso irá mudar a opinião dos outros criados em relação a Jazen? Que irão acreditar?

— Não, mas irá suspender o julgamento até que a Senhora regresse. — Saetan tomou um ar solene. — Mas tens de compreender, Príncipe. Se Jaenelle se virar contra ele, não há nada que possas fazer ou dizer, nem eu, nem ninguém, que possa fazer diferença. Em Kaeleer, logo que ponhas o pé fora da Pequena Terreille, a Feiticeira é a lei. As suas decisões são irrevogáveis.

Daemon ponderou e, de seguida, acenou afirmativamente com a cabeça. — Aceitarei a decisão da Senhora. — Ao seguir Saetan até à sala de jantar, não conseguia deixar de desejar que a mulher em que Jaenelle se tornara não fosse muito diferente da criança que recordava – e que tinha amado.

## 2 / Kaeleer

O coração do Senhor Jorval saltava-lhe no peito ao regressar à sala onde o aguardava o homem de cabelo ruivo e olhos cinzentos. Sentou-se atrás da secretária e entrelaçou as mãos para encobrir o tremor da excitação.

— Já descobristes o destino da minha sobrinha? — perguntou Philip Alexander.

— Sim, descobri — respondeu Jorval, solenemente. — Quando me explicastes as relações familiares, fiquei com uma ideia onde procurar.

Philip agarrou os braços da cadeira com uma tal força que poderia partir a madeira. — Assinou contrato com uma corte da Pequena Terreille?

— Infelizmente, tal não aconteceu — disse Jorval, esforçando-se por colocar a dose certa de compaixão na voz. — Tendes de compreender, Príncipe Alexander. Não tínhamos forma de saber quem era. Dois membros do Conselho lembram-se de ouvi-la dizer que procurava a irmã, mas partiram do princípio que a irmã imigrara anteriormente – e, de certa forma, assim foi. Porém, nunca chegou ao Conselho das Trevas um registo da origem de Jaenelle Angelline, antes de o Senhor Supremo ganhar a sua tutela. Não havia razão para estabelecerem uma ligação entre as duas mulheres e, quando se começaram a aperceber do significado das suas indagações, já era demasiado tarde.

— O que significa ‘demasiado tarde’? — perguntou Philip ríspidamente.

— Foi... persuadida... a assinar contrato com o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih – que é Lucivar Yaslana.

Jorval sentiu-se animado ao observar Philip a empalidecer. — Vejo que já ouvistes falar dele. Podeis, pois, compreender o perigo que corre a vossa sobrinha. E não se fica por Yaslana, pese embora já seja bastante cruel. — Fez uma pausa, permitindo que Philip engolisse o anzol bem como o isco.

— Está encurralada pelos três, não é verdade? Está encurralada entre Yaslana, Sadi e o Senhor Supremo – tal como Jaenelle.

— Sim. — Jorval suspirou. — Segundo nos foi dado a saber, Yaslana levou-a para o Paço dos SaDiablo em Dhemlan. Quanto tempo aí permanecerá... — Estendeu as mãos num gesto de impotência. — Poderá surgir alguma oportunidade de a retirar do Paço, mas logo que a levem para as montanhas que rodeiam Ebon Rih, não é provável que a volteis a recuperar – pelo menos enquanto ainda restar algo dela que mereça o risco.

Philip afundou-se na cadeira.

Jorval limitou-se a esperar. Por fim, disse: — Desta vez, não há nada que o Conselho das Trevas possa fazer oficialmente para vos ajudar. No entanto, oficiosamente, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para recuperar Jaenelle Angelline e Wilhelmina Benedict para a família legítima de ambas.

Philip levantou-se como um homem que fora sujeito a um espancamento brutal. — Agradeço-vos, Senhor Jorval. Transmitirei estas informações à minha Rainha.

— Que as Trevas vos guiem e vos amparem, Príncipe Alexander.

Jorval aguardou um minuto depois de Philip sair, antes de se recostar

na cadeira e suspirar, satisfeito com o encontro. Graças às Trevas que Philip era Príncipe. Ficaria preocupado e a matutar, mas, ao contrário de um Príncipe dos Senhores da Guerra, *regressaria* para junto de Alexandra Angelline e acataria a sua decisão. E a sorte que tivera por Philip não se lembrar de perguntar se Yaslana servia uma Rainha – ou quem era ela. Como é óbvio, mentiria se tal lhe fosse perguntado, mas não deixava de ser interessante que Philip não tivesse considerado, nem por um momento, que Jaenelle pudesse ser uma Rainha com um poder descomunal a ponto de controlar os machos da família SaDiablo.

E quanto a Alexandra Angelline... Seria um instrumento útil para distrair o Senhor Supremo e para dividir as lealdades na corte de Ebon Askavi – desde que não se apercebesse da *verdadeira* importância de afastar Jaenelle da Corte das Trevas.

### 3 / Kaeleer

Daemon vagueava pelos quartos do primeiro andar do Paço, reparando distraidamente na função de cada divisão, com a mente repleta de impressões recebidas durante o pequeno-almoço. Ao chegar a uma porta que dava para um dos pátios a céu aberto, saiu e começou a caminhar devagar, na esperança de que o ar fresco e a vegetação o ajudassem a desanuviar a cabeça.

Esperava encontrar a sala de refeições cheia de gente. Afinal, os *eyrie*nos queriam comer antes de se dedicarem aos planos que Lucivar lhes destinara. E esperara que Khardeen e Aaron ali estivessem e que reparassem e compreendessem no anel de Consorte, entendendo o seu significado. Estava preparado para essa situação. Mas *não* estava preparado para os *outros* machos que constituíam o Primeiro Círculo.

Estava presente Sceron, o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha de Centauran. O centauro de pêlo escuro ficara junto à mesa de refeições, a saborear uma omeleta de vegetais e a conversar com Morton, um Senhor da Guerra loiro e de olhos azuis, de Glacia. Estava também presente Jonah, o Senhor da Guerra de Jóia Verde, um sátiro cujo pêlo escuro o cobria da cintura aos cascos abertos em dois, mas que não cobria na totalidade as partes ostensivamente masculinas. Ali se encontrava também Elan, um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha de Tigrelan, cuja pele era trigueira e raiada a negro e cujas mãos terminavam em garras recolhidas. Ao observar Elan, Daemon apostaria que o homem tinha mais em comum com o gato às riscas escuras que vislumbrara da janela do que apenas traços físicos.

E ainda lá estava Chaosti, o Príncipe Dea al Mon dos Senhores da



Guerra de Jóia Cinzenta, com o comprido cabelo loiro-prateado, orelhas delicadamente pontiagudas e enormes olhos de um tom azul-floresta. Todos os instintos territoriais de Daemon subiram à superfície, bramindo, quando pousou os olhos em Chaosti – talvez porque Chaosti era o tipo de homem que poderia ser um adversário assombroso, independentemente das Jóias que usava, ou talvez por Daemon ver um pouco mais do que queria de si próprio nesse outro homem. Somente a presença de Saetan evitou que os cumprimentos cáusticos se transformassem num confronto aberto. Esse encontro deixara-o nervoso e demasiadamente consciente da sua própria fragilidade interior.

Logo a seguir, chegou o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Cinzenta e que se apresentara como Mephis, o seu irmão mais velho. A sala inclinara-se ligeiramente quando Daemon se apercebeu que, como filho primogénito de Saetan, Mephis era demónio-morto há mais de 50.000 anos. Estava convicto de que se conseguiria equilibrar se, nesse momento, o Príncipe Andulvar Yaslana e o Senhor Prothvar Yaslana não tivessem entrado, provocando a comoção colectiva dos machos eyrienos que se aperceberam das suas identidades – e que, posteriormente, se aperceberam *o que* eram – e essa comoção atingiu-o como uma carroça desgovernada. Depois de varrerem com o olhar os eyrienos intimidados e dirigindo um comentário ao Senhor Supremo, o Príncipe dos Senhores da Guerra demónio-morto bem como o seu neto saíram da divisão.

Nessa altura, Daemon ansiava sinceramente por conhaque em vez de café – um desejo que deveria ser notório. O líquido de uma garrafa de prata que Khardeen lhe deitara no café não era conhaque, mas toldara-lhe os nervos, permitindo-lhe comer.

Ainda demasiado abalado para apreciar a refeição, tinha acabado de terminar o seu modesto pequeno-almoço quando Surreal entrou de rompante, resmoneando algo sobre demorar mais tempo do que o previsto “para nos escovar”. Parecera chocada ao deparar-se com Chaosti, a única pessoa que alguma vez vira pertencente à raça da mãe, contudo, no momento em que Chaosti se dirigiu a ela, Surreal cerrou os dentes e anunciou que o próximo macho que se aproximasse dela antes de tomar o pequeno-almoço iria provar o gosto da lâmina de uma faca.

Pelo menos, Surreal desfrutara de um pequeno-almoço sossegado e sem interrupções.

Estava prestes a sair quando uma feiticeira alta e esguia, de cabelo loiro esbranquiçado e espetado entrou na sala, olhou para Daemon e disse, tão alto que devia ter sido ouvida em todo o Paço: — Fogo do Inferno, *é Viúva Negra!*

Que era Viúva Negra natural – e, para além de Saetan, o *único* macho Viúva Negra – fora algo que conseguira manter em segredo durante sécu-

los, desde que o corpo atingira a maturidade sexual, tal como conseguira esconder o dente de serpente e a bolsa de veneno sob o dedo anelar da mão direita. O que quer que tivesse feito instintivamente para impedir que outra Viúva Negra o detectasse, fálhara agora redondamente, numa altura em que nada havia a fazer em relação a uma tal denúncia pública.

A tensão na sala dissipou-se quando Saetan respondeu placidamente: — Bem, Karla, *é* meu filho e *é* o Consorte.

A surpresa da feiticeira transformou-se numa reflexão arguta. — Oh — exclamou. Nesse caso... — Floresceu lentamente um sorriso perverso. — Beijinho, beijinho.

Passando por Lucivar, Daemon fugiu da sala de refeições e passara a última hora a deambular pelo Paço, tentando controlar os pensamentos e as emoções desinquietas.

— Estás perdido?

Daemon olhou de soslaio para Lucivar que estava encostado à soleira de uma porta. — Não estou perdido — retrucou. Parou de andar e suspirou. — Mas estou muito confundido.

— Claro que estás. És macho. — Com um sorriso de orelha a orelha face ao resmoneio de Daemon, Lucivar caminhou para o pátio. — Por isso, se uma das queridas da assembleia se oferecer para te explicar, não aceites. Tentará ajudar-te, com a maior boa vontade, mas quando terminar de te “desconfudir”, estarás a bater com a cabeça nas paredes e a lastimares-te.

— Porquê?

— Porque para cada cinco regras que aprendeste em Terreille sobre o comportamento adequado de um macho, os Sangue de Kaeleer só conhecem uma – e todos têm interpretações díspares.

Daemon encolheu os ombros. — Obediência é obediência.

— Não, não é. Para os machos dos Sangue, a Primeira Lei é honrar, estimar e proteger. A segunda é servir. A terceira é obedecer.

— E se a obediência interferir com as primeiras duas leis?

— Manda-a pela janela.

Daemon pestanejou. — Tens-te safado com isso?

Lucivar coçou a nuca e ficou com um ar pensativo. — Não é bem uma questão de me safar. Para os Príncipes dos Senhores da Guerra, é quase um requisito do serviço na corte. No entanto, se ignorares uma ordem do Administrador ou do Guarda-Mor, tens de te certificar de que consegues justificar as tuas ações e tens de estar disposto a aceitar as consequências caso não aceitem essa justificação, o que é raro. Eu tenho arranjado mais problemas com o Senhor Supremo como meu pai do que como Administrador.

Pai. Administrador. Os laços da família e da corte.

— Porque é que ainda estás aqui, Bastardinho? — perguntou Daemon

circunspectamente. — Porque é que não estás no campo de treinos a observar os guerreiros que seleccionaste?

— Estava à tua procura porque *não* apareceste no campo de treinos. — Lucivar mexeu-se ligeiramente, equilibrando o peso.

*Ainda não*, pensou Daemon. *Agora não*. — E porque temos assuntos por resolver — disse devagar.

— E porque temos assuntos por resolver. — Lucivar inspirou fundo e expirou lentamente. — Acusei-te de teres assassinado Jaenelle. Acusei-te de coisas ainda mais infames. Estava errado e isso custou-te a sanidade e oito anos de vida.

Daemon desviou os olhos da mágoa e da tristeza nos olhos de Lucivar. — Não tiveste culpa — disse compassivamente. — Eu já estava debilitado.

— Eu sei. Eu percebi — e usei esse facto como arma.

Recordando-se da discussão entre os dois naquela noite em Pruul, Daemon fechou os olhos. A fúria de Lucivar não o magoara tanto como o seu próprio receio de que as acusações pudessem ter um cunho de verdade. Se tivesse a certeza sobre o que se passara no Altar de Cassandra, a discussão teria terminado de forma diferente. Lucivar não teria passado mais anos nas minas de sal de Pruul e ele próprio não teria passado oito anos no Reino Distorcido.

Daemon abriu os olhos e olhou para o irmão, percebendo por fim que Lucivar não estava a desafiá-lo para um confronto mortal por algo que *Daemon* tivesse feito, mas como ressarcimento pelo que sofrera no Reino Distorcido. Oh, Lucivar lutaria, e lutaria afincadamente pois tinha que ter em consideração uma esposa e um filho pequeno, mas não hesitaria se *Daemon* o exigisse, mesmo sabendo qual seria o resultado quando a Ébano-Acinzentada defrontava a Negra.

Sabia também a razão pela qual Lucivar estava a forçar a questão. Não queria que a esposa e o filho pesassem na balança, não queria que *Daemon* tivesse tempo para desenvolver sentimentos por eles antes de tomar a decisão. Seguindo as tradições antigas dos Sangue, se perdoasse a dívida neste momento, não poderia exigir ressarcimentos posteriores. Caso contrário, desconfiariam sempre um do outro, teriam sempre a necessidade de tomar precauções enquanto aguardavam o ataque inesperado.

E, de certa forma, não tinha a dívida já sido cobrada? Os anos que passara no Reino Distorcido contrabalançaram os anos que Lucivar passou nas minas de sal, em Pruul. O seu pesar pela pretensa morte de Lucivar contrabalançava o pesar de Lucivar pela pretensa morte de Jaenelle às mãos de *Daemon*. E se as posições estivessem trocadas, teria acreditado noutra versão ou teria agido de forma diferente?

— É esse o único assunto por resolver entre nós? — perguntou *Daemon*.

Lucivar acenou coma a cabeça, cautelosamente.

— Então, esquece, Bastardinho. Já sofri uma vez a perda do meu irmão. Não quero voltar a passar por isso.

Observaram-se mutuamente durante um minuto, pesando tudo o que estava para além das palavras. Por fim, Lucivar descontraiu-se. O seu sorriso era indolente, arrogante e tão irritantemente familiar que Daemon sorriu também.

— Nesse caso, Bastardolas, estás atrasado para o treino — disse Lucivar, gesticulando na direcção de uma porta.

— Morde aqui a ver se eu deixo — resmungou Daemon, acompanhando-o.

— Não é uma boa sugestão, meu velho. Tenho tendências para morder, lembras-te? — Sorrindo, Lucivar massajou o braço. — E a Marian também. Fica agressiva quando está irritada.

Sentindo o afecto e o contentamento nos olhos de Lucivar, Daemon reprimiu impiedosamente uma vaga de inveja.

Chegados a uma porta exterior, dirigiram-se aos eyrienos reunidos na extremidade mais distante do extenso relvado.

— Já agora — disse Lucivar, — enquanto andavas a ruminar...

— Não andava a ruminar — resmungou Daemon.

— ... perdeste a diversão desta manhã.

Daemon cerrou os dentes. Não iria perguntar. Não o faria. — Que diversão?

— Estás a ver o lobo sozinho com ar envergonhado?

Daemon olhou para o animal de pêlo cinzento a observar um grupo de mulheres que praticava uma espécie de exercício com bastões eyrienos. — Sim.

— O Colmilho Cinzento quer ser amigo de Surreal. É jovem e ainda não tem muita experiência com humanos, em especial com as fêmeas. Ao que parece, numa tentativa de reforçar essa amizade e melhorar a compreensão das fêmeas, juntou-se a Surreal enquanto estava no duche. Como estava com a água a correr, não se apercebeu da sua presença até lhe enfiar o focinho onde não devia.

— Isso teria contribuído para um melhor entendimento das fêmeas — disse Daemon friamente.

— Exactamente. Depois, quando se lamentou por ter sabonete no pêlo, Surreal arrastou-o até ao duche e lavou-o. E agora cheira a flores.

Daemon mordeu o lábio. — Isso remedeia-se facilmente.

Lucivar pigarreou. — Sim, normalmente, mas logo que saíram, ela ameaçou dar-lhe um açoite caso se sujasse.

— Tudo tem um preço — disse Daemon, com a voz abafada. Reparar-

do na mulher com quem Surreal estava a falar, deu uma violenta cotovelada a Lucivar. — É sensato que Marian esteja a fazer algo tão extenuante no seu período da lua?

Lucivar silvou. — Não comeces. — Parou e observou as mulheres com os olhos semicerrados. — Disse-lhe que podia fazer a série do exercício de aquecimento. Sorrateiramente, fará mais qualquer coisa, com a desculpa de estar a demonstrar movimentos, mas depois vai-lhe saber bem repousar.

Daemon olhou para as mulheres e depois para Lucivar. — Disseste à tua mulher o que podia fazer?

— É claro que não disse à minha mulher — disse Lucivar, indignado. — Tenho cara de parvo? Foi o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih que disse a uma mulher que vive no seu território.

— Ah. Assim é diferente.

— Podes crer que é. Se dissesse à minha mulher, tentaria rachar-me a cabeça com um bastão.

Daemon riu-se enquanto retomaram o caminho na direcção dos guerreiros eyrienos. — Agora *tenho* pena de ter perdido isso.

Lucivar centrou a atenção em Falonar e em Rothvar, que entraram naquele momento na arena de treino, ao mesmo tempo que Daemon observava Surreal e Marian a executarem alguns movimentos.

— Quem é? — perguntou Daemon quando a feiticeira de cabelo espetado se juntou às outras mulheres.

Lucivar olhou de relance para as mulheres e voltou a centrar a atenção nos guerreiros eyrienos. — É Karla, a Rainha de Glacia. É Viúva Negra e Curandeira. Uma das três que possui o dom tríplice.

*Um dom tríplice e uma língua-de-trapos*, pensou Daemon sorumbaticamente.

— Hoje estás dispensado do treino, mas amanhã espero que sejas pontual — disse Lucivar.

Daemon falou precipitadamente. — *Não* me vou exercitar com bastões contra guerreiros eyrienos.

Lucivar resfolegou e olhou para os pés de Daemon. — Tenho um par de botas que te devem servir até mandares fazer umas para ti.

— Não o farei.

— Até que a transferência oficial esteja concluída, é a mim que pertence o contrato que assinaste, meu velho. Não tens escolha.

Daemon praguejou baixinho, perversamente.

Lucivar começou a afastar-se para falar com Falonar.

— Dá-me uma boa razão para que eu me sujeite a isto — exigiu Daemon, de dentes cerrados.

Lucivar virou-se. — Tens a noção da minha destreza com os bastões eyrienos? — perguntou serenamente.

— Já te vi.

— Jaenelle põe-me a comer terra. — Lucivar sorriu de orelha a orelha ao ver a boca aberta de Daemon. — Não é frequente, posso garantir-te, mas já o fez.

Daemon matutou naquela informação preciosa enquanto Lucivar falava aos machos eyrienos. Pensou com afínco. Quando Lucivar regressou, com um olhar interrogativo, despiu o casaco, enrolou as mangas da camisa e rosnou: — Onde estão as malditas botas?

#### 4 / Kaeleer

Aconchegando um pouco mais o xaile que a envolvia, Alexandra Angelline enrolou os braços à volta da cintura enquanto olhava pela janela da estalagem com vista para o recinto da feira de serviços. A chuva que começara a cair há uma hora não passava de um chuvisco que sujava a terra que tudo cobria em vez de uma carga de água que a arrastasse.

*Isto é Kaeleer?* pensou lugubrememente. *Este é o Reino das Sombras que tantos tentam desesperadamente alcançar?* Oh, seria decerto injusto julgar todo um Reino por um terreno que fora desgastado por centenas de pessoas que ali tinham aguardado, na esperança de serem escolhidas para um contrato de serviços. Mas sabia que, independentemente do que viesse a contemplar, seria sempre o que imaginaria quando alguém mencionasse Kaeleer.

Sentiu alguém aproximar-se, mas não se virou quando a filha, Leland, se juntou a ela à janela.

— Porque quereria Wilhelmina vir para este sítio? — murmurou Leland. — Ficarei satisfeita quando pudermos sair daqui.

— Não tens de ficar, Leland. Em especial porque Vania e Nyselle insistiram tão benevolentemente em me acompanhar.

— Não nos acompanham por lealdade — disse Leland serena mas amargamente. — Só queria uma oportunidade para ver o Reino das Sombras e sabiam que poderiam não conseguir entrar de outra forma.

Alexandra cerrou os dentes perante a verdade da observação de Leland, que a corroía. Vania e Nyselle, as duas Rainhas de Província que a acompanharam contrariadas a Hayll, tinham-se tornado maçadoras na solicitude demonstrada logo que anunciara a sua ida a Kaeleer, no encalço de Wilhelmina. Por isso, essas Rainhas e os respectivos Consortes acompanharam-na, juntamente com Philip e Leland para além de uma escolta de

cinco homens. Quatro dos membros da escolta tinham-na acompanhado desde Chaillot. O quinto, escolhido por Dorothea SaDiablo, fora “empresado” por uma das Rainhas de estimação de Dorothea, de outro Território. O homem arremetia-a, contudo Dorothea garantia-lhe que seria capaz de libertar Wilhelmina dos seus “captivos”, entregando-a depois a outro grupo de machos leais que a aguardavam em Kaeleer.

*Custa-me dizê-lo, expressara Dorothea, mas se conseguíres libertar apenas uma das tuas netas do controlo do Senhor Supremo, tem de ser Jaenelle. Ela representa o perigo para Terreille.*

Alexandra não acreditou por um único momento que Jaenelle não fosse mais do que um fantoche usado para camuflar quem quer – o que quer – que representasse a verdadeira ameaça para Terreille. Todavia, doces Trevas, esperava não ter de optar entre Wilhelmina e Jaenelle – pois no fundo do coração sabia qual a criança que deixaria para trás.

— Além disso — acrescentou Leland baixinho, — tenho de ficar. Sempre foi uma criança estranha, mas Jaenelle era... é... minha filha. Só de pensar que esteve sob o controlo daquele monstro durante todo este tempo... — Leland estremeceu. — Não há forma de saber o que lhe terá feito.

E não havia forma de saber o que lhe acontecera em Briarwood. Seria de veras mentalmente frágil ou teria aquele local provocado essa fragilidade? Não, decidiu com firmeza. As estadias de Jaenelle em Briarwood podem ter contribuído para o enfraquecimento de uma estabilidade já de si fragilizada, mas as excentricidades da criança constituíram a razão principal que levou à decisão de enviar a rapariga para Briarwood.

— O que vamos fazer? — perguntou Leland, discretamente.

Alexandra olhou por cima do ombro para as restantes pessoas que aguardavam, inquietas, a sua decisão. Philip, que perdera o autocontrolo diversas vezes enquanto relatava as informações transmitidas pelo Senhor Jorval, iria com ela, não somente por ter casado com Leland mas também por se preocupar genuinamente com Wilhelmina e Jaenelle. Vania e Nyselle também a acompanhariam para puderem conhecer Kaeleer em mais detalhe, para além deste terreno árido. Os Consortes e os acompanhantes seguiriam as Rainhas por dever. A curiosidade e o dever seriam suficientes contra algo como o Senhor Supremo?

Não importava. Aceitaria toda a ajuda oferecida.

Virando as costas à janela, disse: — Príncipe Alexander, fazes favor de tratar do transporte numa Carruagem, tão depressa quanto possível? Vamos ao Paço dos SaDiablo.

## 5 / Kaeleer

Na certeza de ter mais dores de músculos do que propriamente músculos, Daemon avançou com lentidão para o salão principal onde, de acordo com Beale, o Senhor Supremo aguardava.

Nunca mais. Nunca nunca mais. Deveria ter-se recordado do que significava “Vamos começar com calma”, deveria ter-se recordado que quaisquer outros exercícios não preparavam o corpo para os exercícios com armas eyrienas. Oh, se quisesse ser imparcial – e não tinha qualquer intenção de o ser num futuro próximo – Lucivar *começara* pelos exercícios básicos de aquecimento. Contudo, mesmo ao ritmo de treino, quando o parceiro desse treino era Lucivar, *trabalhava-se* a sério.

Abriu uma porta na extremidade mais distante do salão principal e esqueceu-se dos músculos doridos ao ver Saetan a afastar o cabelo do rosto de uma atraente feiticeira dhemlana. Nesse gesto, havia ternura, bem como afecto. Conjecturando se estaria a fazer a interpretação correcta, avançou o mais discretamente possível.

A feiticeira reparou nele em primeiro lugar. Desorientada, deu um grande passo para trás e fitou-o de modo nervoso. Todavia, o que o deixou preocupado foi o rasgo de fúria que detectou do pai.

Nesse momento, Saetan virou-se, viu Daemon e descontraíu-se por um instante antes de se apressar ao seu encontro.

— O que te aconteceu? — inquiriu Saetan. — Estás ferido?

— O que me aconteceu foi o Lucivar — respondeu Daemon, entre dentes cerrados.

— Andaram embrulhados? — perguntou Saetan, num tom de voz ilusoriamente indiferente, ao qual estava subjacente a desaprovação paternal.

— Não andámos embrulhados, estivemos a treinar. Mas fico encantado por alguém, para além de mim, ter dificuldades em compreender a distinção.

A feiticeira afastara-se deles e começara a emitir sons bizarros. Quando se virou, os seus olhos dourados estavam animados pelo riso. — Perdóem-me — disse, não parecendo minimamente arrependida. — Tendo sido receptora da instrução de Lucivar, compartilho dessa sensação.

— E qual o motivo para efectuares exercícios de armas com Lucivar? — perguntou Saetan.

— Porque sou imbecil. — Daemon ergueu a mão para afastar o cabelo da testa. O braço ficou imobilizado a meio caminho, sem acção. Baixou o braço devagar, agradecido por conseguir fazer esse movimento. — Anseio por estar presente da próxima vez que Jaenelle o fizer comer terra.

— E quem não anseia? — murmurou a feiticeira.



Saetan soltou um suspiro arreliado. — Sylvia, este é Daemon Sadi. Daemon, esta é a Senhora Sylvia, Rainha de Halaway.

Sylvia arregalou os olhos. — Este é o *rapaz*?

Daemon crispou-se até Saetan lhe dar um brusco toque mental.

— “Rapaz” é um termo relativo — disse Saetan.

— Com certeza que é — respondeu Sylvia, tentando disciplinar o rosto numa expressão adequada.

Saetan limitou-se a contemplá-la.

— Bem — disse Sylvia com demasiada vivacidade, — vou cumprimentar a assembleia e deixar que os dois resolvam o assunto.

— Vais emprestar-me o livro? — perguntou Saetan, formando nos lábios um sorriso sabedor e malicioso.

— De que livro falas, Senhor Supremo? — indagou Sylvia, tentando parecer inocente, ao mesmo tempo que corava a uma velocidade vertiginosa.

— Aquele que não admites que leste.

— Oh, creio que não te despertará qualquer interesse — balbuciou Sylvia.

— Tendo em conta a tua reacção sempre que lhe faço referência, julgo que terei todo o interesse na sua leitura.

— Podes comprar um exemplar.

— Prefiro pedir-te o teu emprestado.

Sylvia fulminou-o com o olhar. — Empresto-te o livro na condição de *admitires* perante a *assembleia* que estás a lê-lo.

Saetan ficou em silêncio. As suas faces ficaram ligeiramente coradas.

Satisfeita, Sylvia sorriu afectuosamente para Daemon. — Bem-vindo a Kaeleer, Príncipe Sadi.

— Obrigado, Senhora — respondeu Daemon, cortesmente. — Conhecer-vos revelou-se extremamente educativo.

Saetan silvou. Sylvia não perdeu tempo em ausentar-se.

Logo que saiu, Saetan passou os dedos pelo cabelo, inspeccionando depois a mão vazia. — Consigo compreender a razão da queda do cabelo do pai dela — resmungou. — O meu vai ficando cada vez mais grisalho, e por isso, creio que devo ficar agradecido.

— É uma amiga? — perguntou Daemon, com malícia.

— Sim, é uma amiga — retrucou Saetan, realçando a última palavra. Franziu o sobrolho. — Anda, cria. Vamo-nos sentar antes que tombes.

Daemon seguiu obedientemente o pai até ao gabinete oficial, divertido e imensamente curioso em relação ao tom nervoso e defensivo na voz de Saetan.

Quando conseguiu que os músculos rebeldes vergassem o suficiente, permitindo que se sentasse, já Andulvar Yaslana se juntara aos dois.

— Não estiveste mal para um principiante — disse Andulvar.

— Logo que recupere os movimentos, vou esborrachar-lhe a cabeça — resmungou Daemon.

Saetan e Andulvar trocaram um olhar divertido.

— Ah — exclamou Saetan, — os séculos podem ir e vir, mas o sentimento não muda.

— Foram essas as palavras que usaste da primeira vez que tu e Lucivar andaram à pancada — disse Andulvar.

Daemon examinou os dois homens com os olhos semicerrados.

— Eram os dois cerca de dois anos mais velhos do que Daemonar — disse Saetan. — Encontrei com uma vara comprida que tinha o diâmetro adequado à mão de uma criança, cortado ao meio, e foi então que Lucivar se empenhou em mostrar-te os exercícios que andava a praticar.

— Sempre demonstrou um talento natural para as armas — disse Andulvar, — embora com aquela idade não fosse muito eficaz na explicação dos exercícios.

— Por isso — prosseguiu Saetan, — lá conseguiu dar umas boas varadas e tu, por sorte ou temperamento, conseguiste igualmente dar um par de varadas. Nessa altura, os dois puseram de lado os bastões e começaram a usar os punhos. Manny acabou com a diversão lançando-vos um balde de água fria.

Daemon teve de se esforçar deliberadamente para não se contorcer. — Vais passar o tempo nisto? — rosnou para Saetan.

— Nisto? — perguntou Saetan, ternamente.

— Debitar episódios embaraçosos da minha infância.

Saetan limitou-se a sorrir.

— Anda, cria — disse Andulvar. — Precisas de um banho quente, de uma massagem e de algo para comer. A manhã ainda agora começou e tens o resto do dia à tua frente.

O rosnado de Daemon converteu-se num ganido quando Andulvar o levantou pelas costas da camisa.

— Um momento — disse Saetan, serenamente.

Detectando a alteração no estado de espírito, Daemon virou-se, encarando Saetan de frente. — Mandaste chamar-me.

Saetan observou Daemon durante um minuto. — Recebi um pedido. Se tencionas ou não honrá-lo, é uma escolha que te cabe a ti. Caso decidas que não estás preparado ou que não o desejas realizar de todo, tentarei explicar.

Daemon sentiu gelo a correr-lhe nas veias, mas resistiu ao impulso de ceder à raiva gélida. Tinha muito a aprender sobre dar e receber entre os machos e as fêmeas de Kaeleer. Não deveria partir do princípio que um pedido neste local tinha o mesmo significado de um pedido em Terreille.

— Qual é o pedido?

Saetan proferiu com delicadeza: — A tua mãe gostaria de ver-te.

## 6 / Kaeleer

Bebendo uma chávena de chá de ervas, Karla passeava pelos jardins interiores, na esperança de que o som da fonte a serenasse. Ergueu o olhar, apreensivamente, para as janelas do segundo andar do lado sul do pátio. Estaria Sadi lá em cima, a observá-la por detrás das finas cortinas?

*Fogo do Inferno, não deveria ter deixado escapar que é Viúva Negra.* Percebera-o no momento em que viu a fúria gelada nos olhos de Daemon. Todavia, estava transtornada pela teia entrelaçada que tecera dois dias antes e consumida pela tentativa de entender as imagens ocultas que vira... Bem, ter conhecido Daemon Sadi explicara, sem dúvida, muitas dessas imagens. Vira o Senhor Supremo a olhar-se ao espelho, mas o reflexo não era o dele. Vira verdades protegidas por mentiras. Vira uma Viúva Negra de Jóia Negra a tornar-se inimigo para poder manter-se amigo. E vira a morte suspensa por um anel. A sua própria morte.

Perturbada pela incapacidade de interpretar a visão do Senhor Supremo, começara a questionar-se se, de alguma forma, não teria compreendido erroneamente a teia entrelaçada. Agora, as dúvidas tinham-se amontoado.

Esvaziou a chávena e suspirou. Restava mais uma coisa que devia esclarecer antes do regresso de Jaenelle – para o bem de todos.

Daemon pegou no casaco preto que estendera na cama e voltou a deitar-se ao ouvir novamente as batidas, um pouco mais fortes desta vez. Estava alguém no exterior da porta em vidro da varanda da sala de estar.

Deixando o casaco, dirigiu-se à sala de estar, afastou a cortina e fitou a feiticeira de cabelo espetado, à espera na varanda. O primeiro impulso foi o de largar a cortina e ignorá-la. Não desejava a presença física ou o odor psíquico de Karla nos seus aposentos. Não queria que ninguém se interrogasse acerca dos motivos que o levavam a receber outra mulher antes de ser formalmente aceite pela Rainha.

Não queria saber se era Rainha de Território. Contudo, o facto de fazer parte do Primeiro Círculo da corte de Jaenelle era de *extrema* importância.

Relutante, abriu a porta e recuou para a deixar passar.

— Tenho um compromisso dentro de alguns minutos — disse, friamente.

— Vim desculpar-me — disse Karla. — Não demorarei muito. Não tenho muito jeito para desculpas, por isso tento encurtá-las.

Daemon enfiou as mãos nos bolsos das calças e aguardou.

Karla respirou fundo. — Não deveria ter anunciado que pertencias à Ampulheta de forma tão pública. De qualquer forma, o Primeiro Círculo seria informado, mas não devia tê-lo dito tão bruscamente. Pensava noutras questões que me vinham a confundir, e quando te vi... — Encolheu os ombros.

— Como soubeste? Em Terreille, ninguém se apercebeu.

Os seus lábios curvaram-se. — Bem, duvido que algum deles tenha passado os últimos dez anos a aborrecer o Tio Saetan. Quem, como nós, assim o fez, daria conta das similaridades dos vossos odores psíquicos e chegaria à conclusão certa.

Daemon pestanejou. — *Tio Saetan?*

Terminou a curvatura dos lábios no característico sorriso perverso. — Adoptou Jaenelle e todos nós adoptámos Saetan. Viemos passar um Verão e nunca mais regressámos verdadeiramente a casa. Podes imaginar como ficou entusiasmado quando percebeu que ganhara dez feiticeiras adolescentes em vez de uma única – e os rapazolas também, é claro.

— É claro — disse Daemon, debatendo-se para não sorrir. — Que surpresa.

— Mmm. Nesse primeiro Verão, quando todos lhe caímos em cima, a assembleia especializou-se em tónicos calmantes. Era tão angustiante ouvi-lo lastimar-se.

Daemon abafou uma gargalhada para, logo de seguida, o divertimento se desvanecer. Era hábil, esta Rainha de olhos azuis como o gelo e cabelo loiro esbranquiçado e espetado. Deve ter percebido a sua vontade em ouvir histórias sobre a adolescência de Jaenelle.

Karla observou-o. — Se contribuir para que te sintas melhor, podes ameaçar esganar-me.

Ficou incapaz de falar por um momento. — Perdão?

— Nesta corte, é a forma aceite de um macho expressar contrariedade em relação a uma feiticeira.

— Consideram admissível a ameaça de esganar uma mulher? — Daemon inquiriu, convicto de ter percebido mal.

— Desde que seja enunciado de forma calma para que se saiba que não pretende fazê-lo.

*Um macho que consiga manter-se calmo neste local deve ser possuidor de um grande autocontrolo*, pensou Daemon. Massajou a testa e começou a perceber a advertência de Lucivar quanto às explicações dadas pelas feiticeiras da assembleia.

— Não vos incomoda que Lucivar vos ameace? — perguntou Daemon. Visto que Lucivar normalmente mantinha a calma ao ameaçar al-

guém, só um tolo não o levaria a sério.

Karla crispou os ombros. — Oh. Bem. *Lucivar*. Raramente nos dirige a palavra quando está agastado connosco. Limita-se a pegar em nós e a mandar-nos para o charco de água mais próximo. — Fez uma pausa. — Se bem que, para ser justa...

— Ser justa, para quê? — resmungou Daemon.

— Passaste a manhã com ele, não foi? — disse Karla, sabedora. — Se for uma tina de água ou uma fonte, ele mergulha-nos em vez de nos mandar para que não nos magoemos. Porém, é o *Lucivar*. Desencorajamos com veemência outros machos de adquirirem esse hábito em particular.

— Se assim não fosse, estariam ensopadas a maior parte do tempo — murmurou Daemon, entre dentes.

Antes de Karla conseguir responder ao comentário, Morghann, a Rainha de Scelt – a Rainha de cabelo ruivo com quem se cruzara de manhã – e Gabrielle, a Rainha dos Dea al Mon, bateram simbolicamente na porta da varanda antes de entrarem.

— As portas da assembleia dão todas para este jardim interior, por isso é mais rápido usar as portas das varandas em vez de dar a volta por dentro — disse Morghann ao mesmo tempo que Karla perguntava: — Onde está Surreal?

Gabrielle pôs o cabelo loiro-prateado por trás das orelhas pontiagudas e sorriu de orelha a orelha. — Chaosti reclamou-a sob o pretexto de mostrar-lhe o Paço. Ela ainda estava a resmungar que tinha de pedir desculpas ao Colmilho Cinzento por parecer demasiado realista quando ameaçou dar-lhe um açoite.

— Estava a explicar algumas regras a Daemon — disse Karla.

— Eu tenho realmente um compromisso — resmungou Daemon para, de seguida, dizer: — Entre — em voz alta, quando alguém bateu à porta da sala de estar.

Saetan entrou, passou os olhos pelas três mulheres e parou.

— Beijinho, beijinho — disse Karla.

— Íamos explicar as regras a Daemon — disse Morghann.

— Que as Trevas tenham piedade de Daemon — exprimiu Saetan, friamente.

— Vou buscar o casaco — disse, Daemon, não querendo deixar escapar uma oportunidade de se escapulir. O orgulho impedia-o de correr para o quarto. O senso comum fê-lo demorar-se mais do que o necessário, por isso, quando regressou à sala de estar, só Saetan o aguardava.

— Já foram atormentar outro? — perguntou Daemon, com azedume, ao saírem dos aposentos, começando a caminhar pelos corredores.

Saetan deu uma gargalhada abafada. — Por agora.

Daemon hesitou. — Quiçá seja melhor explicares-me essas regras.  
— Vou providenciar um livro de Protocolo de corte para reveres.  
— Não, o que quero dizer são as regras próprias desta corte. Como...  
— Não quero saber — disse Saetan, serena mas firmemente.  
— Tens de saber. És o Administrador.  
— Exactamente. E se esta corte se rege por algumas regras das quais, ditosamente, não tive conhecimento nestes cinco anos como Administrador, não é agora que pretendo ser informado.

— Mas... — disse Daemon. O olhar implacável de Saetan deteve-o.  
— É uma atitude algo afectada.

— Do teu ponto de vista, talvez seja. Do meu ponto de vista, faz todo o sentido. És mais novo. Enfrenta a situação.

Antes de conseguir fazer um comentário do qual se pudesse arrependar, um pequeno cão castanho e branco correu na direcção de ambos e parou a alguns centímetros, com a cauda a abanar desenfreadamente num cumprimento fervoroso.

“Já chegou! O parceiro de Jaenelle chegou finalmente!”

Daemon ficou sem fôlego, não só por ter ouvido o cão falar, mas também por ter visto a Jóia Vermelha escondida no pêlo branco do pescoço.

— Daemon, este é o Senhor Ladvarian — disse Saetan. — Ladvarian, este é...

“Um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra” disse Ladvarian, saltitando à frente deles. “É um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra. Tenho de contar a Kaelas.” O cão correu pelo corredor, desaparecendo.

— Mãe Noite — disse Saetan, baixinho. — Anda. Vamos sair daqui antes que encontremos mais alguém. Já tiveste ensinamentos suficientes para o primeiro dia na corte.

— É parente — disse Daemon debilmente, seguindo Saetan. — Quando Lucivar disse que alguém chamado Ladvarian ficaria satisfeito por me ver, pensei... A não ser que se referisse a outrem?

— Não, é este Ladvarian. Ele próprio teria ido à feira de serviços procurar-te, mas os parentes não são muito bem recebidos na Pequena Terreille e não estava disposto a colocá-lo em perigo. A sua capacidade de explicar o comportamento dos parentes aos humanos e o comportamento dos humanos aos parentes fá-lo único. E a influência que exerce no Príncipe Kaelas não deve ser julgada de ânimo leve.

— Quem é Kaelas?

Saetan olhou-o de modo estranho. — Vamos deixar o Kaelas para outro dia.

Daemon observou a casinha arranjada e o pátio limpo. — Sempre quis que Tera vivesse num local deste género.

— Aqui, vive uma vida descansada — disse Saetan, abrindo a porta da frente. — Uma assistente Viúva Negra reside com Tera para lhe fazer companhia. E tem também o Mikal — acrescentou, enquanto seguiam o som de vozes até à cozinha.

Daemon entrou na cozinha, olhou de relance para o rapaz sentado à mesa da cozinha e, depois, fixou os olhos em Tera, que estava a resmonear para si própria, enquanto preparava comida.

O cabelo preto estava tão embaraçado quanto se recordava, mas o vestido verde-escuro estava lavado e parecia quentinho.

O rapaz engoliu à pressa um pedaço de bolinho de avelã antes de perguntar, num tom de voz desconfiado: — Quem é ele?

Tera levantou os olhos. Os seus olhos dourados encheram-se de alegria, fazendo com que sorrisse de modo radiante. — É o rapaz — disse, ao mesmo tempo que se lançava nos braços de Daemon.

— Olá, querida — disse Daemon, sentindo-se inundado pelo prazer de a rever.

— Não é um *rapaz* — disse o rapaz.

— Mikal — chamou Saetan, severamente.

Afastando-se de Daemon, Tera olhou para Mikal, depois novamente para Daemon. — É um grande rapaz — disse, com firmeza. Puxou Daemon para a mesa. — Senta-te. Há comida. Tens de comer.

Daemon sentou-se à frente do rapaz, que o considerava notoriamente como um rival inoportuno. — Não devias estar na escola?

Mikal rolou os olhos. — Não é dia de escola.

— Mas não deixaste de fazer as tarefas que a tua mãe te atribuiu *antes* de vires para aqui — disse Saetan, docilmente, aceitando o copo de vinho tinto que Tera lhe ofereceu, mas não desviando os olhos de Mikal.

Mikal contorceu-se sob aquele olhar informado e, por fim, murmurou entre dentes: — A maior parte.

— Nesse caso, depois de comermos, irei acompanhar-te até casa e poderás terminá-las — disse Saetan.

— Mas tenho de ajudar Tera a mondar o jardim — protestou Mikal.

— As ervas daninhas não fogem — disse Tera, serenamente. Olhou para os dois “rapazes”, franziu o sobrolho para os copos de leite que levava nas mãos e colocou os dois à frente de Mikal. Deu umas palmadinhas no ombro de Daemon. — Já tem idade para beber vinho.

— Graças às Trevas — murmurou Daemon.

A refeição passou-se com pouca conversa. Saetan quis saber como ia o trabalho escolar de Mikal, obtendo as respostas evasivas que já esperava.

Tersa tentou fazer comentários banais sobre a casa e o jardim, mas os comentários iam-se tornando cada vez mais incoerentes.

Daemon cerrou os dentes. Queria dizer-lhe para parar de tentar. Magoava vê-la esforçar-se tanto para caminhar na fronteira da sanidade mental por sua causa e a preocupação e o rancor nos olhos de Mikal perante o desmoronamento do controlo de Tersa feriam-no profundamente.

Saetan pousou o copo de vinho na mesa e levantou-se. — Vamos, cria — dirigiu-se a Mikal. — Vou levar-te agora a casa.

Mikal pegou rapidamente num bolinho de avelã. — Ainda não acabei a refeição.

— Leva-o contigo.

Quando saíram, ouvindo Mikal ainda a protestar vigorosamente, Daemon olhou para Tersa. — Como é bom voltar a ver-te — disse, ternamente.

Os olhos de Tersa encheram-se de mágoa. — Não sei ser tua mãe.

Pegou-lhe na mão. — Basta seres a Tersa. Foi sempre mais do que suficiente. — Sentiu que Tersa absorvia a aceitação, sentiu a tensão a abandonar-lhe o corpo.

Por fim, sorriu. — Estás bem?

Devolveu o sorriso e mentiu: — Sim, estou bem.

A mão de Tersa apertou a de Daemon. Os seus olhos ficaram desfocados, ficaram distantes e perspicazes. — Não — disse baixinho, — não estás. Mas irás ficar. — De seguida, levantou-se. — Anda. Vou mostrar-te o meu jardim.

## 7 / Kaeleer

Saetan mudou para uma posição sentada no sofá do seu gabinete. Não necessitava usar uma sonda psíquica para saber quem estava do outro lado da porta. O odor a medo foi suficiente. — Entre.

Wilhelmina Benedict entrou, hesitando a cada passo.

Observando-a, Saetan segurou as rédeas do seu temperamento com firmeza. Não era culpa dela. Há treze anos, era praticamente uma criança. Nada poderia ter feito.

Contudo, se Jaenelle não tivesse permanecido em Chaillot para proteger Wilhelmina, aquela última e horrenda noite em Briarwood não teria acontecido. Teria deixado a família que não compreendera nem prezara o que Jaenelle era. Teria vindo para Kaeleer, teria vindo ao *seu* encontro – e teria evitado a violenta violação que lhe deixara tantas e tão profundas cicatrizes emocionais.



Não era justo responsabilizar Wilhelmina, de alguma forma, pelo que acontecera a Jaenelle, porém não deixava de se sentir ressentido pela presença da rapariga na casa que lhe pertencia e pelo ressurgimento na vida da irmã.

— O que posso fazer por ti, Senhora Benedict? — Tentou, sem êxito, esconder a irritação.

— Não sei o que faça. — A sua voz era quase imperceptível.

— Em relação a quê?

— Todos os que assinaram contrato têm algo para fazer, mesmo que seja apenas elaborar uma lista das respectivas aptidões. Mas eu...

Retorceu as mãos com tanta força que Saetan crispou-se apiedado pelos ossos delicados.

— Odeia-me — disse Wilhelmina, com a voz a subir de tom devido ao desespero. — Todos aqui me odeiam e não sei porquê.

Saetan indicou-lhe a extremidade oposta do sofá. — Senta-te. — Aguardando o cumprimento da ordem, imaginou como teria conseguido esta mulher tão amedrontada e fragilizada emocionalmente fazer a viagem através de um dos Portões entre os Reinos, tentando, posteriormente, obter um contrato na feira de serviços. Quando Wilhelmina se sentou, Saetan disse: — Odiar é uma palavra demasiadamente forte. Ninguém aqui te odeia.

— O Yaslana odeia. — Enfiou os punhos no colo. — E vós idem.

— Não te odeio, Wilhelmina — disse serenamente. — Embora me sinta ressentido com a tua presença.

— Porquê?

Confrontado com o sofrimento e a desorientação da mulher, sentiu-se tentado a expressar a verdade sem rodeios, mas decidiu conceder-lhe a delicadeza da honestidade. — Porque és a razão pela qual Jaenelle não abandonou Chaillot com a brevidade necessária.

Ficou sobressaltado pela célere mudança de assustada em feroz, mas percebeu que não deveria ter-se alarmado. Devia ter procurado a base comum entre Wilhelmina e Jaenelle ao invés de deixar que o passado lhe tolhasse o pensamento.

— Sabeis onde encontrá-la, não é verdade? *Sabeis?*

Parecia prestes a arrancar-lhe a resposta aos safanões. Intrigado pela mudança, perguntou-se se seria realmente capaz de tentar.

— Neste preciso momento, não sei — disse, de modo tranquilo. — Mas em breve, estará de regresso a casa.

— A casa? — A ferocidade voltou a transformar-se em perplexidade, passando depois a reflexão ao passar o olhar pelo gabinete. — A casa?

— Sou o pai adoptivo de Jaenelle. — Não obtendo qualquer reacção, acrescentou: — Lucivar é seu irmão.

Saltou como se a tivesse picado com um alfinete. Os seus olhos azuis estavam repletos de algo semelhante a horror enquanto olhava estupefacta para Saetan. — Irmão?

— Irmão. Se te serve de consolo, embora ambos estejam relacionados com a mesma mulher, tu e Lucivar não têm qualquer relação um com o outro.

O alívio de Wilhelmina foi tão notório que quase fez Saetan rir.

— Ela gosta dele? — perguntou Wilhelmina, baixinho.

Não conseguiu evitar. Riu-se mesmo. — A maior parte do tempo. — Depois examinou-a. — É essa a razão que te trouxe a Kaeleer? Para procurar Jaenelle?

Anuiu. — Todos diziam que tinha morrido, que o Príncipe Sadi a matara, mas eu sabia que não era verdade. Ele nunca teria magoado Jaenelle. Julguei que fora viver com um dos seus amigos secretos ou com o seu professor. — Olhou-o como se estivesse a comparar o que via com algo que sabia. — Éreis vós, não éreis? Veio ter *convosco* para que a ensinásseis.

— Sim. — Aguardou. — O que vos levou a pensar em Kaeleer?

— Foi Jaenelle que me disse. Posteriormente. — Wilhelmina passou um dedo pela Jóia Azul-Safira. — Quando o Príncipe Sadi libertou as Jóias Negras para escapar aos hayllianos que vieram buscá-lo, ouvi Jaenelle a gritar “deixem-se ir, deixem-se ir”. E assim fiz. Quando terminou, dei comigo a usar uma Jóia Azul-Safira. Ficaram todos abalados pois julgavam que, de alguma forma, tinha realizado a Dádiva às Trevas. Mas a Jóia não me pertencia. Era de Jaenelle. Não conseguia fazer uso dela, mas protegia-me. Por vezes, quando estava assustada ou não sabia o que fazer, a Jóia sempre me ofereceu a mesma resposta: Kaeleer. Saí de casa porque o Bobby... — Cerrou os lábios e respirou fundo por duas vezes. — Saí de casa. Logo que completei vinte anos, realizei a Dádiva. E obtive esta Jóia. A outra desapareceu.

— E passaste estes últimos anos a tentar chegar aqui?

Hesitou. — Durante muito tempo, não me sentia preparada. Um dia, pus-me a pensar se *algum* dia estaria preparada. Por isso, vim de qualquer maneira.

O que significava que esta mulher tinha mais coragem do que aparentava.

— Diz-me, Wilhelmina — disse Saetan, docilmente. — Se, há treze anos, Jaenelle tivesse decidido deixar Chaillot e se te tivesse pedido que a acompanhasses, tê-lo-ias feito?

Demorou muito a responder. Por fim, relutante, disse: — Não sei. — Olhou ao seu redor, com um semblante triste. — Jaenelle pertence aqui. Eu não.

— És irmã de Jaenelle e uma feiticeira de Jóia Azul-Safira. Não faças

juulgamentos precipitados. — *Da mesma forma, também eu tentarei não fazer julgamentos precipitados.* — Além disso, terias tido uma opinião muito diferente deste lugar se nos tivesses visitado na altura em que aqui residiam dez feiticeiras adolescentes — acrescentou, com uma voz propositadamente pesarosa.

Arregalou os olhos. — Referis-vos às Rainhas que aqui estão?

— Sim.

— Oh, céus.

— É uma forma de o expressar.

Baixou a cabeça para abafar uma gargalhada. Quando se atreveu a voltar a olhar para Saetan, pôde ver que estava a ponderar, a reavaliar o Paço, bem como as pessoas que aí habitavam.

— Continuo sem nada para fazer — disse, vacilante.

A expectativa quase esperançosa presente nos olhos da mulher levou-o a compreender que dera um grande passo em direcção à aceitação de Saetan como patriarca da família — e esperando, por isso, que cumprisse os deveres inerentes a essa posição.

— Lucivar não disse *nada*? — perguntou, consciente de que a única razão pela qual Lucivar a trouxera era para afastá-la de quem quer que tentasse usar a relação que tinha com Jaenelle.

Pela primeira vez, um pedacinho de fúria tremeluziu-lhe no olhar. — Disse-me para tentar não desmaiar pois isso iria afligir os machos.

Saetan suspirou. — Vindo de Lucivar, foi quase uma delicadeza. Tem razão. Foi rude, mas não deixa de ter razão. Os machos reagem vigorosamente face à angústia feminina.

Wilhelmina franziu o sobrolho. — É por isso que aquele enorme gato às riscas anda sempre a seguir-me?

Saetan olhou para a porta do gabinete. Uma pergunta breve num fio psíquico masculino facultou-lhe a resposta. — Chama-se Dejaal. É filho do Príncipe Jaal. Autoproclamou-se teu protector até que te sintas à vontade com os outros machos do Paço.

— É parente? Ouvi histórias...

— Os Sangue da Pequena Terreille não acham grande utilidade aos parentes e os parentes ainda acham menos utilidade aos Sangue da Pequena Terreille — disse Saetan, para logo acrescentar em silêncio: *Excepto quando têm fome.*

Levantando-se, ofereceu a mão a Wilhelmina e conduziu-a até à porta. Invocou uma escova e ofereceu-lha. — Se queres ocupar-te com algo que nos ajudará a todos neste momento, leva Dejaal até um dos jardins exteriores e escova-o. Logo que te habitues à sua presença, talvez seja mais fácil permaneceres na nossa companhia.

— Se a intenção é tranquilizar-me, talvez fosse melhor dar uma escovada a Lucivar — disse, com um ligeiro indício de mordacidade.

Saetan desatou às gargalhadas. — Minha querida, se queres dar-te bem com Lucivar, mostra-lhe essa veia mordaz. Visto que viveu com Jaenelle durante os últimos oito anos, reconhecerá a sua essência.

## 8 / Kaeleer

— Tens a certeza que este é o caminho de regresso ao Paço? — perguntou Daemon ao esquivar-se a um ramo baixo.

“Saímos do caminho” disse Ladvarian. “Temos de atravessar o riacho e o caminho não tem ponte.”

— Não preciso de uma ponte para atravessar o riacho.

Ladvarian olhou para os sapatos de Daemon. “Irias molhar-te.”

— Sobreviveria — resmungou Daemon, entre dentes.

Quando deixou a casa de Tera, encontrara Ladvarian a aguardar para o acompanhar de volta ao Paço. Ao início, julgou que se poderia tratar de um tipo subtil de insulto, insinuando que não conseguia dar com o caminho sozinho. Posteriormente, quando Ladvarian se ofereceu para lhe mostrar um atalho entre Halaway e o Paço, julgou que estaria a ser-lhe preparada uma emboscada. Por fim, percebeu que o cão queria simplesmente passar algum tempo a conhecer o macho cujos deveres o tornavam numa parte importante da vida da Rainha.

Mas não gostava da impressão de que estava a ser rotulado como um humano que precisava de ser mimado.

Parou. — Olha, isto tem de parar. Posso não ser um guerreiro eyrie-no mas sou perfeitamente capaz de andar alguns quilómetros sem cair para o lado, consigo atravessar um riacho sem me molhar se assim o desejar e não preciso que uma bola de pêlos baixinha me trate como se não fosse capaz de sobreviver sem ser numa casa cheia de serviços. Percebes?

Ladvarian abanou a cauda. “Sim. Queres ser tratado como um macho de Kaeleer.”

Daemon rodou nos calcanhares e examinou o sceltita. — Foi isso que disse?

“Sim.” Ladvarian correu na diagonal. “Por aqui.”

Passado um minuto, chegaram ao riacho. Ladvarian avançou a passo rápido até à margem e saltou. Normalmente, deveria ter aterrado no meio do riacho mas continuou a deslocar-se e, ao pousar, ficou a pairar a trinta centímetros acima do chão, com uma careta canídea no focinho.